UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

VANESSA DA SILVA SANTOS

CRIATIVIDADE EM CONTEXTOS DE EMERGÊNCIA E RISCO: um estudo sobre o campo potencial de ação de bombeiros de atendimento pré-hospitalar.

Recife
2023

VANESSA DA SILVA SANTOS

CRIATIVIDADE EM CONTEXTOS DE EMERGÊNCIA E RISCO: um estudo sobre o campo potencial de ação de bombeiros de atendimento pré-hospitalar.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Psicologia Cognitiva.
Área de concentração: Psicologia Cognitiva.

Orientadora: Profa. Dra. Marina Assis Pinheiro

Recife
2023

Catalogação na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

S237c Santos, Vanessa da Silva.
Criatividade em contextos de emergência e risco : um estudo sobre o campo potencial de ação de bombeiros de atendimento pré-hospitalar / Vanessa da Silva Santos. – 2023.
122 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Profª. Drª. Marina Assis Pinheiro.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2023.
Inclui referências e apêndices.

1. Psicologia Cognitiva. 2. Criatividade. 3. Afeto (Psicologia). 4. Bombeiros. 5. Emergência. 6. Risco. I. Pinheiro, Marina Assis (Orientadora). II. Título.

153 CDD (22. ed.) UFPE (BCFCH2024-003)

VANESSA DA SILVA SANTOS

CRIATIVIDADE EM CONTEXTOS DE EMERGÊNCIA E RISCO: um estudo sobre o campo potencial de ação de bombeiros de atendimento pré-hospitalar.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Psicologia Cognitiva. Área de concentração: Psicologia Cognitiva.

Aprovado em 03 de agosto de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Marina Assis Pinheiro (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof. Dr. José Luiz de Amorim Ratton Júnior (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Profª. Drª. Euda Kaliani Gomes Teixeira Rocha (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Profª. Drª. Alessandra Ramos Castanha (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Profª. Drª. Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros (Examinadora Externa)
Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS

Profª. Drª. Lia da Rocha Lordelo (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

AGRADECIMENTOS

A Deus, Grande Mente Criativa do Universo, aos meus pais Amaro (in Memorian) e Geralucia, aos meus filhos Flávio Filho e Felipe Rafael, a todos os professores por quem passei desde a infância até aqui, especialmente minha orientadora Marina Assis Pinheiro, a Maria José apoio de toda hora, aos meus companheiros de jornada. Há muito de cada um de vocês neste trabalho. Meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Esta pesquisa investigou, em caráter exploratório, como a dimensão afetivo-cognitiva da experiência participa da construção dos significados na ação criativa em contexto de emergência e risco de bombeiros do atendimento pré-hospitalar. Buscou-se uma maior compreensão sobre como esse profissional perspectiva, cria ou adapta suas ações em relação ao previsto ou ao prescrito e como sustenta as suas deliberações e ações a partir de premissas que se apresentam como valorativas e afetivas. Adotamos a noção da criatividade como processo psicológico que se sustenta em dimensões subjetivas e culturais e que se constitui como forma muito particular de emergência do novo. O novo de que trata este estudo não pode ser entendido como “qualquer novo” produzido pela própria sucessão de eventos da vida cotidiana, mas como o novo que propicia uma diversidade de interpretação dos possíveis no campo de ação do sujeito, que transforma vidas e protocolos de ação cotidianos. Partiu-se do pressuposto de que a vida psicológica humana é mediada por signos e tem natureza afetiva. Estudo exploratório, idiográfico e na perspectiva da psicologia cultural, onde buscou-se a generalização da compreensão de processos criativos em situações de emergência e risco e a ampliação da compreensão da dinâmica afetiva neste contexto. Tivemos aporte teórico dos estudos sobre a criatividade de Glăveanu, na Teoria da Ação Simbólica de Ernest Boesch, dos estudos de Branco e Valsiner sobre os valores enquanto signos hipergeneralizados na cultura pessoal dos sujeitos e da noção de Ficção de Pinheiro e Simão. Os bombeiros do atendimento pré-hospitalar foram primeiramente entrevistados sobre suas histórias de vida, trajetória da carreira e impressões subjetivas acerca de ser bombeiro militar. Depois, foram instruídos a enviarem para a pesquisadora via aplicativo de mensagem, registros em forma de textos, áudios e fotos com descrições e reflexões acerca do serviço por um período de trinta dias. Ao final desse período, os participantes foram novamente entrevistados individualmente e em grupo sobre os registros feitos de modo a provocar reflexão. Foi realizada análise interpretativa dialógica dos dados a fim de ampliar a compreensão da dimensão afetivo-subjetiva da ação do sujeito em contexto de emergência e risco. Os achados demostram que nos momentos de quebras e descontinuidades do futuro perspectivado com potencial de interrupção da ação e comprometimento do alcance da meta, a qualidade técnica e as experiências anteriores, junto com o balizamento das dinâmicas afetiva e valorativa dentro de um “habitus” (conjunto de condições e

regras) se combinam para o surgimento da novidade em um processo de expressão da criatividade cotidiana improvisacional com objetivo de ajustar dinamicamente a ação superando obstáculos.
Palavras-chave: CRIATIVIDADE; AFETO; BOMBEIROS; EMERGÊNCIA; RISCO.

ABSTRACT

This research investigated, in an exploratory manner, how the affective-cognitive dimension of experience contributes to the construction of meanings in the creative action in the context of emergency and risk of pre-hospital care firefighters. It sought a deeper understanding of how these professionals approach, create or adapt their actions in relation to what is expected or prescribed, and how they support their deliberations and actions based on premises that are presented as evaluative and affective. We adopted the notion of creativity as a psychological process that is sustained by subjective and cultural dimensions, and that manifests as a very particular form of the emergence of the new. The new discussed in this study cannot be understood as just "any new" produced by the mere succession of events in everyday life, but as the new that allows for a diversity of interpretation of what is possible in the subject's field of action, transforming lives and everyday action protocols. We started with the assumption that human psychological life is mediated by signs and has an affective nature. This was an exploratory, idiographic study from the perspective of cultural psychology, where we aimed to generalize the understanding of creative processes in situations of emergency and risk, and broaden the understanding of the affective dynamics in this context. We had theoretical support from Glăveanu's studies on creativity, Ernest Boesch's Theory of Symbolic Action, Branco and Valsiner's studies on values as hyper-generalized signs in individuals' personal culture, and the notion of Fiction by Pinheiro and Simão. The pre-hospital care firefighters were first interviewed about their life stories, career trajectory, and subjective impressions about being a military firefighter. Then, they were instructed to submit to the researcher, via messaging app, records in the form of texts, audios, and photos with descriptions and reflections on the service for a period of thirty days. At the end of this period, the participants were individually and collectively interviewed again about the records made in order to provoke reflection. A dialogic interpretive analysis of the data was conducted to further understand the affective-subjective dimension of the subject's action in the context of emergency and risk. The findings demonstrate that in moments of disruption and discontinuity of the envisioned future, which have the potential to interrupt the action and compromise the goal's achievement, technical expertise and previous experiences, combined with the guidance of affective and evaluative dynamics within a habitus (set of conditions and rules), come together to give rise to

novelty in a process of everyday improvisational creativity aimed at dynamically adjusting the action and overcoming obstacles.
Keywords: CREATIVITY; AFFECT; FIREFIGHTERS; EMERGENCY; RISK.

SUMÁRIO

1	**APRESENTAÇÃO**	**12**
2	**O CONTEXTO: A ATIVIDADE BOMBEIRO MILITAR**	**17**
3	**A PSICOLOGIA CULTURAL DA DINÂMICA SEMIÓTICA**	**21**
4	**A NOÇÃO DE PERSPECTIVA EM GLĂVEANU E POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DE ERNEST BOESCH PARA A COMPREENSÃO DA DIMENSÃO AFETIVA DA CRIATIVIDADE**	**25**
4.1	HÁBITO, IMPROVISAÇÃO E INOVAÇÃO: TRÊS INSTÂNCIAS DA EXPRESSÃO CRIATIVA	28
4.2	CONTRIBUIÇÕES DE ERNEST BOESCH PARA O ESTUDO DA AFETIVIDADE NA AÇÃO CRIATIVA	33
4.2.1	**O Campo de Ação e o Potencial de Ação**	**35**
4.2.2	**Esquemas Afetivos**	**38**
4.2.3	**Mitos, mitemas, fantasias e fantasmas**	**41**
4.2.4	**Dinâmica afetiva da relação do sujeito com os objetos da experiência**	**43**
4.3	A FICÇÃO EM DIÁLOGO COM AS DIMENSÕES FANTÁSMICAS DO SUJEITO DA AÇÃO CRIATIVA	44
5	**SIGNIFICADOS SUBJETIVOS: CONTRIBUIÇÕES DE JEAN VALSINER**	**47**
6	**TEORIA DOS VALORES: CONTRIBUIÇÕES DE BRANCO E VALSINER**	**50**
7	**O CORPO COMO SER-NO-MUNDO: CONTRIBUIÇÕES DE MERLEAU-PONTI**	**54**
8	**OBJETIVOS**	**57**
8.1	OBJETIVO GERAL	57
8.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	57
9	**MÉTODO**	**58**
9.1	SITUAÇÃO DE PESQUISA	58
9.2	INSTRUMENTOS	62
9.3	PARTICIPANTES	63

9.4 ANÁLISE DOS DADOS..... 64
10 ANÁLISE DOS FRAGMENTOS: ENTREVISTA TORNAR-SE BOMBEIRO MILITAR..... 69
10.1 MARIA..... 70
10.2 FELIPE..... 74
10.3 SAUL..... 77
10.4 DANIEL..... 80
11 SÍNTESE DE PERFIS, TRAJETÓRIAS E VALORES..... 84
12 ANÁLISE DOS DIÁRIOS AUTOBIOGRÁFICOS..... 90
12.1 DIÁRIOS AUTOBIOGRÁFICOS DE MARIA..... 91
12.1.1 Trecho 1 do diário autobiográfico de Maria..... 91
12.1.2 Trecho 2 do diário autobiográfico de Maria..... 93
12.1.3 Trecho 3 do diário autobiográfico de Maria..... 94
12.2 DIÁRIOS AUTOBIOGRÁFICOS DE FELIPE 95
12.2.1 Trecho 1 do diário autobiográfico de Felipe..... 95
12.2.2 Trecho 2 do diário autobiográfico de Felipe..... 97
12.3 DIÁRIOS AUTOBIOGRÁFICOS DE SAUL..... 98
12.3.1 Trecho 1 do diário autobiográfico de Saul..... 98
12.3.2 Trecho 2 do diário autobiográfico de Saul..... 100
12.4 DIÁRIOS AUTOBIOGRÁFICOS DE DANIEL 102
12.4.1 Trecho do diário autobiográfico de Daniel..... 102
13 ANÁLISE DA ENTREVISTA COLETIVA..... 105
13.1 FRAGMENTO 1 DA ENTREVISTA COLETIVA..... 105
13.2 FRAGMENTO 2 DA ENTREVISTA COLETIVA..... 107
13.3 FRAGMENTO 3 DA ENTREVISTA COLETIVA..... 108
14 CONCLUSÕES..... 110
15 CONSIDERAÇÕS FINAIS..... 115
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTUTADA SOBRE O TORNAR-SE BOMBEIRO MILITAR (ENREVISTA 1) 120
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTUTADA SOBRE PRODUÇÕES DOS DIÁRIOS AUTOBIOGRÁFICOS (ENTREVISTA 2) 121

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTUTADA COM O GRUPO DE PARTICIPANTES (ENTREVISTA COLETIVA) 122

1 APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa “Criatividade em Contextos de Emergência e Risco: Um Estudo sobre o Campo Potencial de Ação de Bombeiros Militares Pernambucanos” teve por objetivo investigar em caráter exploratório como a dimensão afetivo-cogniti

va da experiência, participa da construção dos significados na ação criativa de bombeiros militares pernambucanos em contexto de emergência e risco.

Desenvolvido como tentativa de ampliação e aprofundamento da nossa primeira pesquisa, ainda no mestrado, intitulada Pilotagem Policial de Helicópteros e os Processos Criativos: desafios e vicissitudes sobre a emergência do novo (FRANÇA, 2019), este estudo lançou um olhar mais atento para a dinâmica afetiva e valorativa envolvida nos processos criativos em contextos de emergência e risco, que parece balizar as deliberações e ações dos sujeitos, sendo importante para o surgimento da novidade em forma de ação criativa habitual improvisacional.

Tendo como ponto de partida os achados da pesquisa com os pilotos policiais de helicópteros em 2019, quando verificamos que “os momentos de aumento de tensão e incerteza são acompanhados de uma suspensão de sentidos prévios e, ante ao não saber, a expertise se encontra com a outridade valorativa que baliza as decisões e próximas ações” (FRANÇA, 2019, p. 110).

Assim, empreendemos esforços no sentido de captar articulação entre a singularidade fenomenológica e o campo conceitual investigado, para a compreensão da emergência da novidade na ação do bombeiro durante suas ações de salvamento e resgate de vítimas.

Desta forma, buscou-se melhor entender como ocorre o surgimento da novidade e a regulação afetivo-cognitiva da ação do sujeito bombeiro militar em seu trabalho de “vidas alheias e riquezas salvar”, assim como uma tentativa de ampliação da compreensão da forma como o profissional bombeiro militar perspectiva, cria e ajusta suas ações em relação ao previsto ou ao prescrito e sustenta as suas decisões e ações frente aos obstáculos e descontinuidades a partir de premissas que se apresentam como valorativas e afetivas.

Os Corpos de Bombeiros Militares no Brasil são corporações cuja atribuição está definida no Art. 144 da Constituição Federal de 1988 e consiste na execução de atividades de defesa civil, prevenção e combate a incêndios, buscas, salvamentos e socorros públicos no âmbito de suas respectivas unidades federativas.

A Lei 15.187 de 12 de dezembro de 2013, em seu Artigo 1o que o Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco (CBMPE), instituição permanente, força auxiliar e reserva do Exército Brasileiro, organizado com base na hierarquia e disciplina, destina-se a realizar serviços específicos de bombeiro militar e atividades de defesa civil na área do Estado de Pernambuco, por meio de suas Organizações Militares Estaduais (OME).

A mesma lei prevê que são atribuições do Corpo de Bombeiros de Pernambuco:

- Realizar serviços de prevenção e de extinção de incêndio;

- Realizar serviços de prevenção e de extinção de incêndios em florestas e matas, visando à proteção do meio ambiente, na esfera de sua competência;

- Realizar serviços de resgate, busca e salvamento;

- Analisar, exigir e fiscalizar todos os serviços, projetos e instalações concernentes às atividades de segurança contra incêndio e pânico, com vistas à proteção das pessoas e dos bens públicos e privados;

- Prestar socorro e atendimento emergencial pré-hospitalar, nos casos de acidentes com vítimas ou a pessoas em iminente perigo;

- Atuar na execução das atividades de defesa civil, dentro de sua área de competência no Sistema Estadual de Defesa Civil, bem como, nos casos de mobilização prevista na Legislação Federal;

- Isolar, interditar ou embargar, no âmbito de sua competência, obras, serviços, habitações e locais de uso público ou privado que não ofereçam condições de segurança;

- Aplicar, no que couber, penalidades pecuniárias conforme legislação vigente;

- Monitorar, no âmbito de sua competência, e mediante convênio com a autoridade de trânsito com jurisdição sobre a respectiva via, os serviços de transporte de cargas de produtos especiais e perigosos, visando à proteção das pessoas, do meio ambiente e do patrimônio público e privado; e

- Fiscalizar, controlar, prevenir e restringir, no âmbito de sua competência, a prática de esportes náuticos em áreas de risco, conforme dispuser a legislação pertinente;

- Coordenar no âmbito do Estado a elaboração de normas relativas à segurança das pessoas e dos seus bens contra incêndios e pânico e outras previstas em lei;

- Atender a convocação, à mobilização do Governo Federal inclusive, em caso de guerra externa ou para prevenir grave perturbação da ordem ou ameaça de sua irrupção, subordinando-se à Força Terrestre para emprego em suas atribuições específicas de Corpo de Bombeiros Militar e como participante da defesa interna e territorial; e outras atribuições previstas em Lei.

Os participantes deste estudo são bombeiros militares do Grupamento Pré-hospitalar do CBMPE que executam prioritariamente o socorro e atendimento emergencial pré-hospitalar, nos casos de acidentes com vítimas ou a pessoas em iminente perigo.

A dinâmica criativa dos bombeiros militares participantes desta pesquisa ocorre em um contexto laboral de atendimento pré-hospitalar marcado por tensões de dialógicas, sendo a principal delas a tensão vida e morte. Este contexto conta com um conjunto estruturado de regulamentos, normas, regras e protocolos indispensáveis à atuação desses profissionais, porém, considerando que “nenhum sistema de códigos, regras e normas pode antecipar todas as circunstâncias possíveis” (INGOLD & HALLAN, 2007, p. 2), temos na esfera da criatividade cotidiana desses bombeiros o surgimento da novidade.

Encontramos em Glăveanu (2012, 2015) aporte teórico para adotar uma concepção de criatividade distribuída, relacional e de desenvolvimento. Neste recorte teórico, a criatividade e a emergência do novo não se limitam às condições objetivas da ação e nem estão unicamente na sociabilidade distribuída, mas trazem também condições afetivas que compõem a subjetividade que age no mundo.

Entendemos que os processos criativos implicam em dimensões de transformação simbólica no ator e na relação entre o eu e o outro e que modificam e/ou fazem surgir novas affordances para objetos. Aqui, a noção de affordances está alinhada com o conceito de Gibson (1979-1986), o qual refere que estas são determinadas pela forma como o sujeito percebe o ambiente e seus objetos e gera uma ação, o que já é um processo de significação.

Os objetos, por sua vez, aqui são compreendidos como potenciais outridades, pois são ativos no modo como ofertam resistências e possibilidades não cabem em uma relação assimétrica de separação objeto-sujeito.

O novo de que trata este estudo não pode ser entendido como “qualquer novo” produzido pela própria sucessão e eventos da vida cotidiana, mas sim como o novo que propicia uma diversidade de interpretação dos possíveis no campo de ação do

sujeito, que transforma trajetórias e que pode se constituir como ponto de ruptura na vida desse sujeito e que necessariamente implica um conjunto de outridades.

Adotamos o entendimento de Glăveanu (2012) de que o hábito e a criatividade não constituem opostos, mas sim um continuum onde hábito, improvisação e inovação constituem três instâncias do mesmo fenômeno criativo, sendo a instância da criatividade cotidiana improvisacional a que nos dedicamos a captar e compreender através das ações dos bombeiros militares de atendimento pré-hospitalar.

Entendemos de que a vida psicológica humana é mediada por signos e é afetiva em sua natureza (VALSINER, 2012, p. 251), de que o afeto é regulador da ação e de que afetividade e cognição são aspectos inseparáveis e não paralelos no desenvolvimento e na ação humana não podendo ser reduzidos um ao outro (BOESCH, 1984).

Partindo da premissa de que toda ação cognitiva envolve uma regulação afetiva, compreendemos que essa regulação afetiva não se reduz a plano de fundo ou colorido emocional, muito mais do que isso, verifica-se um modo afetivo de perspectivar e até antecipar ações em termos de cursos, destinos e resultados.

Desta forma, no contexto em que a criatividade se dá na ação simbólica eu-outro-mundo, buscamos uma compreensão mais ampla de como elementos que reconhecemos como cognitivos, tais como a perspectivação, a tomada de decisão e a produção de significados são regulados por esferas afetivas, assim como a possibilidade desses mesmos processos cognitivos podem também regular esferas afetivas como fora observado na pesquisa anterior quando o sujeito na ação da pilotagem policial verbaliza que “o medo é transformado em cautela” (FRANÇA, 2019, p. 72).

Todo o desenvolvimento da pesquisa se deu a partir da perspectiva da psicologia dialógica que repele a concepção cartesiana de sujeito de característica individualista e racionalista e adota a noção na qual as funções psicológicas estão ancoradas na corporeidade[1], cujos aspectos cognitivos são interdependentes dos emocionais e o sujeito se constitui em íntima troca com a sociocultural (LOPES DE OLIVEIRA & GUIMARÃES, 2016, p. 165).

[1] Noção de Merleau-Ponty de corporeidade agenciadora de sentidos que participam de um corpo situado como forma de estar no mundo, aprofundada no capítulo 7 deste estudo.

Trata-se de um estudo qualitativo, dialógico e idiográfico que foi desenvolvido em cinco etapas, sendo a primeira uma visita de apresentação mútua entre pesquisadora e os integrantes do grupamento bombeiro militar, a segunda uma entrevista individual on-line com cada participante, a terceira de produção e envio de diários autobiográficos com áudios, fotos e vídeos feitos pelos participantes através de aplicativo de mensagens instantâneas, a quarta etapa se caracterizou por uma entrevista também individual e on-line com cada participante acerca dos diários autobiográficos produzidos e última etapa foi realizada uma entrevista coletiva presencial com os participantes.

Os dados foram discutidos em uma perspectiva dialogica e interpretados considerando marcadores da ação criativa, onde buscamos realizar inferências sobre as dinâmicas subjetivas envolvidas na emergência do novo. A unidade de análise adotada no estudo é composta pelas negociações de significações dos sujeitos na reconstrução das suas experiências enquanto bombeiros militares, pois entendemos que estes sujeitos perspectivam as suas próprias ações significando-as ao se tornarem audiência de si mesmos nestas reconstruções. Tomamos por experiência reconstrutiva o ato de o sujeito reelaborar uma situação que viveu (FRANÇA, 2019, p 14).

Este estudo contribui com o desenho da dinâmica criativa articulada a um contexto profissional específico e prescritivo, caracterizado pela emergência e pelo risco da própria vida com vistas ao socorro e salvamento de pessoas vítimas de sinistros diversos, conforme o lema dos bombeiros militares: “Vidas alheias, riquezas salvar”. A ampliação da compreensão das dinâmicas afetivo-cognitivas e culturais envolvidas na ação do bombeiro militar retornam à corporação como conhecimentos sobre o fazer bombeiro militar. As reflexões promovidas pela situação de pesquisa propiciam oportunidades de autoconhecimento aos participantes e fortalecimento das práticas criativas cotidianas bem-sucedidas com o potencial de criação e aperfeiçoamento de técnicas de socorro e salvamento. Por fim, aponta-se a contribuição teórica para os estudos da criatividade e das dinâmicas subjetivas envolvidas na emergência do novo com a divulgação dos resultados da pesquisa.

2 O CONTEXTO: A ATIVIDADE BOMBEIRO MILITAR

Antes de apresentar as noções de cultura, criatividade, campo potencial de ação, cognição e afetividade a serem adotadas neste projeto de pesquisa, se faz necessária uma breve explanação do contexto que inspira este estudo que busca uma ampliação da compreensão de como a dimensão afetivo-cognitiva se apresenta nas ações de socorro, salvamento e resgate realizadas por bombeiros militares pernambucanos, contexto este notadamente marcado pelo risco, pela compressão do tempo para a tomada de decisão e adoção de ações (emergência), pela imprevisibilidade da situação, pelo valor social da ação de salvar vidas e pela irreversibilidade do tempo na duração da experiência.

Os Corpos de Bombeiros Militares são corporações cuja missão está definida no Art. 144 da Constituição Federal de 1988 e consiste na execução de atividades de defesa civil, prevenção e combate a incêndios, buscas, salvamentos e socorros públicos no âmbito de suas respectivas unidades federativas.

Infere-se que o cenário imposto pela pandemia da Covid-19 promoveu mudanças e condições laborais específicas na atuação dos bombeiros militares, profissionais que integram os serviços considerados essenciais e que atuam na linha de frente no enfrentamento da doença. Consideramos a hipótese de que essas condições específicas de enfrentamento da pandemia apareçam no curso da pesquisa como momentos de tensão onde as negociações de significados possam descortinar aspectos importantes da ação criativa contribuindo para a ampliação teórica e generalização da compreensão dos processos criativos e sua dimensão afetivo-cognitiva.

A atuação dos bombeiros militares e outros socorristas é tema geralmente discutido no campo da Psicologia das Emergências (DINIZ NETO & BELO, 2015). Ao mesmo tempo, observa-se que o estudo da criatividade não tem sido tradicionalmente abordado neste contexto enquanto processo afetivo-cognitivo, intersubjetivo e fundamentalmente relacional (FRANÇA, 2019). A proposta deste estudo consiste em abordar o fenômeno a partir de uma perspectiva sócio-histórica e dialógica em atividades cotidianas marcadas pela emergência, pelo risco e pelo valor social de salvar vidas.

O estudo anterior (FRANÇA, 2019) partiu da leitura de Glăveanu (2015) acerca da criatividade, porém foram identificados aspectos aos quais esta teoria não

acessava, pois se mostrou uma teoria com característica mais social-cognitiva ainda que em um viés dialógico e culturalista e não contempla o acesso à dimensão afetiva que se mostrou tão central em nossos dados.

Glăveanu (2015) propõe a seguinte definição de criatividade:

> O processo criativo é conceituado como uma forma de ação pela qual os atores, materialmente e / ou simbolicamente, sozinhos e / ou em colaboração com outros, movimentam-se entre diferentes posições (audiências) e, neste processo constroem imaginativamente novas perspectivas sobre o seu curso de ação proporcionando maior reflexibilidade e o surgimento da novidade. (GLĂVEANU, 2015, p.1, tradução nossa).

Neste sentido, a criatividade está inserida e é construída, influenciada e tem consequências no contexto social. Desta forma, é um processo que envolve necessariamente o eu, o outro, as relações simbólicas, materiais – passadas – presentes – futuras que a transformam numa realidade social, corporificada e temporal. Estas características se aplicam a todos os processos implicados nas funções psicológicas superiores conforme propõe a perspectiva vygotskyana (VYGOTSKY, 2009).

A teoria de Glăveanu (2015) foi um ponto de partida, porém pretende-se ampliar a compreensão da dimensão afetivo-subjetiva da ação do sujeito em contexto de emergência e risco. A regulação afetiva e os valores se mostraram em nossa pesquisa anterior como muito importantes para a construção de novas sínteses abdutivas, isto é, sínteses que ultrapassam o campo das combinações de elementos oriundos das condições previamente dadas (VALSINER, 2012). Estamos trazendo no presente estudo incrementos da teoria boeschiana para lançar luz à esfera afetiva no estudo dos processos criativos e melhor compreender como a ação simbólica implicada na emergência do novo na experiência do sujeito bombeiro militar. A partir da reflexão baseada no contexto de emergência e risco pretende-se expandir inclusive como se dá a dinâmica psíquica implicadas nos diferentes modos de perspectivação.

Com esta ampliação pretende-se demonstrar as várias camadas que transformam tanto a noção de artefato simbólico quanto a noção de affordance e instrumentalidade que participam da ação. Pois, nessa ação o objeto é dinâmico e as affordances também são modificadas através de dinâmicas afetivas.

Cabe aqui uma breve explicação acerca da noção de affordance adotada neste estudo. Entendemos que o ambiente humano é um ambiente cultural porque é um ambiente de construção de sentidos. Glăveanu (2015), em seus estudos sobre a criatividade, articulou o conceito de Gibson (1979-1986) sobre as affordances,

referindo que estas são determinadas pela forma como o sujeito percebe o ambiente e seus objetos e gera uma ação e isto já é um processo de significação. Assim, adotamos o posicionamento teórico de que as affordances humanas só existem porque somos sujeitos produtores de significados (FRANÇA, 2019, p. 28).

No contexto da Psicologia Cultural da Criatividade a affordance é entendida como uma propriedade do objeto semiótico que suscita uma ação (MELO, 2018, p. 16). Melo (2018) ainda ressalta que os artefatos da cultura sofrem transformações através das significações construídas em um determinado contexto e que a linguagem assim como os demais artefatos culturais também é reconstruída a partir de significações temporal e contextualmente situadas (p.60).

A importância do conceito de affordance para este estudo reside no fato de que aspectos que aludam às affordances da materialidade semiotizada na experiência podem ampliar ou restringir o campo da ação do sujeito promovendo usos mais ou menos inovadores dos instrumentos. Consequentemente, usos inovadores da instrumentalidade podem, no futuro, participar da criação de novos artefatos se repetidos e transmitidos culturalmente (FRANÇA, 2019).

Em um recorte interpretativo hermenêutico, a criatividade é aqui compreendida como um processo multifacetado, histórico, social, psicológico e afetivo-cognitivo fortemente marcado pela relação eu-outro e pelo registro afetivo que acontece quando o sujeito perspectiva o outro e o mundo para (re)construir o curso de sua ação no mundo.

A ampliação teórica e generalização da compreensão dos processos criativos e sua dimensão afetivo-cognitiva estará teoricamente calcada na Teoria da Ação Simbólica (BOESCH, 1991) pela qual podemos compreender que o afeto é aspecto regulador da produção de metas (objetivos superordenados) que direcionam e sustentam a ação humana.

Em sua Teoria da Ação Simbólica, Ernest Boesch (1981) busca compreender como o indivíduo se desenvolve como sujeito conhecedor do mundo pela sua ação na cultura (SIMÃO, 1998, p. 58) entendendo que o processo de construção do conhecimento da realidade ocorre não só para o mundo material, mas também para o mundo das ideias, das pessoas e de si mesmos (BOESCH, 1991, p. 34).

Este panorama nos possibilitará ainda um diálogo entre a teoria boeschiana e os estudos que tratam dos valores enquanto signos hipergeneralizados no recorte da psicologia dialógica cultural (BRANCO & VALSINER, 2004, 2012; VALSINER, 1998,

2012). Desta forma, pretendemos fazer uma ampliação conceitual através deste diálogo entre teorias que originalmente não aparecem juntas, mas que nos permitem refletir sobre a relação entre os valores e a afetividade tanto na estabilidade do Self quanto na emergência do novo, visto que eles canalizam e permitem novas sínteses abdutivas.

Neste sentido, buscamos uma nova síntese ampliando a compreensão do registro afetivo, da linguagem enquanto semiose afetiva e, num recorte particular, a possibilidade de entender o papel dos valores enquanto signos hipergeneralizados tais como bravura, companheirismo e comprometimento com a missão e dos fantasmas, buscando saber como eles se relacionam e se presentifica no curso da ação.

Como possíveis contribuições desta pesquisa podemos destacar a contribuição teórica para o campo da psicologia cultural acerca da criatividade, do registro da afetividade e da linguagem enquanto semiose afetiva, a contribuição empírica pela descrição da experiência no campo da atividade bombeiro militar e a contribuição social com a produção de conhecimento que retornará aos sujeitos participantes e à instituição Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco.

3 A PSICOLOGIA CULTURAL DA DINÂMICA SEMIÓTICA

Em suas várias vertentes, a psicologia cultural compreende a cultura como parte da organização sistêmica das funções psicológicas humanas. Assim, a cultura assume a forma da construção e do uso de signos para transformar o contexto aqui-e-agora do ser humano (VALSINER, 2012).

Partindo deste entendimento, a psicologia cultural se propõe a “investigar o processo de construção e uso de signos e seus resultados que envolvem novidade” (VALSINER, 2012, p. 65), daí o surgimento de um novo entendimento, artefato ou ação, que não existiam antes da criação de nova compreensão constitui uma criação por meio de um signo.

Lopes de Oliveira e Guimarães (2016) referem que por volta da segunda metade do século XX ocorreu uma guinada epistemológica por parte das ciências sociais e humanas que se mostrou como um conjunto de tentativas de rompimento com as visões científicas dominantes que concebiam o homem como objeto natural, separado do seu contexto e neutralizado em seus aspectos subjetivos.

A psicologia dialógica toma o ser humano em sua total integralidade e repele qualquer tipo de reducionismo porque entente que o homem é sujeito ativo, social, histórico e político que se forma e transforma em meio a práticas sociais completas. Daí o ressurgimento ou renascimento do interesse por temas insipientes à psicologia do século XIX que começava a se separar da Filosofia, tais como a relação entre afeto e cognição, a cultura pessoal, e cultura coletiva e a questão da alteridade, transações semióticas, produção de sentido (LOPES DE OLIVEIRA & GUIMARÃES, 2016, p. 165, 166).

Ainda sobre a noção de ser humano como sujeito ativo que se constitui necessariamente imerso na cultura, Valsiner (1998) refere que a cultura enquanto parte da organização psicológica de toda pessoa é ferramenta primária para o viver humano e, consequentemente, a personalidade humana é um sistema integrado de mediadores semióticos em vários níveis.

Em seus empreendimentos de fabricar sentidos, as pessoas constroem significados e para tal utilizam sua história de construção de signos sob orientação de outros seres humanos coletivamente orientados por diferentes instituições sociais e assim, ao viverem suas vidas, são agentes semióticos ativos (VALSINER, 2012).

Partindo desses entendimentos, a psicologia cultural se preocupa com o lado pessoal das experiências vividas pelo sujeito dentro da cultura, conforme os próprios sentimentos e pensamentos. E, sendo a cultura parte do sistema psicológico da pessoa, é a participação social que fornece material para esse sistema psicológico dentro do qual a cultura está situada. Portanto, a linguagem utilizada para interagir e comunicar dentro de uma sociedade é uma ferramenta semiótica no sistema intrapsicológico que orienta os modos pelos quais a pessoa pensa, sente e articula sua fala (VALSINER, 2012).

Ainda sobre os interesses da psicologia de orientação cultural, Bruner, em Atos de Significação destaca que a psicologia cultural não se preocupa com "comportamento", mas sim com "ação" e sua contrapartida intencionalmente fundada, situada em um cenário cultural e nos estados intencionais mutuamente interagente dos participantes, sem, no entanto, deixar de lado os universais humanos (BRUNER, 1997, p. 27).

O autor destaca que desde a rejeição da introspecção como método principal da psicologia, os relatos verbais passaram a ser vistos como não confiáveis e até inverídicos diante da preocupação com critérios de verificação do significado. Assim, a predição passou a ser critério da boa ciência e da boa psicologia, porém ressalta que a psicologia cultural não descarta o que as pessoas dizem sobre seus estados mentais, nem trata suas declarações como se estas fossem apenas índices de predição de comportamentos manifestos.

Acerca da importância de investigar o que as pessoas dizem, Bruner refere que:

> Há uma deformação curiosa na acusação de que o que as pessoas dizem não é necessariamente o que elas fazem. Ela implica que o que as pessoas fazem é mais importante e mais real do que o que elas dizem, ou que esta última categoria é importante apenas pelo que pode revelar a respeito da primeira. É como se o psicólogo desejasse lavar suas mãos totalmente dos estados mentais e de sua organização, como que afirmando que dizer, afinal tata apenas do que nós pensamos, sentimos, acreditamos, experimentamos (BRUNER, 1997, p. 26).

Esta pesquisa se baseia nos preceitos da psicologia de orientação cultural, inclusive na escolha do método, partindo do princípio de que "dizer" e "fazer" representam uma unidade funcionalmente inseparável (BRUNER, 1997, p. 27).

Para Lopes de Oliveira e Guimarães (2016), adotar a perspectiva dialógica no entendimento dos fenômenos psicológicos humanos tem duas consequências epistemológicas importantes: 1) a assunção da estreita interdependência entre o nível

pessoal e o social, onde a constituição do sujeito se dá na fronteira com o social; e 2) a ênfase na relação Eu-Outro que resulta no processo de “separação inclusiva” (VALSINER & CAIRNS, 1992). Na primeira consequência fica claro que a constituição do sujeito se dá na fronteira com o social e na segunda evidencia-se que cada sujeito relativamente autônomo se constitui nas trocas intersubjetivas que se estabelecem nos cenários sociais (p.166).

Vygotsky (2003, 2009), ao discorrer sobre o suporte biológico das funções psicológicas, se refere ao cérebro humano como um sistema dinâmico e aberto a mudanças e que é reconstruído a partir das redes de significados tecidos ao longo da história da espécie humana e do desenvolvimento individual simultaneamente. Assim, o autor entende que a espécie e o indivíduo se constituem no social, no compartilhamento da cultura e da história.

Sobre a capacidade humana de criar e usar recursos semióticos, Valsiner (2012) refere que o ser humano, ao refletir sobre o contexto do qual faz parte, realiza uma reflexão que é ao mesmo tempo cognitiva e afetiva, permitindo que o sistema psicológico considere contextos do passado, imagine contextos futuros e adote a perspectiva de outras pessoas (sob a forma de empatia). É justamente esse distanciamento que torna possível que uma pessoa considere outro contexto que não o disponível aqui-e-agora.

O mesmo autor, ainda sobre o uso de signos, refere que “a dificuldade de usar a linguagem para demonstrar algo que é sentido, mas que não é imediatamente codificado no código linguístico, tem sido um grande problema para a psicologia” (VALSINER, 2012, p 255) e propõe que é justamente essa inacessibilidade verbal aos fenômenos afetivos que revela o quão central é o afeto no funcionamento humano.

As abordagens psicológicas culturais dialógicas compreendem a criatividade como sendo um processo colaborativo que ocorre nas interações sociais em seus diversos contextos, é dotado de materialidade por depender de uma interação dinâmica de objetos, lugares e instituições, além de ser também um processo simbólico, desenvolvimental e inerente à vida cotidiana das pessoas (GLĂVEANU, 2010).

A psicologia cultural procura lidar com fenômenos psicológicos inerentemente humanos e que se desenvolvem somente porque os sujeitos estão imersos em contextos culturais (GLĂVEANU, NEVES-PEREIRA & BRANCO, 2016) e a abordagem dialógica dos fenômenos psicológicos se alinha com perspectivas

integrativas que evitam fracionar o fenômeno e buscam incluir através de metodologias investigativas hermenêuticas e interpretativas, todos os aspectos desse fenômeno como o social, cultural, afetivo e cognitivo (LOPES DE OLIVEIRA & GUIMARÃES, 2016).

4 A NOÇÃO DE PERSPECTIVA EM GLĂVEANU E POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DE ERNEST BOESCH PARA A COMPREENSÃO DA DIMENSÃO AFETIVA DA CRIATIVIDADE

Nesta seção entendemos necessário recuperar a noção de perspectiva de Glăveanu (2015) e a sua importância para a compreensão dos processos criativos, bem como apontar as possíveis contribuições da Teoria da Ação Simbólica de Boesch para ampliação da compreensão da dimensão subjetiva de regulação afetiva envolvida na ação criativa.

Glăveanu (2015) nos apresenta uma concepção de criatividade distribuída, relacional e de desenvolvimento com ênfase no eu – outras relações simbólicas – materiais – passadas – presentes – futuras que transformam a ação criativa em uma realidade social dentro de uma temporalidade. Esta noção se distancia dos modelos que reduzem o processo criativo a variáveis intrapsicológicas e faz oposição aos paradigmas de criatividade baseados exclusivamente no indivíduo. Desta forma, Glăveanu (2015) coloca a interação social, a comunicação e a colaboração em lugar de destaque para a compreensão da ação criativa (FRANCA, 2019, p. 26).

De acordo com a concepção de criatividade de Glăveanu (2015) adotada neste estudo e apresentada na seção 2, o sujeito se movimenta entre diferentes posições na ação criativa, onde ele ora é criador/autor e ora audiência/público de sua própria criação, num processo de tomada de perspectiva que proporciona maior reflexibilidade e emergência do novo (GLĂVEANU, 2015).

A psicologia cultural da criatividade se interessa pela ação mediada no contexto e pela origem sociocultural das funções psicológicas, entendendo que o ato criativo é necessariamente relacional e intersubjetivo e só acontece a partir da interdependência entre o eu e o outro nos acontecimentos da vida cotidiana (GLĂVEANU, 2014).

É nos debruçando sobre os acontecimentos da vida cotidiana que entendemos que a criatividade não é uma mera adjetivação da ação humana no julgamento sobre o que é e o que não é criativo, mas é inerente à ação humana porque na maioria das situações da vida, o ser humano se encontra diante de um futuro perspectivado relativamente previsível. A ação criativa humana está inscrita num horizonte de possibilidades (FRANÇA, 2019).

Na psicologia cultural da criatividade, Glăveanu propõe que existe sempre uma posição externa ao ator criativo que ele chama de audiência e é essa audiência que

torna possível a este ator imaginar e buscar novos caminhos de ação disponibilizados em seu ambiente (GLĂVEANU, 2014).

Esta posição externa torna possível ao ator criativo imaginar e buscar novos caminhos de ação propiciados pelo ambiente que é necessariamente um ambiente cultural de construção de sentidos e nos remete às affordances deste ambiente que nunca são dadas a priori, mas são sim construídas pela forma como o sujeito percebe esse ambiente e gera uma ação, sendo este já um processo de significação.

Constatamos assim a importância dessa posição externa ao ator e do processo de perspectivação em si para os estudos da ação humana criativa que é sempre mediada em um ambiente cultural de construção de sentidos diante de um horizonte de possibilidades onde o futuro é perspectivando diante do instante seguinte ainda não vivido.

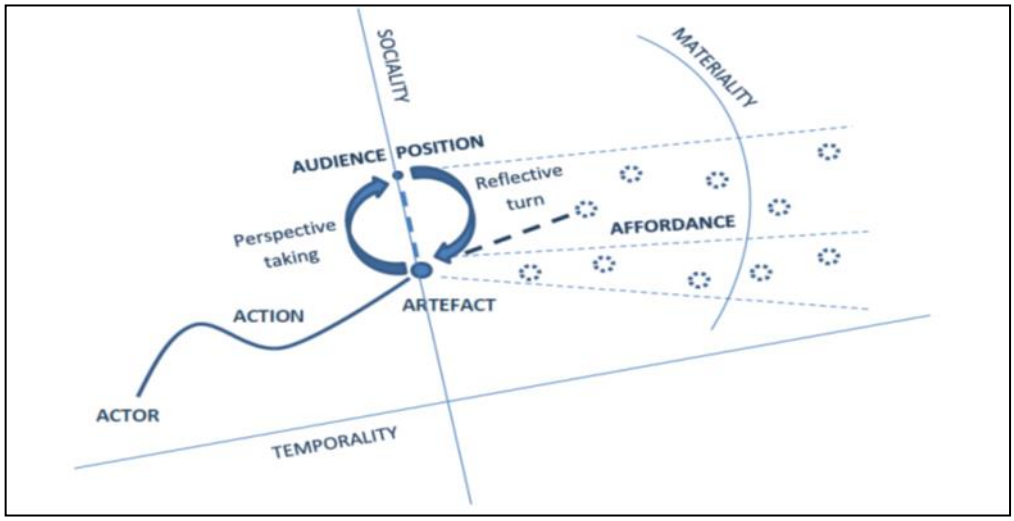
Sobre isto Valsiner (2012) vem acrescentar que diante do ineditismo da experiência do instante seguinte ainda não vivido a pessoa cria dispositivos semióticos ou campos de significação que lhe proporcionam uma estabilidade temporária necessária do ponto de vista psicológico.

Neste sentido, os meios simbólicos ou dispositivos semióticos regulam o engajamento e experiência da pessoa no mundo (VALSINER, 2000) para além dos estímulos imediatos do ambiente, expandindo a sua experiência proximal do mundo por meio de experiências distais inacessíveis à percepção.

Assim, fica clara a importância da noção de perspectiva introduzida por Glăveanu (2015) na Teoria dos 5A, onde o autor constata a importância das construções simbólicas na quebra do circuito direto entre estímulo e resposta e na perspectivação do futuro.

O modelo apresentado na Teoria dos 5A propõe uma compreensão da ação criativa ao longo da linha do tempo irreversível da experiência, onde a sociabilidade, a materialidade e a temporalidade estão no cerne de todas as formas de expressão criativa (FRANÇA, 2019).

Figura 1 – Creative Action: A perspectival model
Fonte: Glăveanu, 2015.



Este modelo apresentado por Glăveanu (2015) apresenta o curso da ação criativa ao longo do tempo, onde a audiência, posição externa ao ator, torna possível a tomada de perspectiva onde é possível a este ator se mover materialmente e/ou imaginativamente entre diferentes posições e tornar-se audiência de si (turno reflexivo) possibilitando maior reflexividade e o surgimento da criatividade.

A ação criativa se dá justamente nesse “mover-se” entre diferentes perspectivas e integrá-las na criação de um novo entendimento, desempenho ou artefato significativo para o ator criador e/ou para o seu público/audiência. Assim, fica demonstrada a relevância da tomada de perspectiva para os estudos da criatividade por estar intimamente relacionada ao surgimento da novidade na ação e no pensamento (FRANÇA, 2019).

O quadro perspectivo da criatividade nos proporcionou, ainda na pesquisa do mestrado, possibilidades de análise da ação criativa habitual e inovadora dos pilotos policiais de helicóptero, assim como o mapeamento das alteridades envolvidas na ação daqueles sujeitos em um contexto de emergência e risco. Porém, como já explicitado na apresentação deste estudo, o forte caráter social da Teoria dos 5A não nos permitiu a compreensão da questão afetivo-subjetiva da ação do sujeito em contexto de emergência e risco.

Desta forma, este estudo traz incrementos da teoria boeschiana para lançar luz à esfera afetiva no modelo de criatividade do Glăveanu e melhor compreender como a ação simbólica do sujeito bombeiro militar no contexto de emergência e risco dá

margem a diferentes modos de perspectivação em relação à teoria dos 5As (GLĂVEANU, 2015).

É importante que o recorte desta pesquisa não tem pretensões de esgotar a teoria de Ernest Boesch e não podem abordar de forma razoável a totalidade de questões e respostas por ele levantadas. Por este motivo foi necessário fazer um recorte das principais contribuições teóricas do autor para com a nossa pesquisa no alargamento da compreensão de perspectiva sobre a dimensão subjetiva de regulação afetiva na ação criativa.

4.1 HÁBITO, IMPROVISAÇÃO E INOVAÇÃO: TRÊS INSTÂNCIAS DA EXPRESSÃO CRIATIVA

Esta seção se dedica a promover uma breve discussão sobre quatro noções teóricas indispensáveis à compreensão da dinâmica criativa cotidiana envolvida nas ações de atendimento pré-hospitalar dos bombeiros militares participantes deste estudo: a criatividade habitual ou, na linguagem deste estudo, cotidiana, o hábito, a improvisação e a inovação.

Tratar dessas noções implica repensar as tradicionais dicotomias entre o que é criativo e o que é habitual para uma melhor compreensão das noções de continuidade e a mudança, e a relação entre o "antigo" e o "novo". Glăveanu (2012) desenvolve a noção de “criatividade habitual” e argumenta pela simultaneidade da criatividade da ação habitual e da natureza habitual da criatividade.

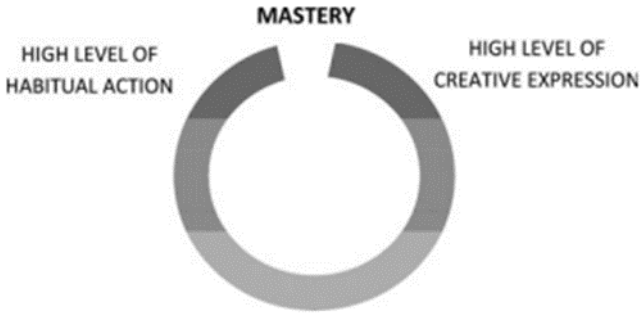
As reflexões promovidas pelo autor proporcionam um melhor entendimento da noção de criatividade cotidiana “com a ajuda da qual nos adaptamos flexivelmente, improvisamos e experimentamos diferentes opções em nossa existência diária" (RICHARDS, 2007, p. 26 apud GLĂVEANU, 2012, p. 78).

Com olhar interessado nas atividades cotidianas que exigem prática e domínio na sua execução, e a partir de estudos empíricos sobre atividades artesanais, em particular a decoração de ovos de Páscoa em comunidades romenas, Glăveanu (2010a, 2011) desenvolveu as noções teóricas que dão lastro a esta pesquisa por fundamentarem uma relação não dicotômica entre o que é habitual e o que é criativo, além de desconstruírem a visão do “novo” totalmente apartado do “velho”.

Antes de abordarmos as definições dão título a esta seção como instâncias do fenômeno criativo, se faz importante compreender que Glăveanu primeiramente definiu domínio como “a expressão mais alta da prática habitual, na qual a ação foi

tão bem exercitada e internalizada que muitas vezes se torna associada a formas avançadas de expressão criativa" (GLĂVEANU, 2012, p. 79) e passou a questionar como o domínio pode envolver tanto o hábito rotinizado quanto a criatividade e representou esta relação na figura 2.

Figura 2 – A schematic representation of mastery (Fonte: Glăveanu, 2012)



Neste modelo, o hábito e a criatividade estão dispostos em um continuum onde é possível observar uma integração entre eles. Não há oposição entre o que é habitual e o que é criativo e elevados níveis de performance no hábito não excluem elevados níveis de expressão criativa. Estudando a atividade de decoração de ovos de Páscoa, autor do modelo refere que pode acontecer de um hábito ainda não totalmente formado ter resultados aparentemente mais criativos em relação às formas convencionais de trabalho, assim como é possível que um hábito fortemente estabelecido seja capaz de reduzir variações superficiais estimulando micro mudanças e ajustes da técnica.

Porém, o autor ainda refere que seria incorreto supor que hábitos fortemente estabelecidos através de repetições diminuem a qualidade criativa, o que pode ser verificado no domínio exposto nas extremidades da figura 2.

A mensagem mais importante do continuum expresso na figura em questão é que "para se tornar mais criativo, não é necessário romper com o hábito, como comumente se pensa, mas avançar no domínio" (GLĂVEANU, 2012, p. 79).

De posse dessas importantes noções de não dicotomia entre o que é habitual e o que é criativo, passemos a refletir sobre as ações que são habituais, muitas vezes repetidas ou repetitivas, cotidianas e que exigem prática e domínio nas suas

execuções, tais como as ações de decoração de ovos de Páscoa estudadas por Glăveanu (2012) ou, na ocasião deste estudo, as ações de bombeiros militares de atendimento pré-hospitalar.

Vale retomar o entendimento de que o homem não é um ser de cópias, mas um ser de significações. Como postulado por Vygotsky, se apenas conservasse e reproduzisse experiências, o homem apenas seria capaz de adaptar-se a condições já estabelecidas em seu ambiente, sendo-lhe impossível qualquer resposta adaptativa a condições inesperadas. O mesmo autor descreve o cérebro humano como órgão que conserva e organiza experiências do vivido e, não se limitando a conservar, combina, cria e reelabora experiências (VYGOTSKY, 2009).

Assim, em atividades que envolvem rotinas, repetições, padronizações ou até imitações, o ser humano é produtor de significados, é convidado às suas subjetivações, é organizador, combinador e (re)elaborador de experiências. Estas reflexões nos conduzem ao que Glăveanu chamou de uma reformulação da noção de hábito como um como um sistema social, situado e aberto, simultaneamente firme e flexível, constantemente sujeito às experiências e constantemente afetado por elas de forma que estas experiências podem reforçar ou modificar as suas estruturas (GLĂVEANU, 212, p. 83).

Sendo aberto e social, o hábito jamais estará livre dos processos de significação do ser no mundo e tampouco apartado da criatividade. Sobre isto, Glăveanu refere que “O grau de automatização de qualquer hábito varia em geral com o seu grau de especificidade, mas nunca atinge um nível absoluto de rotina irracional e sem criatividade, ou não se qualificaria como um hábito.” (GLĂVEANU, 2012, p. 83).

A partir da reformulação do entendimento do hábito, do que é rotineiro, o conceito de criatividade habitual, ou, como denominamos para fins deste estudo, criatividade cotidiana, surge como uma tentativa de Glăveanu (2012), a partir de uma perspectiva psicológica, de superar a dicotomia entre o habitual e o criativo, definindo-a como:

> A criatividade habitual é definida como a natureza intrinsecamente criativa da ação costumeira, refletida na forma como os hábitos se ajustam aos contextos dinâmicos, na maneira como são usados, combinados e, por fim, aperfeiçoados (GLĂVEANU, 2012, p. 79).

Esta definição coloca criatividade e hábito como instâncias da mesma ação implicando ainda que só se pode ser criativo a partir do que é habitual. Assim como Vygotsky refere que “todo criador, por mais genial que seja, é sempre produto de sua

época e de seu ambiente. Sua obra criadora partirá dos níveis alcançados anteriormente e se apoiará nas possibilidades que existem fora de si (VYGOTSKY, 1990, p. 37), a visão de continuum entre hábito e criatividade habitual descrevem a mesma ação.

Assim, a emergência do novo não está de forma alguma condicionada à ruptura com o que é rotineiro, habitual, cotidiano, mas o novo e o habitual são instâncias do mesmo fenômeno. Na verdade, estes entendimentos teóricos tornam os processos criativos em todas as suas instâncias dependentes da existência de hábitos, de formas conhecidas e exercitadas de ação e interação dos sujeitos com o mundo e com o outro.

Para Glăveanu (2012), a criatividade habitual e cotidiana define como as novidades fazem parte da ação habitual, ajustando constantemente a ação à dinâmica do contexto e permitindo transições entre diferentes rotinas e aprimorando práticas. O autor refere ainda que a forma mais aceita de surgimento do novo na ação cotidiana está relacionado justamente com esses ajustes aos contextos dinâmicos da experiência no curso da ação (GLĂVEANU, 2012, p. 84).

Considerando o que fora discutido até o momento sobre hábito e criatividade cotidiana, podemos questionar: se a criatividade se revela como regra e não como exceção na vida humana. Se a ação cotidiana no mundo demanda ajustes e adaptações quase que o tempo inteiro, então todas as formas de ação humana no mundo são criativas? Tudo é criatividade?

Glăveanu (2012) reconhece o quão atraente é esta abordagem da criatividade, mas esclarece que a noção de criatividade habitual não tem objetivo de abranger todas as formas de ação humana no cotidiano, uma vez que nem toda ação é, de fato, habitual, existindo assim diferenciações na expressão criativa, pois a ação humana pode ser habitual, normativa, impulsiva e assim por diante.

Desta forma, o autor estabelece algumas diferenças entre a emergência do novo na ação cotidiana. Ele vai chamar de criatividade improvisacional aquela acontece diante de um obstáculo que gera interrupção ou quebra da ação com deliberação. Neste caso, o ator, para superar a descontinuidade, empreende uma exploração mais convencional de possibilidades dentro de um certo conjunto de regras (condições da ação).

Assim sendo, a ação da criatividade improvisacional se utiliza do habitual e consegue moldá-lo, ajustá-lo, isto porque, como verificaremos na atividade cotidiana

laboral dos bombeiros militares participante deste estudo, “nenhum sistema de códigos, regras e normas pode antecipar todas as circunstâncias possíveis” (INGOLD & HALLAN, 2007, p. 2). Ou seja, ainda que imersos em contextos laborais cotidianos de emergência e risco, onde há um conjunto considerável de regras, normas e protocolos, os sujeitos, no caso, os bombeiros militares do grupamento de atendimento pré-hospitalar, se utilizarão da criatividade improvisacional para dar conta das descontinuidades desse contexto.

Estas implicações nos conduzem a retomar o entendimento de que só se pode ser criativo a partir do que já existe, do que já está posto, no caso, do que é habitual. Glăveanu (2012) demonstra em seus estudos que não é possível criar ou improvisar fora de um contexto social com regras, papéis e hábitos definidos. E, as soluções para as descontinuidades em forma de criatividade improvisacional reutilizam, combinam ou alteram formas cotidianas de ação que, sendo bem-sucedidas, podem se tornar parte do repertório de ações habituais futuras e até modificar práticas sociais (GLĂVEANU, 2012, p. 87). Como já referido, a ação criativa cotidiana, por sua natureza de improvisação, tende a se manifestar como performance, onde o processo e o produto são a própria ação.

A outra instância criativa descrita pelo autor é a criatividade inovadora que se dá quando no processo de lidar com o obstáculo, dificuldade ou descontinuidade, o ator age com clara e definida intenção de gerar soluções novas, na maioria das vezes, em forma de produtos. Sobre isto, ele esclarece que:

> A criatividade inovadora é considerada em nosso contexto simplesmente como o ato de abordar uma dificuldade ou problema com a intenção não apenas de "resolvê-lo", mas de resolvê-lo de maneira criativa ou inovadora. Como um tipo de ação "intencionalmente criativa", a criatividade inovadora normalmente leva a produtos físicos que podem ser mais facilmente observados e avaliados. As grandes obras de arte, invenções e teorias científicas são, em grande parte, o resultado dessa forma particular de expressão. A mera presença de uma intenção criativa, parece, pode fazer uma diferença significativa em como as pessoas respondem a uma tarefa e pode, na maioria das circunstâncias, aumentar o nível de criatividade (GLĂVEANU, 2012, p. 87).

As noções aqui apresentadas tiveram por objetivo refletir sobre o hábito, a criatividade habitual, a improvisação e a inovação, não como “categorias” de criatividade, mas como instâncias, formas de expressão do fenômeno criativo.

Acerca das instâncias da ação criativa brevemente apresentadas nesta seção sem a intenção de esgotar todas as discussões possíveis sobre os entendimentos aqui expostos, Glăveanu (2012) aconselha que para o entendimento do hábito e da

improvisação “é preciso observá-los num contexto mais amplo, social e material de sua emergência, bem como em sua dinâmica momento a momento” (GLĂVEANU, 2012, p. 88). Neste estudo, estaremos interessados na criatividade cotidiana improvisacional que, pela natureza instantânea e transitória dos seus produtos (performances, ações), constituem um desafio em relação ao conhecimento do fenômeno e sua análise.

4.2 CONTRIBUIÇÕES DE ERNEST BOESCH PARA O ESTUDO DA AFETIVIDADE NA AÇÃO CRIATIVA

Os conceitos cunhados por Ernest Boesch (1984, 1991, 1993) que se articulam com o recorte teórico desta pesquisa são os de “ação” e “cultura” que nesta perspectiva teórica são indissociáveis. Simão (1999), fazendo referência a aspectos da teoria da ação de William James (1878-1920) destaca características importantes da ação que precisam ser destacadas de antemão:

> (...) podemos dizer que o caráter intencional da ação é que confere a marca da mentalidade no ser humano. Entretanto, este caráter intencional, que dá racionalidade à ação, não é sua única marca. A ação comporta também a emocionalidade, que será responsável pela escolha dos objetivos a serem alcançados. Ou seja, a escolha do futuro desejado, a ser perseguido, dentre os possíveis futuros projetados, é, para James, emocional. Além disso, uma dada ação reduz a ambiguidade do futuro e limita possíveis cursos alternativos de ação. Finalmente, os processos emocionais que a embasam são responsáveis pela marca da individualidade da ação de um sujeito (SIMÃO, 1999, p. 4).

A autora destaca o caráter intencional da ação que a difere do comportamento que pode também ser apresentado pelos animais, mas confere que esta não é a única marca da mentalidade humana, ressaltando através da teoria da ação jamesiana, o caráter emocional da ação que é determinante na escolha dos objetivos e confere individualidade à ação de um sujeito.

A partir da abordagem dos caráteres de intencionalidade e emocionalidade da ação humana passamos a apresentar o conceito de ação de Ernest Boesch (1981) adotado nesta pesquisa:

> É uma atividade direcionada a um objetivo, realizada em um ambiente específico e utilizando um certo número de técnicas instrumentais que permitem ao ator preencher a lacuna entre a intenção inicial e a realização concreta do objetivo (BOESCH, 1991, p.43).

Podemos identificar no conceito acima os quatro componentes da ação: intencionalidade (direção para um objetivo), procedimento (técnicas instrumentais),

atingimento da meta (realização concreta do objetivo) e contexto (ambiente específico) (BOESCH, 2001).

Retomando o entendimento de que ação e cultura são indissociáveis, cabe neste ponto apresentar a noção de cultura adotada para fins deste estudo:

> A cultura é um campo de ação, cujo conteúdo varia de objetos feitos e utilizados pelo ser humano a instituições, ideias e mitos. Sendo um campo de ação, a cultura oferece possibilidades de, mas da mesma forma, estipula condições para a ação; circunscreve objetivos que podem ser alcançados por certos meios, mas também estabelece limites para o correto, ação possível e também desviante. (BOESCH, 1991, p.29)

Sendo a cultura campo de ação constituído tanto por conteúdos materiais (elementos naturais da paisagem e todo tipo de artefato) quanto mentais (percebidos e significados), é um campo no qual o indivíduo age e ao fazê-lo constrói sua história pessoal significando o mundo, os objetos e as contingências através de um sistema de signos ambíguo e heterogêneo (BOESCH, 2001; PINHEIRO & SIMÃO, 2020). Estas conceituações teóricas deixam claro que se por um lado a ação subjetiva do indivíduo constrói a cultura, por outro lado a cultura possibilita, regula e limita a ação individual.

Desta forma, em toda ação tanto o aspecto objetivo instrumental quanto o aspecto subjetivo funcional. O aspecto objetivo instrumental refere a uma estruturação concreta da realidade de acordo com a experiência do indivíduo e os objetivos da ação que vai controlar os meios para alcançar os resultados pretendidos (BOESCH, 2001), tal como um bombeiro militar pernambucano age para resgatar uma vítima de deslizamento de barreira na Região Metropolitana do Recife (RMR) recorrendo às suas experiências profissionais e até pessoais, fazendo uso dos meios e instrumentos possíveis para alcançar a meta e concluir o serviço (função constitucional de salvar vidas).

Já o aspecto subjetivo funcional refere à antecipação da ação, às aspirações do sujeito, à sua história pessoal e ao seu ambiente cultural passado e presente. Segundo Boesch (2001) essas “valências conotativas” compõem uma variedade simbólica muitas vezes complexa e comandam a “primazia da motivação, tal como o mesmo bombeiro militar pernambucano empenhado na ação de salvar a vítima de deslizamento de barreira na RMR significa a ação de salvamento através do mito do herói, do valor social de salvar vidas, do juramento que prestou ao ingressar na carreira, da sua história pessoal e de uma variedade simbólica quase que é inesgotável.

Os conceitos até aqui apresentados evidenciam o elo indissociável entre cultura e ação e torna possível o entendimento de que a passagem do mundo concreto para o mundo ideacional se dá através da ação, onde o mundo é significado pelo indivíduo em uma cultura. Assim, agir é experimentar o mundo subjetivamente e a subjetividade estrutura a ação desde o seu início (SIMÃO, 1998, p.58).

Neste agir definido por Simão (1998) como experimentar o mundo subjetivamente, o afeto refere à qualidade da experiência no curso da ação e é não só do sucesso do indivíduo, mas é justamente o afeto que torna possível a percepção que esse indivíduo tem de si mesmo enquanto sujeito que age (ator). Isto porque este ator, ainda que não consiga ver a si mesmo como postulado no dialogismo bakhtiniano, ao longo da ação vai continuamente avaliando seu próprio desempenho, “sentindo” se vai conseguir ou não alcançar sua meta (BOESCH, 1993). Este “sentir” se vai ou não alcançar sua meta se dá através das ambivalências vivenciadas na relação com os objetos da ação. Estas interações com os objetos da experiência serão aprofundadas na próxima seção deste trabalho. Neste sentido, na dimensão acional, o afeto diz respeito aos possíveis, ou seja, daquilo que não está na ação em seu desdobramento, mas aparece enquanto potencialidade.

Ao considerarmos que a cultura é um sistema de referência onde todo item ou evento se relaciona com outros itens e eventos e que ao agir em um campo cultural o indivíduo constrói a sua história pessoal, sendo essas ações realizadas na busca de uma meta que visa estados futuros desse indivíduo e de sua situação, contemplaremos os três sistemas que dão origem à qualidade simbólica da ação: o sistema cultural, o sistema biográfico e o sistema antecipatório (BOESCH, 1991).

4.2.1 O Campo de Ação e o Potencial de Ação

Em seu texto O Som do Violino (1993), Ernest Boesch traz reflexões teóricas acerca do relacionamento do indivíduo com a cultura em que vive, a qualidade estética dos objetos da experiência e as possibilidades humanas de interação com estes objetos. Tais objetos nunca são passivos, mas oferecem resistência, e a questão do desconforto e das restrições impostas pelo ambiente cultural que tornam o potencial de ação do indivíduo limitado.

As articulações teóricas deste artigo que aborda dentre outras questões importantes, os objetivos/metas das ações, as relações dos indivíduos atores com o ambiente, a responsividade ativa dos objetos da experiência e o campo dos possíveis

nos é muito cara na busca pela ampliação da compreensão dos aspectos cognitivo-afetivos envolvidos na ação criativa dos bombeiros militares.

Ao descrever e analisar o som do violino como resultado de uma ação humana, o autor aborda a história cultural de desenvolvimento desse objeto, o processo ontogenético ao longo da vida de aprendizado – o desenvolvimento do violinista e os objetivos, condições e processos reais de produzir o som bonito da interação entre tocador e instrumento.

A partir daí, empreende-se uma busca pelas razões pelas quais o ser humano age, considerando suas relações com o ambiente. Assim, o indivíduo transforma a natureza em cultura moldando matérias primas naturais em formas orientadas para objetivos ou estados futuros desejados. Boesch diz que fazer esses objetos parece um pouco como domesticar animais, onde se transforma um não-eu resistente em uma extensão compatível do eu (BOESCH, 1993, p. 74).

O campo de ação é justamente esse espaço onde a ação se torna possível, os limites onde ela emerge e se desenvolve. Esse campo é tanto estrutura quanto processo, pois estabelece condições e parâmetros para a ação, ao mesmo tempo em que se constitui processo dinâmico e dialético que se dá entre indivíduos e as estruturas que integram nesse campo (BOESCH, 1991).

Como já vimos a cultura é um campo de ação e a ação está no centro da ação dialética eu-outro e torna possível ao ator conhecer o mundo, transformá-lo e por ele ser também transformado. Esta ideia se alinha com a premissa de que o conhecimento do mundo não se dá por pura contemplação passiva do reflexo do mundo no fundo da caverna da nossa consciência, mas que é um processo no qual alguns momentos do desenvolvimento condicionam os momentos seguintes, onde o que o indivíduo conhece e a maneira como ele conhece se engajam constituindo a ação desde a sua gênese com a antecipação dos possíveis (AYUSO e TREJO, 2012, p. 86).

A ação é aqui entendida como estruturante da atividade humana como um todo, bem como dos espaços culturais onde são geradas as condições pelas quais a própria ação se torna possível, assim como se torna possível ao ator conhecer e transformar o mundo e a cultura (LONNER e HAYES, 2007). Ocorre que ação se organiza a partir de estruturas anteriores e ao mesmo tempo demanda o arranjo de novas condições e situações para o seu desdobramento.

O entendimento boeschiano tanto da ação quanto do campo potencial de ação fornece importantes elementos na busca de uma ampliação conceitual da dimensão

subjetiva que envolve na ação criativa tudo aquilo que transgride e transforma os repertórios prévios que conservariam a ação no campo da mera repetição daquilo que está previsto, daquilo que é esperado.

Desta forma, entendemos que assim como a ação do piloto policial de helicópteros, sujeito do estudo anterior, a ação do bombeiro policial militar não está situada apenas no campo do reflexo, do instintivo, do prescrito, ou ainda na repetição fiel do que foi treinado, pois o ser humano não é uma máquina de repetição e não existe neste recorte teórico espaço para imitação livre de criação, de preenchimento de lacunas, perspectivação, de antecipação de futuro.

A impossibilidade de antecipação da totalidade de circunstâncias possíveis na ação laboral do bombeiro militar pode ser exemplificada com clareza se pensarmos, por exemplo, nos trabalhos de salvamento e buscas realizados pelo corpo de bombeiros na tragédia de Brumadinho acontecida em janeiro de 2019.

Treinados para enfrentar situações extremas e acostumados a correr riscos, os bombeiros militares envolvidos na operação de Brumadinho aprimoraram as suas técnicas à medida que o trabalho evoluía. Muitos deles tinham cursos de especialização como salvamento em soterramento, enchentes e inundações e de busca e resgate em estruturas colapsadas e essas qualificações os permitiram definir estratégias e manter a estabilidade psicológica, mas foi preciso ir além. Encontramos relatos como o do Aspirante do Corpo de Bombeiros, Sandro Júnior à jornalista Juliana Bublitz na matéria “Pessoas por trás da lama: a história de seis bombeiros de Brumadinho”: “A gente estava preparado para lidar com água e com terra, a questão é que a lama não era totalmente líquida nem totalmente sólida” (BUBLITZ, 2020).

Outras falas de bombeiros envolvidos na operação de Brumadinho encontradas na mesma matéria jornalística e muito semelhantes a todos os relatos dados à mídia falada e escrita revelam aspectos subjetivos afetivo-cognitivos da ação, de suas metas e da sua sustentação, dentre as quais destacamos:

“A lama aquosa é difícil. Você cava e ela volta. Dependendo do movimento que faz com o corpo, você afunda. Muitas vezes, era preciso trabalhar deitado” (CABO BM HERINGER).

“A missão era maior do que o medo. Ser bombeiro é sacerdócio” (ASPIRANTE BM SANDRO JÚNIOR)

“Minha perna direita agarrou na lama e a outra escorregou de um tronco. Sofri um estiramento grau 3 na virilha. Naquela hora, pensei: eles vão me tirar da operação.

Meus amigos então seguiram o protocolo e começaram a fazer uma cruz no chão, para o helicóptero me resgatar, mas eu não podia aceitar aquilo e desfiz o sinal. Quebrei um galho, fiz de bengala e continuei até o fim do dia" (CABO BM HERINGER)

"Da beirada, o homem (voluntário) caminhava com um facão em punho. Cortava paus e jogava em direção aos profissionais (bombeiros). Os galhos seriam a partir dali o prolongamento dos braços de cada um, tornando menos árdua a locomoção" (SOLDADO BM ANTUNES).

Estas falas nos remetem à importância de pensar a ação enquanto processo de significação que surge na borda entre o eu e o não-eu. Pois, o signo traz em si não apenas a herança do passado (experiências antecessoras da situação), mas também a antecipação do futuro, ou seja, a redução da incerteza, a temporária estabilidade psicológica diante do desconhecido, do instante ainda não vivido.

Logo, estudar a ação é se debruçar sobre aquilo que vai para além do imediatismo, olhando para o campo dos possíveis, ou seja, tudo aquilo que não se vê e/ou se percebe imediatamente, tudo aquilo que não está dado à priori, mas que emerge das perspectivas afetivamente gestadas, especialmente, nas ambivalências da experiência do sujeito.

4.2.2 Esquemas Afetivos

Boesch se autodefine como um piagetiano e esclarece que foi o próprio Piaget quem cunhou o termo "esquema afetivo", mesmo que para este a afetividade constituísse apenas um interesse periférico (BOESCH, 1984).

Em The Development of Affective Schemata (1984), Boesch ao discorrer sobre a teoria piagetiana, questiona o paralelismo entre o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento afetivo e demonstra que as relações entre afeto e cognição na ação humana são muito mais bem caracterizadas por uma mutualidade do que por um paralelismo. Na ocasião, ele também demonstra que o afeto é regulador da ação na medida em que o desenvolvimento afetivo conduz a estruturas especificamente relacionadas à ação e que estes esquemas devem ser vistos menos no sistema morais do que nos reguladores da ação (que ele chamou de fantasmas), e que encontram sua organização ideal no sistema estético.

Em Boesch (1984), a vida afetiva é também adaptação e, desta forma, implica também em assimilação contínua de situações presentes em experiências passadas. Esta assimilação produz esquemas afetivos que são definidos pelo autor como modos

relativamente estáveis de sentir e reagir, mas esses esquemas são também continuamente acomodados no presente. Desta forma, esquemas afetivos estruturam padrões recorrentes de agir da pessoa criando tendências de ação semelhantes.

Ocorre que de acordo com Boesch, os sistemas afetivos não são possíveis sem sistemas cognitivos de objetos construídos pela pessoa, pois ações necessariamente se relacionam com objetos. Por outro lado, nenhum sistema de objetos pode ser construído sem um investimento de interesse em objetos e, interesses positivos e negativos (aversões) dependem da experiência do potencial da pessoa.

Nossas estruturas cognitivas abrangem o nosso campo de ação que inclui um espaço repleto de objetos inter-relacionados e o tempo, experimentado como sucessões passadas e antecipadas de eventos. Essas estruturas cognitivas são construídas gradualmente nas experiências de várias ações que progressivamente diferenciam a consciência do potencial de ação de uma pessoa, tanto em relação aso objetivos, quanto aos meios de ação (BOESCH, 1984).

Os objetivos da ação são combinados em sistemas e hierarquias e, desta forma, perdem o seu caráter absoluto. Desta forma, se um objetivo parecer frustrado, a pessoa pode conceber alternativas. Os esquemas afetivos permitem à pessoa localizar sua ação, julgar antecipadamente suas limitações e barreiras, avaliar suas alternativas e antecipar seus efeitos ou compensações. Isso exerce impacto na avaliação da ação pela própria pessoa de forma que os processos de regulação serão aperfeiçoados e se tornarão os efeitos da ação (BOESCH, 1984, P. 174).

As dificuldades encontradas no curso da ação em forma de limitações, barreiras ou ameaças ao alcance dos objetivos costumam gerar tensão, ambivalência, ansiedade e até algum nível de desespero, demandando desvios, ajustes ou até mesmo substituições. No curso do desenvolvimento, as ações são progressivamente internalizadas: elas podem ser tentava imaginar, representar e pensar. Isso implica maior mobilidade e criatividade, pois cursos de ação alternativos podem ser imaginados quase ao mesmo tempo.

Essa internalização da ação também inclui seus processos regulatórios, assim, uma ameaça imaginada evoca ansiedade ao tempo que um sucesso imaginado produz alegria. Boesch resume estes processos dizendo que é função dos afetos regular o curso de uma ação para garantir sua eficiência, e esses regulamentos encontram menos resistência ao pensamento do que na realidade. Assim, a estrutura

progressivamente diferenciada da experiência muda a natureza da ação e, portanto, também a qualidade dos regulamentos afetivos (BOESCH, 1984, P. 177).

Boesch (1984) salienta que os esquemas afetivos não são afetos, mas sim experiências de afetos e, como tal, são também estruturas cognitivas. Porém, diferente dos sistemas cognitivos objetivos que enfatizam o consenso e se estendem horizontalmente, os sistemas afetivos se estendem verticalmente, ou seja, ao longo da dimensão temporal da experiência de um indivíduo.

Os esquemas afetivos são padrões de experiências regulatórias (afetos), generalizáveis e adaptáveis a experiências que se organizam em sistemas que parecem abranger tanto um sistema de valências aplicado ao mundo dos objetos como também um sistema de relações sujeito-objeto que organiza a auto experiência do sujeito. Este segundo sistema Boesch chamou de fantasmas.

Podemos entender o afeto como sendo da ordem de um cultivo. Ou seja, os bombeiros militares participantes da pesquisa cultivam afetos como a bravura, a solidariedade, o altruísmo e a coragem. O afeto alude à transformação desse self e suas emocionalidades através de valores, de marcos identificatórios e de toda trama simbólica e sua polivalência constitutiva. Assim, o afeto fala do atravessamento da corporeidade senciente através de signos que são cultivados nas culturas pessoal e coletiva e que o sujeito lança mão nos movimentos de perspectivação da dor dessa outridade que é a vítima, pois a perspectivação vai ser sempre sensível, senciente e corporificada.

Este estudo não está voltado à emocionalidade, mas à ordem dos afetos, aos esquemas afetivos que mobilizam a ação, à ordem da construção dos significados que marcam as metas acionais e que marcam o senso de identidade dos sujeitos. O afeto neste estudo é da ordem do que pode ser cultivado na cultura do sujeito e que tem potencial transformador e até mesmo de diferenciação desse sujeito e das emocionalidades que seriam emergentes na situação.

O afeto no sentido boeschiano, compõe a dimensão do cultivo do que é afetivo justamente por não ser da ordem da emocionalidade, mas sim daquilo que pode transformar essa emocionalidade se compreendida como dimensão mais reativa e menos mediada dos encontros corporificados do sujeito com o outro.

Sendo o afeto é cultivado, implica a participação do outro, de uma outridade cultural que vai permitir inclusive o cultivo ou não de certas experiências afetivas que se tornam matriz reguladora do modo de ação do sujeito. Desta forma, o bombeiro

militar participante deste estudo não é visto como atuando num nível da emocionalidade, pois, se assim fosse, ele não seria o Corpo de Bombeiros ali presentificado. Esse sujeito bombeiro militar traz consigo uma bagagem de formação, de história, de uma reflexividade que permite inclusive uma outra relação com o que seria de uma ordem mais técnica, fisiológica, socorrista.

Isto ficou demonstrado nos dados que revelam aproximações e incidências no conteúdo dos esquemas afetivos presentes nas narrativas dos participantes deste estudo. Veremos na próxima seção sobre mitos e fantasmas, que a assimilação de um mito em fantasmas depende de possibilidades de integrar conteúdos míticos nas bases afetivo-cognitivas que a pessoa já tem e está em constante transformação (Simão, 2010). Assim, os afetos lentamente se tornam internalizados, adaptados ao significado de uma situação e sintonizados com as qualidades de uma ação.

Considerando que as experiências privadas incluem necessariamente também significados compartilhados, passaremos a abordar as relações íntimas e complexas entre fantasmas e mitos na teoria boeschiana.

4.2.3 Mitos, mitemas, fantasias e fantasmas

Um mito é um sistema de explicação e justificação do mundo para o qual nenhuma prova ou dedução racional pode ser fornecida. De alguma maneira, o mito engloba ideias firmes e inquestionáveis sobre a realidade, suas razões e suas consequências (BOESCH, 1991). Podemos citar como exemplo o mito da criação divina do homem moldado a partir do barro que dá explicações e justificações da origem das coisas e do mundo. Assim, na Teoria da Ação Simbólica, Boesch (1991) refere que os mitos compreendem padrões superordenados de explicação e motivação que regulam a ação social, enquanto os mitemas são temas específicos relacionados ao mito.

Os mitos geram ordem no mundo e facilitam a estruturação das ações, podendo assumir formas de histórias, declarações exortativas ou explicativas e provérbios. Quando um pai conta ao seu filho a história da criação, onde Deus criou o homem do barro, temos um mito em forma de história. Já a declaração “Deus ajuda a quem cedo madruga”, por exemplo, é um mitema, ou seja, um tema isolado ao mito subjacente do Deus criador, que no caso ajuda os dispostos.

Boesch nos traz a seguinte definição:

> Um mito é um padrão superordenado de explicação e motivação que regula a ação social; uma história de mito especifica esse padrão em situações imaginárias, enquanto um mitema corresponde a temas específicos relacionados ao mito ou à história mito (BOESCH, 1991, p.124).

De boca em boca ou por meio de modelos de comportamento, as atitudes baseadas nas exortações e explicações coletivas passam a fazer parte da experiência individual. Logo, a origem é coletiva, mas se transformam em componentes subjetivos da realidade dos indivíduos, pois as experiências privadas incluem necessariamente significados coletivos (BOESCH, 2001).

Considerando que os mitos de origem coletiva passam a fazer parte da experiência individual, devemos ressaltar que esses mitos não são simplesmente adotados pelos indivíduos, mas sim assimilados no sentido piagetiano, através do que o autor chamou de fantasmas.

O fantasma diz respeito à natureza da relação eu-mundo antecipada do indivíduo. É o equivalente individual do mito, pois os mitos e mitemas tornam-se conteúdo da experiência subjetiva entrando no processo de estruturação da fantasia pelo qual o indivíduo molda lentamente as suas aspirações de vida (BOESCH, 2001). No que diz respeito à fantasia, Boesch refere que esta diz respeito à imaginação concreta que pode criar, por exemplo, histórias para representar estruturas fantásmicas de separação de “bons e maus”. Assim, fantasias diferentes podem representar o mesmo esquema fantásmico.

Entre bombeiros militares é possível inferir alguns mitos e histórias-mito que fornecem explicações, justificativas e moldam as atitudes desses profissionais. O mito do herói e a figura do soldado do fogo são bons exemplos. Porém, não pretendemos neste estudo apontar e classificar fantasmas, pois estes são na verdade estruturas, esquemas fantásmicos de contornos pouco definidos construídos na subjetividade das experiências individuais. O próprio Boesch refere que os fantasmas são abrangentes e polivalentes, resultantes de construções individuais e moldados de acordo com a história e a situação particular de uma pessoa e que “mais promissor do que tentar definir categorias específicas de fantasmas será entender a interação entre fantasma e mito nos campos de ação do indivíduo” (BOESCH, 2001)

Os conteúdos compartilhados, no caso os mitos, são individualizados e ganham sentido particular por meio de sua adaptação à estrutura individual, ou seja, os fantasmas. Os fantasmas, no entanto, são se originam num vácuo, mas sim através

de conteúdos ditados e propostos pelos mitos no ambiente cultural. Assim como os mitos podem ser modificados pelos indivíduos cujas assimilações particulares proporiam novos mitos ou novas versões de mitos existentes. Vemos assim os processos de individualização e de socialização na via de mão dupla da complexa relação entre mitos e fantasmas se transformando mutuamente (BOESCH, 1987).

Os mitos são assimilados porque contém regras de comportamento e suas justificativas e geram ordem em nosso mundo facilitando a estrutura de nossas ações. Ainda há de se considerar que para ser assimilado, um mito deve corresponder às estruturas fantasmáticas do indivíduo e justificar suas próprias tendências de ação (BOESCH, 1991).

Por fim, mas sem encerrar as possibilidades teóricas da teoria boeschiana, salientamos que o fantasma, enquanto padrão que representa as relações eu-mundo possibilita ao ator uma variedade de estratégias motivacionais na ação. Porém, os fantasmas dão origem aos motivos e a todos os sistemas de metas abrangentes e superordenados, sendo assim, os fantasmas estruturas intimamente ligadas ao potencial de ação e seus modos de lidar com a ambivalência proveniente à resistência dos objetos no campo de ação (BOESCH, 1991).

4.2.4 Dinâmica afetiva da relação do sujeito com os objetos da experiência

Nesta seção voltaremos a discutir alguns aspectos teóricos apresentados por Boesch em O Som do Violino (1993) a fim de discutir a formação das metas da ação na relação dinâmica com os artefatos, pois conforme encontramos no texto, tornar-se um violinista é um objetivo super ordenador afetivamente gestado a partir da história particular de cada indivíduo e que cada um vai agir de forma particular diante das ambivalências experimentadas com o objeto no curso da ação.

Entendemos que as metas da ação são sempre afetivamente gestadas e a potencialidade criadora dessa ação está calcada na singularidade da história do sujeito ator e seus modos de significação sobre a resistência dos objetos da experiência, pois esse ator interpreta o seu mundo de forma afetivamente orientada e sustentada nos mitos e nos fantasmas (PINHEIRO & SIMÃO, 2020).

Neste processo de construção de conhecimento de si e do mundo, o objeto da experiência ganha significado através da ação que lhe é dirigida e passa a ser representante da situação vivida pelo ator, como, por exemplo, o souvenir do turista

ou o capacete do bombeiro. Ocorre que o objeto também representa possibilidade de ação do ator, o que Boesch (1993) chamou de potencial de ação (SIMÃO, 1999).

Os objetos podem ainda colaborar para com a identidade do eu no mundo, isto porque fornecem um quadro regulador do sentimento de identidade do ator de diversas maneiras: dando permanência ao passado, inserindo significações no entorno material, facilitando instrumentalmente a ação, sugerindo formas positivas de ação – e enfim, marcando papéis e posições sociais (SIMÃO, 1999).

Assim sendo, a realidade do objeto é uma realidade de ação e a ação, por sua vez, escolhe e cria seus suportes pelos objetos e os dois (ação-objeto), conjuntamente, permitem ao ator formar e manter uma identidade do eu (BOESCH, 1979, p. 31).

Ainda sobre a experiência do ator em relação ao objeto da experiência, destacamos o seguinte trecho:

> A experiência de empurrar um objeto leva, por um lado, ao esquema do objeto empurrável, que incluirá uma variedade de objetos diferentes, mas que tenham em comum pelo menos a qualidade de permitir serem empurrados. Por outro lado, a experiência dá origem a percepções subjetivas de empurrar, ou seja, exercer força sobre um objeto, sentindo-se forte o suficiente ou fraco demais para movê-lo, e, dessa forma, experimentando triunfo ou frustração (BOESCH, 1984, p. 176).

Neste trecho, Boesch (1984) demonstra a regulação afetiva da experiência dando origem a percepções subjetivas da relação sujeito-objeto no mundo, onde essa regulação afetiva da experiência permite ao sujeito experimentar limitações, barreiras e ambivalências que o colocam diante do campo dos possíveis.

Isto porque os objetos nunca são passivos e sempre oferecem resistência, estão em movimento, como ocorre com o violino, mudam com o fluxo da cultura, por um lado, com a natureza e o progresso das ações individuais, por outro. Ação e objeto, portanto, formam estruturas combinadas. Para Boesch (1984), com o domínio do violino ocorre a união homem e objeto em uma simbiose íntima que resulta em um belo som, sendo provável que essas interações estejam presentes também no uso de outros objetos materiais e imateriais pelo homem (BOESCH, 1984).

4.3 A FICÇÃO EM DIÁLOGO COM AS DIMENSÕES FANTÁSMICAS DO SUJEITO DA AÇÃO CRIATIVA

Por entendermos que as dimensões fantásmicas dialogam diretamente com as dimensões ficcionais que são ampliadoras de perspectivas na experiência humana, cabe-nos aqui tomar a noção de ficção enquanto registro inerente à realidade psíquica

humana, desenvolvido por Pinheiro & Simão (2021). Esta noção vem a contribuir com as construções teóricas desta pesquisa a partir do entendimento da ficção enquanto registro que participa do modo como o sujeito subjetiva e constrói soluções para os enigmas, as ambiguidades, as descentrações e para uma dimensão que Simão (2004) chamou experiência inquietante. Neste sentido, as experiências inquietantes seriam aquelas que:

> [...] criam instabilidade, tensão, perturbam ou mesmo ferem as expectativas da pessoa sobre a habilidade de entender a si mesmo e às suas relações Eu-Outro-Mundo, instigando a pessoa a sentir, pensar e agir de modo cognitivo e afetivo, em diferentes direções daquelas que ela estava seguindo até então, de tal modo que a pessoa pode chegar a integrar sentimentos despertados por ela em sua base afetivo-cognitiva, que, por sua vez também mudará (SIMÃO, GUIMARÃES, FREITAS, BASTOS & SANCHEZ, 2015, p. 7).

Tomamos aqui a noção de ficção não como oposto daquilo que é real, nem tampouco como transfiguração da realidade, mas sim como dimensão que articula o campo dos possíveis, como registro inerente à realidade psíquica e que alarga e diversifica as concepções de realidade, ampliando e complexificando o tratamento das verdades humanas diante das ambivalências da experiência humana (PINHEIRO & SIMÃO, 2020;2021).

Pinheiro e Simão (2020) propõem a realidade subjetiva e a ficção como inerentes à condição subjetiva, como uma maneira de interpretar o mundo de forma afetivamente orientada e sustentada nos mitos e nos fantasmas.

Acerca das questões da subjetividade na emergência do novo e suas relações com os mitos e fantasmas na regulação afetiva sobre o campo potencial da ação humana, as autoras enfatizam a intimidade como gênese da ficção de si mesmo e do mundo que marcam o registro afetivo e estético-ficcionante da realidade psíquica humana (PINHEIRO & SIMÃO, 2020, p. 2). Assim, ao abordar ficção enquanto processo criativo relacionado à emergência dialógica do novo sob o prisma das relações entre estética e afetividade, referem que:

> Se a ordinariedade da vida é uma malha sociocultural produtora de cadência, ritmo, um conjunto de regularidades inerentes a certa anomia do circuito coletivo; por outro lado, a intimidade da ficção própria à experiência estética seria uma dimensão inerente à impactação ante a ambiguidade dos signos da experiência (PINHEIRO & SIMÃO, 2020, p.5).

Neste estudo, entendemos as dinâmicas criativas são contexto-dependentes e, desta forma, a noção de ficção de Pinheiro e Simão (2020; 2021) se alinham com as intenções deste estudo em contribuir com o desenho da dinâmica criativa num contexto específico e que está articulada a um contexto profissional prescritivo que

envolve uma dinâmica de salvar vidas com o risco da própria vida e que parece ter um lastro muito forte nos fantasmas e nos objetivos da ação, ou seja, de tudo aquilo que abarca a ancoragem afetiva dos ideais orientadores da ação.

Na busca da generalização, o que em nosso entendimento caracteriza o processo criativo, independente do contexto, seria a emergência do novo. Não o novo das contingências na irreversibilidade do tempo da experiência, mas sim o novo dotado de uma ressonância surpreendente tanto para o sujeito quanto para o contexto do qual ele participa. Assim, tomamos por criativo tudo aquilo que revela o sujeito e que não está no campo do automatismo reflexo, mas que tem as marcas da ambiguidade e da ambivalência que permitem a construção de sínteses inesperadas com potencialidade de instaurar novas práticas.

Acerca da emergência do novo na relação eu-outro-mundo, Pinheiro e Simão (2021) conferem especial atenção à afetividade que surge em face da resistência e ambiguidade dos objetos da experiência, de tudo que é da ordem do não-eu e referem que “o campo do possível parece emergir das vicissitudes da ambiguidade na relação eu-outro-mundo, que promove a ação mutuamente transformativa entre o sujeito e a cultura” (PINHEIRO & SIMÃO, 2021, p.4). Nestas relações eu-outro-mundo, o outro enquanto objeto da experiência do sujeito é sempre visto através da elaboração pessoal e singular do eu e é representado como um objeto simbólico ativo que a todo momento apresenta questionamentos ao eu. Referem ainda que:

> Seria então pelas formas de lidar com as ambivalências implicadas nas resistências do objeto que o senso afetivo e singular do sujeito transforma o senso objetivo da ação. Por este caminho, o processo de construção do conhecimento de si e do mundo torna-se uma jornada através da ambiguidade e heterogeneidade dos signos da experiência (PINHEIRO & SIMÃO, 2020, p. 7).

As relações entre ficção e realidade subjetiva implicada nos mitos coletivos e fantasmas individuais se evidenciam nas formas de subjetivação da experiência humana na construção de soluções diante das ambiguidades e descentrações subjetivas. Também se evidencia nas palavras de Pinheiro e Simão (2020) a centralidade da mediação semiótica e a ambiguidade enquanto característica dos signos da experiência. No caso, a ambiguidade característica dos signos emerge nesse processo como dimensão da afetividade da experiência ambivalente (PINHEIRO & SIMÃO, 2021, p. 6)

5 SIGNIFICADOS SUBJETIVOS: CONTRIBUIÇÕES DE JEAN VALSINER

Para Jean Valsiner (2012), “o afeto emerge no meio dos mais banais eventos da vida cotidiana” (p.250) e, de algum modo, os seres humanos constroem significados privados, subjetivos para vários eventos pequenos de suas vidas e registram isso como um “pano de fundo” para suas ações no mundo.

O autor enfatiza ainda que a tese central da perspectiva semiótica na psicologia cultural é justamente de que “a vida psicológica humana é afetiva em sua natureza e é mediada por signos” (VALSINER, 2012, p. 251). Desta forma, a experiência afetiva é socialmente regulada, acontecendo em diferentes níveis de generalização e três domínios da experiência: o microgenético, o mesogenético e o macrogenético.

O nível microgenético compreende a experiência imediata, primária e que acontece à medida que a pessoa enfrenta o próximo e inédito momento de sua vida na linha irreversível do tempo. O nível mesogenético é aquele a que Valsiner se refere como sendo as “molduras recorrentes para a ação humana” e consistem em contextos de atividades relativamente repetitivas (como tomar banho, rezar ou ir à faculdade) que canalizam a experiência subjetiva através das possibilidades nas quais essa experiência se estrutura. Já o nível macrogenético compreende o mais duradouro aspecto da vida cultural humana, o desenvolvimento da pessoa ao longo da vida (VALSINER, 2012).

Considerando que no domínio microgenético a pessoa se depara com o ineditismo e desconhecimento do momento de vida seguinte na linha do tempo irreversível, o que Boesch denominou o “caos sempre à espreita” (BOESCH, 2005, apud VALSINER, 2012, p. 251), dar conta da desestabilização que o instante seguinte inédito e desconhecido certamente causaria se torna uma necessidade psicológica humana. E, a fim de criar estabilidade do ponto de vista psicológico, a pessoa cria segundo Valsiner (2012), dispositivos semióticos – campos de significação – que proporcionam uma relativa estabilidade temporária.

Estas estabilidades temporárias criadas através de dispositivos semióticos ou campos de significação referidos por Valsiner nos remetem aos esquemas afetivos que criam tendências de ação diante do ainda não vivido, descritos por Boesch (1984).

Destacamos o seguinte trecho de Valsiner:

> A criatividade da psique humana, ao gerar novos significados dentro do viver a própria vida, é hiperprodutiva. A maior parte dos dispositivos semióticos criados é abandonada – em alguns casos, antes mesmo de seu uso; outros após o seu uso e quando não forem mais necessários. Naturalmente, existem muitos dispositivos semióticos, ou significados, que são retidos ao longo da ontogênese; alguns são conservados ao longo do curso da história humana (VALSINER, 2012, p. 252).

Neste trecho o autor nos fala de construções semióticas, significados pessoais que ao longo das ações das pessoas são construídos, abandonados ou retidos e preservados ao longo da ontogênese e criam estabilidade subjetiva o ponto de vista psicológico em meio às inevitáveis incertezas do viver humano. Valsiner prossegue apresentando a ideia da cultura pessoal, algo do privado, das significações subjetivas que são sempre assistidas pela canalização coletiva (cultural) das experiências na cultura que ele descreveu como nível mesogenético de organização das experiências (cenários, contextos recorrentes e relativamente repetitivos).

Aqui, nos parece possível identificar algumas aproximações de entendimento teórico entre a teoria dos signos de Valsiner e mitos e fantasmas apresentados por Boesch. Isso porque os fantasmas de Boesch, enquanto modos pessoais, subjetivos de internalização dos mitos que são do campo do coletivo (cultural) se assemelham às noções de significações subjetivas que compõem a cultura pessoal que é assistida pela organização coletiva.

Quanto à teorização dos fenômenos afetivos, Valsiner destaca a centralidade psicológica do afeto no viver humano:

> A dificuldade de usar a linguagem para denotar algo que é sentido, mas que não é imediatamente codificado no código linguístico, tem sido um problema para a psicologia. Minha proposta é que esta inacessibilidade verbal aos fenômenos afetivos é parte da centralidade psicológica do afeto no funcionamento humano (VALSINER, 2012, p. 256).

O autor também refere que a esfera afetiva, o mundo subjetivo humano se mostra sempre como a totalidade complexa da experiência imediata que está em mudança constante e dinâmica, pois os processos semióticos que a pessoa insere em sua vida têm o papel de regular e dirigir o fluxo desse viver, a ação dessa pessoa, para alguma direção selecionada entre muitas possíveis no futuro (VALSINER, 2012). Está aqui mais uma vez explícita a função reguladora do afeto nas ações humanas.

Sem nenhuma pretensão de esgotar as contribuições de Valsiner para a compreensão dos processos de significação, da subjetividade e da centralidade do afeto na vida psicológica humana, no momento nos limitamos a buscar no autor mais

uma base teórica da psicologia cultural com interesse nos princípios básicos da vida afetiva humana que é semioticamente organizada.

6 TEORIA DOS VALORES: CONTRIBUIÇÕES DE BRANCO E VALSINER

Como já abordado anteriormente, na primeira pesquisa sobre a ação criativa de pilotos policiais, os valores enquanto signos hiper generalizados na cultura pessoal surgiram balizando as decisões e os cursos das ações dos indivíduos. Assim, buscando uma ampliação da compreensão da outridade valorativa no recorte da psicologia dialógica cultural semiótica a partir de uma dinâmica signo-afetiva, passaremos a abordar os estudos de Branco e Valsiner (2012) e Valsiner (1998, 2012).

Inicialmente, para melhor compreensão da noção de valores de Branco & Valsiner (2012), cabe-nos abordar o conceito de “separação inclusiva” de Valsiner (1998), onde é possível diferenciar analiticamente o indivíduo e o mundo social, porém sabendo que eles estão inter-relacionados em um todo que não pode ser reduzido à soma de seus componentes separados, o que implica no fato de que os valores humanos são mutuamente influenciados por aspectos do mundo social e por características individuais.

Desta forma, a cultura e as características individuais se cruzam no curso da ação tornando possível que os valores sejam não só constituídos e transmitidos, mas, principalmente, transformados ao longo da história humana. O estudo da constituição mútua das práticas desenvolvidas dentro da cultura e da construção de valores contribui de forma decisiva para uma melhor compreensão da ação humana ao longo do desenvolvimento e se articula com o interesse deste estudo.

As interações sociais e os valores humanos emergem sempre de uma constituição dialógica e recíproca de práticas sociais e processos de construção de significados, que por sua vez são centrais para os estudos da realidade dos sistemas vivos existentes no tempo irreversível, estabelecendo as condições que tornam o desenvolvimento psicológico humano orientado para o futuro (BRANCO & VALSINER, 2012, p. 32).

Adota-se para fins deste estudo a natureza de codesenvolvimento das práticas cotidianas e valores sociais ao longo do tempo, com ênfase na ontogênese dos valores humanos em contextos culturalmente estruturados. Para esclarecer a dinâmica que parte das relações intersubjetivas para as intrasubjetivas que caracterizam a emergência dos valores humanos enquanto signos hipergeneralizados, Branco & Valsiner (2012) apresentam o conceito de processos de

canalização cultural, onde o caráter intencional da ação é que confere a marca da mentalidade ao ser humano. Entretanto, este caráter intencional, que dá racionalidade à ação, não é sua única marca. A ação comporta também a afetividade, que será responsável pela escolha dos objetivos a serem alcançados.

Os processos de canalização cultural (VALSINER, 1998, 2007) se dão a partir de constrangimentos naturais e simbólicos seguindo os mesmos processos de internalização propostos por Vygotsky (1984), onde este sugere que os processos psicológicos interindividuais são internalizados ao longo da ontogênese em processos intraindividuais, ou seja, funções psicológicas superiores. Assim, os processos cognitivos acontecem primeiro em níveis interpessoais e depois são ativamente internalizados pelos indivíduos.

O entendimento teórico dos processos de internalização e externalização se sustenta sobre o pressuposto da separação inclusiva abordado no início desta seção. Desta forma, o indivíduo é visto sempre em relação com o mundo, mas separado analiticamente. É esta separação que permite aos pesquisadores definirem as direções das transposições dos materiais culturais, do exterior para o interior (nas internalizações) e do interior para o exterior (nas externalizações) (VALSINER, 2012, p. 284).

Os processos de internalização e externalização estão constantemente em ação e neles o indivíduo é sempre ativo, sendo assim possível transformar e ser transformado pelo ambiente cultural. Assim sendo, Valsiner (2012) define o processo de internalização:

> Internalização é o processo de análise dos materiais semióticos existentes externamente e de sua síntese sob uma nova forma dentro do domínio intrapsicológico. A internalização é sempre um processo construtivo, transformando o material externo em uma forma internamente diversa (VALSINER, 2012, p. 282).

Já o processo de externalização, paralelo e complementar à internalização, é concebido como sendo a análise dos materiais subjetivos da cultura pessoal intrapsicológicas durante a sua transposição do interior da pessoa para o seu exterior, modificando o ambiente externo com uma nova síntese desses materiais (VALSINER, 2012, p. 282).

Vygotsky (1984) já propunha que o desenvolvimento das funções intelectuais especificamente humanas é sempre mediado socialmente pelos signos e pelo outro. Ao internalizar as experiências fornecidas pela cultura o homem reconstrói

individualmente os modos de ação que lhes são externos e assim passa a organizar seus processos mentais (REGO, 2014, p.62).

Branco e Valsiner (2012) sugerem que esta mesma dinâmica inter/intra típica das dimensões cognitivas ocorre também com as práticas e co-construções semióticas que envolvem significados carregados de afeto enquanto motivação humana. Os motivos são imbuídos de fortes emoções e englobam crenças, orientações de metas (objetivos) e valores. Há de se considerar que embora sistemas motivacionais individuais possam mudar, alguns significados específicos mantêm alguma estabilidade: os valores (p. 33).

As orientações para os objetivos funcionam restringindo e/ou impulsionando ações e interações específicas em contextos sociais específicos e assim direcionam as ações das pessoas. Essas orientações estão hierarquicamente organizadas em sistemas motivacionais que, de acordo com o contexto e com a avaliação subjetiva do momento, ativam os objetivos que melhor se enquadram para uma pessoa em uma determinada situação.

Partindo do princípio de que ao homem só é possível viver imerso em um universo de significados (LOTMAN, 1990 apud BRANCO & VALSINER, 2012) que por sua vez se constituem nas interações intencionais e não intencionais e são ativamente internalizados, alguns desses significados se tornam centrais enquanto outros permanecem marginais como fundo cultural. Os valores enquanto signos hipergeneralizados também são ativamente internalizados e, em meio a interações e sugestões diversas e complexas, os indivíduos terminam por internalizar valores de maneiras singulares.

Acerca dessa ativa e dinâmica internalização de significados que participam da construção de valores Branco & Valsiner propõem que:

> Os significados pessoais dão um propósito à vida humana. No caso de ambivalência ou incerteza, torna-se difícil ao indivíduo trazer à tona recursos psicológicos para construir ou cumprir seus próprios projetos de vida. Os valores humanos surgem de significados co-construídos ao longo de experiências de vida na ontogenia e definem a dimensão moral das interações humanas em relação à família, ao trabalho e às interações cotidianas (BRANCO & VALSINER, 2012, p. 34, tradução nossa).

Estas implicações teóricas acerca da internalização ativa de significados, gênese e funcionalidade dos valores no desenvolvimento humano é de grande importância para este estudo porque aponta caminhos para a ampliação da compreensão da dimensão subjetiva afetivo-cognitiva da ação criativa em contextos

de emergência e risco, no caso sujeito bombeiro militar. Isto porque, como já abordado, estes signos hipergeneralizados aparecem como balizadores das decisões e definidores dos cursos de ações na primeira pesquisa (FRANÇA, 2019).

Os autores ainda salientam que os valores ajudam a construir o senso de identidade da pessoa e, quanto mais sutis e carregados de afeto, mais eficientes são, uma vez que imposições costumam gerar resistência (BAUMRIND, 1991; BRANCO & VALSINER, 2004 apud BRANCO & VALSINER, 2012).

Considerando que o sistema motivacional humano é orientado em direções específicas, a pessoa então busca cada vez mais participar de práticas culturais que se alinhem com tais valores, criando assim um sistema circular que se retroalimenta e tende a aumentar a força dos valores envolvidos. Assim, esses valores podem atuar sobre as orientações de metas específicas e orientar processos de significação que podem levar à mudança (BRANCO & VALSINER, 2004; FATIGANTE, FASULO & PONTECORVO, 2004; ROMMETVEIT, 1992, apud BRANCO & VALSINER, 2012).

Para fins deste estudo é relevante uma melhor compreensão dos processos de significação e internalização dos valores enquanto signos hipergeneralizados que dão propósito à vida das pessoas, participam da construção do senso moral delas e parecem balizar suas decisões se tornando decisivos na formação de suas metas e, consequentemente no curso de suas ações. Para isto, um olhar atento às negociações de significados envolvidos no cotidiano laboral dos bombeiros militares pode descortinar aspectos importantes da subjetividade da ação criativa desses profissionais.

7 O CORPO COMO SER-NO-MUNDO: CONTRIBUIÇÕES DE MERLEAU-PONTI

A fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (198-1961) e suas concepções sobre o corpo, são convocadas no presente estudo a fim de propiciar um melhor entendimento de como a corporeidade pode agenciar sentidos muito antes do pensamento reflexivo e de uma consciência em termos de racionalidade, como ocorre, por exemplo, no corpo do bebê, no sono, no susto.

Isto porque esta pesquisa entende que o corpo é agente de sentidos e esses sentidos também participam desse corpo que é situado e que pode, inclusive, produzir sentidos que questionam as significações dadas pela racionalidade.

Neste estudo, o próprio nome “corpo de bombeiros” tem uma centralidade na agentividade do sujeito bombeiro militar que salva, que socorre, que trata de um corpo (vítima) utilizando o próprio corpo, assim como também na transformação de afetos que não se confundem com a emocionalidade, mas que funcionam como motores das ações de pronto-socorrismo.

Merleau-Ponty (2006) rompe com a ideia de um Körper ou corpo como substância, pois para ele, o corpo está no mundo, mas diferente dos objetos, tem extensão e capacidade reflexiva (XAVIER, 2013). Assim, o homem está corporalmente inserido no mundo e se relaciona com o mundo e com o outro através do seu corpo. Desta forma, o corpo não é morada do sujeito, o sujeito não tem um corpo, ele é o corpo, pois não lhe é possível desvencilhar-se desse corpo. O corpo é o modo próprio desse sujeito ser-no-mundo (REIS, 2011).

A noção fenomenológica Merleau-pontyana preza pela experiência do sujeito e refere que o sentido não está nem na consciência do sujeito que percebe e nem no objeto que é percebido, mas se situa na relação que se estabelece entre eles; e esta relação é mediada pelo corpo. Assim, o autor aponta que “tenho consciência do mundo pelo meu corpo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 122).

Mediador entre o sujeito e o mundo, o corpo unido à consciência torna-se consciência corporificada e fundada na experiência sensorial do sujeito (XAVIER, 2013), ao que Merleau-Ponty aponta que “o corpo é nosso meio geral de ter um mundo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 203).

Assim sendo, na contramão do pensamento clássico que trazia a consciência/subjetividade como um fenômeno mental, para Merleau-Ponty a subjetividade só se dá como ato reflexivo a partir daquilo que é percebido pelo corpo:

> O deslocamento da consciência de uma instância interior para a relação corpo-mundo traz relevantes implicações à Psicologia, pois então “o sujeito que ser percebe deixa de ser um sujeito pensante ‘acósmico’” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 50), tornando-se um sujeito que por seu corpo está inexoravelmente enraizado no mundo, situado em um espaço-tempo determinado (REIS, 2011, p. 37).

Considerando que a subjetividade humana é necessariamente corporificada e o corpo é o modo de o sujeito ser-no-mundo, mediando as relações sujeito-mundo e sujeito-outro, é possível apontar que a subjetividade tem gênese no nascimento da percepção, mais precisamente no mundo pré-reflexivo. Desta forma: “o subjetivo não é um ‘eu interior’, ele é o entrelaçamento do sujeito com o mundo ou com o seu ser-no-mundo (In-der-welt-sein)” (XAVIER, 2013, p. 5).

Enfatizando a experiência do sujeito, a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty situa o corpo tanto como lugar de conhecimento originário do mundo, do outro e de si mesmo, quanto como lugar de saber sensível que antecede o conhecimento reflexivo, mas que também o torna possível (REIS, 2011). O autor ainda refere que:

> Portanto, sou meu corpo, exatamente na medida em que tenho um saber adquirido e, reciprocamente, meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório de meu ser total. Assim, a experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto, e que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em ideia, e não a experiência do corpo ou o corpo em realidade (REIS, 2011, p. 40).

O corpo para Merleau-Ponty não só expressa a presença do outro como também nos torna conscientes da nossa própria presença, visto que só sentimos que existimos depois de termos entrado em contato com os outros numa experiência corporificada. O autor refere ainda que só é possível compreender a intencionalidade e a atitude do outro para comigo porque, através do meu corpo, posso torná-las minhas e que a consciência que tenho de mim mesmo só se dá no retorno depois que eu “frequento” o outro (XAVIER, 2013).

O que até aqui foi disposto não significa dizer que o homem se reduz ao corpo ou ainda que o pensamento está apartado dos processos envolvidos na (re)construção da subjetividade. Reis (2011) aponta que na percepção, onde estão imbricados aquele que percebe e o que é percebido, opera uma forma de consciência pré-reflexiva, a qual não está “dentro”, não habita um corpo, mas que é o corpo (REIS, 2011, p. 40).

Sendo o corpo veículo da experiência subjetiva do sujeito, ser-no-mundo implica que o sujeito é também um ser-em-movimento, um corpo em movimento. E,

nesse sentido, mover-se significa sair de si para ser-com, abrindo-se à alteridade. Assim, o movimento constitui uma maneira de esse sujeito se relacionar e conhecer o mundo e o outro. Reis (2011) aponta que:

> O movimento é, portanto, uma maneira de nos relacionarmos com as coisas e uma forma legítima de conhecê-las: uma cognição sensível. E, porque estamos implicados como um todo neste ato cognitivo mediado pelo sentir, ele reflete o nosso movimento existencial, que está carregado com nossos valores, afetos, desejos, de modo que o sentido emergente nesta relação seja um sentido vital (REIS, 2011, p. 41).

A autora ainda refere que o movimento em direção ao outro ou a alguma coisa para ser com e assim experienciar o mundo reflete o sujeito ativo dotado de intencionalidade que não é expectador passivo diante da vida, mas que participa dela ativamente por meio do seu corpo em seus movimentos, afetos e pensamentos. Além dos aspectos objetivos como idade, cor e sexo, o corpo também expressa diversos aspectos subjetivos do sujeito e por isso se apresenta como significativa unidade de análise subjetiva em Psicologia (REIS,2011).

Considerando o até aqui exposto, a corporeidade foi selecionada como um dos cinco eixos de análise desta pesquisa, junto com os eixos perspectiva, temporalidade, uso de instrumentos e signos orientadores da ação, a fim de melhor entender como o corpo participa da perspectivação na ação dos sujeitos do Corpo de Bombeiros Militar.

Vale salientar que a corporeidade está presente neste enunciado e para além dos cinco eixos de análise, pois o corpo é pervasivo. A corporeidade atravessa os outros eixos. A perspectiva, por exemplo, não existe, a não ser a partir de um corpo. Inclusive, em sua dimensão situada, a perspectiva se dá a partir do corpo. Na temporalidade, sentir o tempo é também corporificado.

A corporeidade enquanto eixo aparece como uma questão reflexiva para o próprio sujeito, pois ao mesmo tempo em que é pervasiva, também surge como objeto de reflexão nas narrativas e nas reconstruções das experiências dos participantes. Assim, no eixo corporeidade, o corpo não é só doador de sentido, mas também enunciado que convoca o sujeito a refletir.

8 OBJETIVOS

8.1 OBJETIVO GERAL

Investigar em caráter exploratório como a dimensão afetivo-cognitiva da experiência, enquanto campo dialógico e intersubjetivo, participa da construção dos significados em jogo na ação criativa cotidiana de bombeiros militares pernambucanos em contexto de emergência e risco.

8.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Mapear na experiência do bombeiro militar como a dinâmica entre alteridade, perspectivação, affordances e temporalidade se articulam nos processos criativos em contextos de emergência e risco;
- Identificar aspectos da regulação afetivo-cognitiva (dimensões fantásmicas e valores) nas ações de salvamento e resgate de vítimas por bombeiros militares, contemplando os recursos semióticos construídos na ação;
- Investigar como ambiguidades e ambivalências dinamizam a dialogicidade da relação dos atores com o seu campo acional, potencializando os registros intersubjetivos das affordances contextuais implicados na emergência do novo.

9 MÉTODO

Para Bakhtin, o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante que nunca coincide consigo mesmo e por este motivo é inesgotável em seu sentido e significado. Propõe que a exatidão é necessária para a assimilação prática, mas pressupõe a coincidência da coisa com ela mesma e diz:

> As ciências exatas são uma forma monológica do saber: o intelecto contempla uma coisa e emite enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a coisa muda. Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode se tornar mudo; consequentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico (BAKHTIN, 2017, p. 66).

Assim, esta pesquisa se constituiu em um estudo de características qualitativa, dialógica e idiográfica. Entendendo que o comportamento humano difere qualitativamente do comportamento animal e por isso deve ser estudado em sua especificidade (VYGOTSKY, 1991), optamos por um estudo qualitativo e, com vistas ao registro único em busca dos aspectos singulares, subjetivos e relativos à unicidade das relações dos sujeitos, optamos pela idiografia com fins de descrição compreensão e interpretação da dimensão afetivo-cognitiva da experiência de bombeiros militares que atuam no atendimento pré-hospitalar, enquanto campo dialógico e intersubjetivo, na ação criativa.

Tratou-se de um estudo dialógico por adotar a noção de sujeito ativo, expressivo e dotado de voz, e onde a pesquisadora e este sujeito estão sempre em interação. Para Freitas (2002) na proposição ontológica-hermenêutica que é coerente com a compreensão dialética dos fenômenos humanos, o pesquisador é parte da situação de pesquisa. Entendemos que o único conhecimento que se pode ter do sujeito é o conhecimento dialógico com participação ativa tanto do investigador quanto do investigado como critério de pesquisa (BAKHTIN, 2011).

9.1 SITUAÇÃO DE PESQUISA

A coleta de dados desta pesquisa foi realizada em cinco etapas, sendo a primeira uma visita de apresentação mútua entre pesquisadora e os integrantes do grupamento bombeiro militar, a segunda uma entrevista individual on-line com cada participante, a terceira consistiu na produção e envio de diários autobiográficos com áudios, fotos e vídeos feitos pelos participantes, a quarta etapa se caracterizou por uma entrevista também individual e on-line com cada participante acerca dos diários

autobiográficos produzidos e na última etapa foi realizada uma entrevista coletiva presencial com os participantes, conforme passaremos a descrever em detalhes.

Ainda em condições impostas pela pandemia da Covid-19, as quatro primeiras de um total de cinco etapas desta pesquisa aconteceram de forma remota, onde foi utilizada como ferramenta o Google Meet. A última etapa que compreendeu uma entrevista coletiva com os 04 (quatro) participantes da pesquisa aconteceu presencialmente em uma sala no grupamento bombeiro militar de onde estes participantes trabalham.

Na etapa I foi realizada uma reunião on-line entre a pesquisadora e os voluntários a participarem da pesquisa que, além de voluntários, foram devidamente autorizados pelo comando daquela unidade de bombeiros. Na ocasião, a pesquisadora apresentou a proposta da pesquisa, esclareceu dúvidas dos participantes, estabeleceu os primeiros vínculos, explicou as condições da pesquisa, coletou informações básicas de contato dos participantes e remeteu as vias do Termo de Consentimento Livre e Declarado que foram devidamente lidas, assinadas e devolvidas. Também nesta etapa I, os sujeitos voluntários para a participação na pesquisa foram cientificados de que os dados obtidos na pesquisa seriam utilizados para fins de pesquisa científica no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco.

Na etapa II os participantes foram entrevistados individualmente via Google Meet, seguindo um roteiro de entrevista semiestruturada visando favorecer a produção de enunciados e os processos de significação através do relato de experiências pessoais, familiares e as referentes à trajetória do sujeito para tornar-se bombeiro militar. Na ocasião, os entrevistados foram orientados a estarem a sós e em local reservado e a utilizarem fones de ouvido. Durante as entrevistas, tanto a pesquisadora quanto os sujeitos participantes da pesquisa estavam em suas residências e permaneceram com as câmeras ativas. As entrevistas foram gravadas em vídeo e depois transcritas para análise dos dados.

Adotamos o conceito da “justa distância” cunhado por Coutinho (2015) para descrever a adequada postura do entrevistador em relação ao entrevistado para propiciar seu conforto:

> A pessoa fala uma coisa porque eu estou lá. E porque eu estou lá, produz-se uma coisa pelo fato de haver um interlocutor e uma câmera. Para o bem e para o mal. Então, ao mesmo tempo, o problema é o seguinte: é que tem que ter uma justa distância... porque a justa distância é a que estamos agora: dois, três metros de distância. A justa distância é onde as pessoas se matam ou se amam e falam. A vida se passa assim, essa é a verdade do diálogo, é por ser assim que pode criar vida (EDUARDO COUTINHO, 2015).

Coutinho descreve esse encontro com o entrevistado como uma relação corpo a corpo onde se fala visceralmente e, para o produtor, a justa distância significa ganhar a entrevista, mas retribuir com sua presença e atenção à disponibilidade da fonte.

A fala do diretor documentarista, apesar de vir do cinema, serve de alegoria para pensar a construção do espaço intersubjetivo como esse campo aberto e simultaneamente acolhedor, confiável, e forte para criação de ressonâncias amplificadoras do sentido da experiência implicada nos enunciados. Estas concepções de encontros de se colocar diante do outro, ainda que virtualmente, falar para o outro foram aqui recrutadas por se alinharem com as características idiográfica e dialógica deste estudo.

A etapa III durou 30 dias e consistiu no período em que os participantes, utilizando um aplicativo de mensagens instantâneas (Whatsapp), produziram diários autobiográficos orais com uso opcional de imagens e vídeos que foram compartilhados com a pesquisadora de forma instantânea a medida em que foram produzidos. A pesquisadora confirmava o recebimento das mensagens sempre que estas chegavam. Este método de diários biográficos através de smartphones com uso de aplicativo de mensagens foi desenvolvido por Pinheiro (2020). Nele, os participantes foram instruídos a enviarem para a pesquisadora um registro em áudio com descrições e reflexões sobre o seu dia de serviço, rotinas e impressões subjetivas sobre ser bombeiro militar. Nesta etapa, os participantes foram incentivados a também registrar e enviar imagens e vídeos.

Ao final dos 30 dias de produção dos diários autobiográficos, na etapa IV os participantes foram novamente entrevistados de forma individual e on-line sobre os registros feitos nos seus diários a fim de ampliar a compreensão sobre tais registros simbólico-afetivos, da temporalidade e do exercício da atividade bombeiro militar e emergência do novo. As orientações para esta entrevista foram as mesmas da etapa II e as entrevistas também foram gravadas em vídeo e transcritas para análise dos dados.

Na etapa V foi realizado o único momento presencial do estudo: a entrevista coletiva com o grupo de participantes, onde buscou-se capturar nas negociações de reconstrução das experiências, o registro coletivo de como essas dimensões afetivo-simbólicas atuam na ação criativa numa experiência compartilhada pelos participantes. Esta entrevista também foi gravada em vídeo e transcrita para análise dos dados.

As etapas da coleta de dados desta pesquisa e seus objetivos metodológicos estão condensados na tabela 1, enquanto a cronologia de execução de cada etapa está explicitada na tabela 2.

Tabela1 – Descrição das Etapas e Objetivos Metodológicos
Fonte: a autora, 2023.

Etapa	Descrição	Objetivos
I	Apresentação e vínculo	- Apresentação da pesquisadora e da proposta da pesquisa; - Seleção dos participantes da pesquisa; - Estabelecer os primeiros vínculos entre pesquisadora e participantes;
II	Entrevista sobre o “tornar-se bombeiro militar”.	- Favorecer a produção de enunciados e os processos de significação através do relato das experiências pessoais, familiares e as referentes à trajetória do sujeito para tornar-se bombeiro militar.
III	Produção dos diários autobiográficos	- Estimular os processos de significação sobre as experiências do participante na atuação como bombeiro militar, rotinas e impressões subjetivas.
IV	Entrevista sobre as produções dos diários de serviço	- Ampliar a compreensão sobre o registro simbólico-afetivo, da temporalidade e do exercício da atividade bombeiro militar e emergência do novo ao longo das produções recebidas.
V	Entrevista coletiva com a equipe	- Capturar o registro coletivo das dimensões afetivo-simbólicas na ação criativa em uma experiência compartilhada pelos participantes.

Tabela 2 – Cronologia das Etapas de Coleta de Dados do Estudo
Fonte: a autora, 2023.

Etapa	Atividade / Data	Ações Realizadas
I	Apresentação e vínculo 11 de junho de 2022	- Foi feita a apresentação da pesquisadora e da proposta da pesquisa; seleção dos participantes da pesquisa; e estabelecidos os primeiros vínculos entre pesquisadora e participantes;
II	Entrevista individual sobre o "tornar-se bombeiro militar". 13 a 23 de junho de 2022	- Foram realizadas as primeiras entrevistas individuais com os 05 (cinco) participantes iniciais voluntários da pesquisa.
III	Produção dos diários autobiográficos 18 de junho a 18 de julho de 2022	- Período de produção dos diários autobiográficos pelos participantes da pesquisa.
IV	Entrevista individual sobre as produções dos diários autobiográficos 23 a 29 de agosto de 2022	- Foram realizadas as entrevistas individuais sobre os diários autobiográficos com 04 (quatro) participantes, pois um participante alegou falta de tempo para produzir os diários, o que impossibilitou a sua participação nas etapas seguintes.
V	Entrevista coletiva com a equipe de participantes 31 de agosto de 2022	- Foi realizada a entrevista coletiva presencial com os 04 (quatro) participantes finais da pesquisa onde tentamos ampliar a compreensão das dimensões afetivo-simbólicas na ação criativa das experiências compartilhadas pelos participantes.

9.2 INSTRUMENTOS

Para fins desta pesquisa, os participantes fizeram os registros referentes aos diários autobiográficos utilizando o aplicativo de mensagens instantâneas (Whatsapp) dos seus próprios aparelhos de telefone celular, enviando-os à pesquisadora nas condições já descritas na seção 10.1 Situação de Pesquisa.

Nas entrevistas on-line com os sujeitos participantes foi utilizada a câmera do computador pessoal e aparelhos celulares/computadores dos participantes e na

entrevista presencial foi utilizada a câmera do aparelho celular da pesquisadora fixada no tripé. Os registros dos diários e entrevistas foram transcritos e tratados no computador pessoal da pesquisadora.

Foram utilizados três roteiros de entrevista semiestruturada para as etapas II (primeira entrevista individual), IV (entrevista individual sobre as produções dos diários autobiográficos) e V (entrevista coletiva) dispostos nos apêndices desta pesquisa.

9.3 PARTICIPANTES

Participaram inicialmente da pesquisa 05 (cinco) bombeiros militares integrantes do efetivo de serviço operacional de um grupamento bombeiro militar. Ao longo da pesquisa, um dos participantes alegou falta de tempo para realizar a etapa de confecção dos diários autobiográficos, o que impediu a continuidade da sua participação, tendo a pesquisa sido concluída com 04 (quatro) sujeitos com as características descritas na tabela 3.

Tabela 3 – Participantes da pesquisa

Nome (Fictício)	**Sexo**	**Idade**	**Tempo no Corpo de Bombeiros**
Maria	Feminino	31 anos	4 anos
Felipe	Masculino	36 anos	7 anos
Daniel	Masculino	43 anos	12 anos
Saul	Masculino	49 anos	24 anos

A escolha dos participantes se deu considerando os seguintes critérios de inclusão: ser bombeiro militar em situação ativa, compor equipe de escala operacional do grupamento bombeiro militar há pelo menos 2 anos, ter acesso à internet no trabalho e em casa, ter aparelho de telefone celular pessoal com aplicativo de mensagem (WhatsApp) e ter participado em equipe de ocorrência bombeiro militar de resgate ou salvamento no último ano.

Como critério de exclusão, foi adotado como critério que não poderiam participar da pesquisa bombeiros militares que tivessem sofrido afastamentos do trabalho por motivos de problemas psicológicos, psiquiátricos e dificuldades emocionais, assim como aqueles que tivessem sido alvo de sanções disciplinares ou da justiça penal por questões ligadas ao serviço bombeiro militar.

O projeto da pesquisa foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sendo cumpridas todas as regularidades em relação ao gerenciamento dos riscos da pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Autorização de Imagem e Som.

Em todas as etapas que envolveram produção, armazenamento, manejo ou envio de informações on-line, foram observadas as “Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual” contidas no Ofício Circular no 2/2021/CONEP/SECNS/MS, de 24 de fevereiro de 2021.

9.4 ANÁLISE DOS DADOS

Segundo Bakhtin (1992), as ciências humanas voltam-se para o homem como produtor de discursos e, quanto ao método nas ciências humanas, o autor afirma ainda que se trata de uma compreensão respondente onde procura-se conhecer um objeto nas ciências naturais e nas ciências humanas procura-se conhecer um sujeito produtor de discursos.

Bakhtin nega a possibilidade de conhecimento do sujeito fora do enunciado que ele produz, pois, este sujeito só pode ser apreendido como uma propriedade das vozes que ele anuncia. Estas reflexões sobre as ciências humanas colocam o discurso no centro da investigação sobre o homem.

Neste estudo, todo material dos diários de serviço e entrevistas foram transcritos para análise dos dados. Foi feita uma análise interpretativa dialógica dos dados considerados marcadores da ação criativa, onde buscamos realizar inferências sobre as dinâmicas subjetivas envolvidas na emergência do novo.

Adotamos como unidade de análise as negociações de significações dos sujeitos na reconstrução das suas experiências enquanto bombeiros militares, pois entendemos que estes sujeitos perspectivam as suas próprias ações significando-as ao se tornarem audiência de si mesmos nestas reconstruções. Tomamos por experiência reconstrutiva o ato de o sujeito reelaborar uma situação que viveu (FRANÇA, 2019, p 14).

Na análise dos dados adotamos um total de 05 eixos interpretativos. Inicialmente, utilizamos 03 (três) dos 04 (quatro) eixos interpretativos primeiramente criados por França (2019) no estudo “A pilotagem policial de helicópteros e os processos criativos: desafios e vicissitudes sobre a emergência do novo”: 1) Perspectiva; 3) Temporalidade e 4) Uso de instrumentos (FRANÇA, 2019, p. 56). O

eixo 2, que no estudo de França (2019) se referia à Ambiguidade e Ambivalência, nesta pesquisa será substituído pelo eixo que denominamos Corporeidade, pelos motivos teórico-metodológicos que passamos a explicitar.

Na pesquisa “A pilotagem policial de helicópteros e os processos criativos: desafios e vicissitudes sobre a emergência do novo” (FRANÇA, 2019), havia de nossa parte, o entendimento de que “Ambiguidade e Ambivalência” compreendiam um importante eixo de análise como uma tentativa de ampliação conceitual da teoria dos 5As de Glăveanu (2015) com o acréscimo de um eixo referente à linguagem.

Na ocasião, tentamos destacar na análise, dimensões do enunciado caracterizadas por uma ambivalência mais intensa (aumento da tensão e coexistência de sentimentos distintos) e de ambiguidade (possibilidade de o signo significar mais de um sentido simultaneamente). Estas categorias lançaram luz sobre a dimensão reflexiva e perspectivante da ação nos momentos de menor estabilidade de significações prévias dos sujeitos da pesquisa.

Neste estudo, porém, em uma tentativa de ampliação teórica, adotamos a compreensão de que a ambiguidade e a ambivalência não detêm características para compor um eixo em si, mas que estas aparecem em todos os eixos de análise como uma unidade de análise dialógica. Assim, passamos a adotar a Corporeidade como eixo 2 de análise. Isto porque entendemos a corporeidade como agência de sentidos, sentidos esses que participam de um corpo que é situado, o que torna essa corporeidade pressuposto de uma perspectiva que é necessariamente encarnada.

Em Merleau-Ponty, o corpo é o sujeito da perspectivação e a subjetividade surge pelo ser-no-mundo. Deste modo, a subjetividade é necessariamente corporificada. Neste sentido, como já referido, a corporeidade é um pressuposto para a tomada de perspectiva, pois só existe uma perspectiva que é corporificada e que se dá a partir de uma posição que é única, recuperando as alegorias filosóficas bakhtinianas de excedente de visão e deslocamento.

Aos eixos importados da pesquisa de França (2019) – 1) Perspectiva, 3) Temporalidade e 4) Uso de Instrumentos – modificamos, como já explicitado, o segundo eixo que passou a ser 2) Corporeidade e, por fim acrescentamos o eixo 5) Signos orientadores da ação, criado neste estudo para fins de captar a dimensão subjetiva envolvida nos processos criativos.

Desta forma, os eixos finais de análise dos dados desta pesquisa são: 1) Perspectiva; 2) Corporeidade; 3) Temporalidade; 4) Uso de instrumentos e, 5) Signos orientadores da ação.

Conforme previsto no projeto desta pesquisa, estes eixos interpretativos foram validados em confrontação com os dados, onde surgiu a nova categoria "Corporeidade" substituindo o antigo eixo 2 de análise "Ambiguidade e Ambivalência", agora entendido como unidade de análise dialógica que permeia todos os eixos de análise que seguem assim descritos:

Eixo 1 – Perspectiva: orientou-se a reconhecer o trabalho de perspectivação do sujeito através dos movimentos exotópicos, demonstrando as interações entre o ator e a audiência no curso da ação (Actor, Action e Audience). A partir do eixo 1, a análise buscou lançar luz sobre a demanda perspectivante do sujeito através de suas guinadas exotópicas, ou seja, dos movimentos através dos quais este sujeito busca se colocar no lugar de um outro, destacando-se assim a interação entre o ator e a audiência.

Cabe aqui esclarecer que o excedente de visão e a exotopia, duas alegorias filosóficas de Mikhail Bakhtin (2011), são imprescindíveis para a compreensão do quadro perspectivo da criatividade proposto por Glăveanu (2015) e tomado como um dos referenciais teóricos deste estudo.

A exotopia pode ser compreendida como o movimento que o sujeito faz para sair de sua posição buscando dar resposta à pergunta que nunca cala: o que o outro quer de mim? (FRANÇA, 2019, p. 29). A posição exotópica seria uma posição de "estar num lugar fora", lugar este partir do qual é possível ao sujeito perceber e descrever a sua própria condição numa posição que não transcende o mundo, mas torna possível uma visão de certa distância a fim de transfigurá-lo na construção arquitetônica da obra, estética ou não (BRAIT, 2016).

Sobre este lugar de fora, Bakhtin diz:

> ..., o autor deve situar-se fora de si mesmo, viver a si mesmo num plano diferente daquele em que vivemos efetivamente nossa vida; essa é a condição expressa para que ele possa completar-se até formar um todo, graças a valores que são transcendentes à sua vida, vivida internamente, e que lhe asseguram o acabamento. Ele deve tornar-se outro relativamente a si mesmo, ver-se pelos olhos de outro. A bem dizer, na vida, agimos assim, julgando-nos do ponto de vista dos outro, ... (BAKHTIN, 2011, p. 35)

O movimento exotópico permite ao sujeito sair de sua posição indo ao encontro do outro e, de posse de como esse outro o vê, retornar a si para compreender-se:

> [...] após nos termos identificado com o outro, devemos voltar a nós mesmos, recuperar nosso próprio lugar fora daquele que sofre, sendo somente então que o material recolhido com a identificação poderá ser pensado nos planos ético, cognitivo ou estético. Se não houver essa volta a si mesmo, fica-se diante de um fenômeno patológico que consiste em viver a dor alheia como a própria dor, de um fenômeno de contaminação pela dor alheia, e nada mais. (BAKHTIN, 2011, p. 46)

Esta posição exotópica permite ao sujeito olhar de fora, de um outro lugar, de um outro tempo e com outros valores, conseguindo assim ver mais que o outro sujeito consegue ver de si mesmo. Quando alguém atribui a outro o seu excedente de visão, permite-lhe completar-se como sujeito naquilo que a sua individualidade não conseguiria sozinha. É a exotopia do observador que, possibilitando ver alguém de fora, constrói um excedente de visão (BAKHTIN, 1997).

Eixo 2 – Corporeidade: partindo da compreensão de corpo merleau-pontyana, orienta-se a captar a corporeidade agenciadora de sentidos que participam de um corpo que é situado e que pode inclusive produzir sentidos que questionam significações dadas pela racionalidade.

Com este eixo de análise, nos foi possível capturar alguns fenômenos manifestos nos corpos dos sujeitos da pesquisa, tais como emoções e seus correspondentes fisiológicos (sensações físicas) que foram transformados em signos valorativos e esquemas afetivos enquanto experiências de afetos, como por exemplo o piloto participante do estudo “A pilotagem policial de helicópteros e os processos criativos: desafios e vicissitudes sobre a emergência do novo” que relata que o medo é transformado em cautela para tomar as melhores decisões (FRANÇA, 2019, p. 76).

Eixo 3 – Temporalidade: orientou-se a capturar fragmentos enunciativos indicadores de dilatação ou compressão do tempo subjetivo da experiência (duração). A temporalidade também se presentificou na análise através de significações que aludiram à força da indeterminação do futuro e na própria situação reconstrutiva da experiência proporcionada pela situação de pesquisa.

Eixo 4 – Uso de Instrumentos: orientou-se a verificar na fala dos sujeitos participantes aspectos que aludiram às affordances da materialidade semiotizada na experiência que ampliaram ou restringiram o campo da ação dos sujeitos participantes, promovendo usos mais ou menos inovadores dos instrumentos.

Conforme explicado anteriormente, usos inovadores da instrumentalidade podem, no futuro, participar da criação de novos artefatos se repetidos e transmitidos culturalmente.

Eixo 5 – Signos orientadores da ação: orientou-se a capturar marcas de signos hipergeneralizados na forma de registros fantásmicos e com articulações com o campo dos valores enquanto produções simbólicas com contiguidades com esses fantasmas e que orientaram as ações dos sujeitos.

Passaremos às análises dos fragmentos extraídos das entrevistas e diários autobiográficos de cada participante, individualmente e, logo após, uma síntese final. Os recortes de fragmentos para análise foram feitos com base nos eixos de análise marcadores da ação criativa, onde buscamos realizar inferências sobre as dinâmicas subjetivas na tentativa de melhor compreender como dimensão afetivo-cognitiva da experiência participa da construção dos significados na ação criativa dos sujeitos.

10 ANÁLISE DOS FRAGMENTOS: ENTREVISTA TORNAR-SE BOMBEIRO MILITAR

Nesta seção passaremos à interpretação dos fragmentos de fala dos quatro participantes da pesquisa (de nomes fictícios Maria, Felipe, Daniel e Saul), fazendo uma síntese das trajetórias desses profissionais e tentando captar nessas trajetórias, os valores presentes enquanto dimensão afetiva capaz de balizar e transformar os esquemas fantásmicos que podem ser acionados em momentos de tomada de decisão e sustentação das ações.

Olhando para esse “tornar-se bombeiro militar”, buscamos pistas sobre os valores e afetos de cada participante, sobre os modos destes se relacionarem com o trabalho e sobre como essa dimensão valorativo-afetiva se articula com a emergência da novidade, a nossa grande questão dentro do estudo dos processos criativos em contextos de emergência e risco. Analisaremos nos dados essa dimensão afetivo-valorativa como balizadora da ação criativa.

A entrevista inicial intitulada “tornar-se bombeiro militar” foi construída passando por 3 campos temáticos, sendo eles trajetória, valores e afetos que parecem mobilizar o sujeito e experiência marcante da carreira profissional, a fim de captar quem são esses sujeitos participantes, quais caminhos percorreram para tornar-se bombeiros militares e quais são os valores e afetos que atuam de maneira importante nas suas ações.

Faz-se necessário situar o leitor no tocante à pervasividade das reconstruções das experiências dos participantes, que era esperada no momento dos diários autobiográficos, mas que surgiram logo na primeira entrevista, visto que as pessoas também se reconhecem por quilo que fazem e os participantes narraram suas experiências profissionais marcantes.

Assim, ficou demonstrado que nem todas as pessoas adotarão a narrativa identitária que o método supôs na separação das etapas. Pois, no método as narrativas mais aprofundadas de reconstrução das experiências vividas eram esperadas num momento posterior, especificamente, no diário autobiográfico e entrevista sobre as construções desses diários.

Os cinco eixos interpretativos (perspectiva, corporeidade, temporalidade, uso de instrumentos e signos orientadores da ação), criados para análise de ação, serão utilizados em momento posterior, na entrevista em que serão articulados fragmentos

dos diários com as entrevistas individuais. Assim, neste primeiro momento, os eixos interpretativos serão mencionados, mas ainda não em nível analítico como acontecerá no momento de análise dos conteúdos dos diários autobiográficos.

Retomando as análises das entrevistas iniciais que passaram pelos campos temáticos trajetória, valores e afetos que parecem mobilizar o sujeito e experiência marcante da carreira profissional, os participantes foram entrevistados individualmente e, nos elementos do campo acional que já aparecem nesta primeira entrevista, iniciaremos de forma preliminar uma aproximação aos cinco eixos analíticos dialógicos previamente comentados, lembrando que eles serão verticalizados apenas no momento de análise das entrevistas sobre os diários autobiográficos. Assim, os cinco eixos analíticos serão aproximados neste momento da análise apenas quando o participante estiver em momento de reconstrução do vivido.

10.1 MARIA:

Maria (nome fictício) tem 31 anos de idade, solteira, 4 anos de serviço bombeiro militar. Em seus relatos, Maria afirma que nunca pensou em ser bombeira, sonhava se tornar uma jornalista e assim o fez. Formada em Jornalismo, se pegou descontente com o baixo reconhecimento e retorno financeiro da profissão. Aconselhada por familiares que já eram funcionários públicos (tios policiais militares), prestou concurso para o Corpo de Bombeiros Militar ainda de forma despretensiosa. Foi aprovada e inicialmente tinha planos de trabalhar com jornalismo dentro da Corporação. Os planos mudaram ainda durante o curso de formação e Maria escolheu trabalhar na operacionalidade, referindo que se realiza nas ruas socorrendo, ajudando pessoas.

“Nunca sonhei em ser bombeira. Sempre admirei a profissão, mas não era algo que eu queria. Sempre quis ser jornalista desde criança, era uma profissão que me encantava. E aí eu fiz faculdade de jornalismo e atuei na área por algum tempo. Só que depois eu não estava muito feliz. Não com o trabalho em si, mas com questões de salário e valorização. E aí eu fiquei sempre pensando na questão de um concurso, né? E aí, na casa da família da minha mãe são 4 tios, onde os 4 passaram para carreiras policiais. E aí eu sempre via muito isso na minha família, a questão militar, né? Aí um desses meus tios falou do concurso bombeiro pra mim... É algo que de início eu queria atuar na área de jornalismo dentro do Corpo de Bombeiros, e eu cheguei no curso de formação com essa ideia e saí com outra TOTALMENTE DIFERENTE ((gesticula com as mãos em círculos como que querendo explicar a reversão de uma ideia)), que eu queria estar na rua ((risos)). E eu sou muito feliz onde eu estou ((fala sorrindo))”.

"(...) eu gosto muito do operacional e me identifico bastante. É, eu gosto do serviço, eu gosto de ajudar as pessoas na rua, eu me realizei bastante assim de uma forma que eu não consigo explicar muito bem, mas assim, eu me encontrei com a minha profissão".

Os valores e afetos que emergiram na primeira entrevista de Maria remetem ao valor social da ação de salvar vidas, aos registros fantásmicos de uma missão dada por Deus para salvar vidas e ajudar pessoas e aos valores e afetos cultivados e valorizados dentro da corporação bombeiro militar.

Então, você sendo bombeiro, você é alguém, eu creio muito nisso, alguém usado por Deus pra atingir outras pessoas. E eu acho que eu sou muito abençoada porque eu posso ajudar outras pessoas e a gente ainda ganha por isso. Eu fico sem acreditar ((risos)). Eu digo "Meu Deus, que profissão é essa?". Sério mesmo, eu fico muito admirada! Inclusive, quando passa bombeiro na rua eu me emociono. Teve uma vez que eu tava na rua e passou uma BT tipo rápida e tipo com os faróis ligados e eu me arrepiei. Meu Deus, que profissão linda! E às vezes eu fico sem acreditar que eu tenho essa profissão. Caramba! Eu peço muito a Deus que me capacite pra eu nunca envergonhar o nome da profissão porque é algo muito bonito e muito valorizado pela sociedade.

Acerca dos valores cultivados na corporação, se fazem importantes nos registros de Maria a união dos integrantes, a noção de que bombeiros integram um "corpo", da empatia para com as vítimas e "irmãos de farda". Como signos hipergeneralizados importantes por serem indesejados e evitados temos o "envergonhar a corporação" e o "virar vítima".

"Não envergonhar a corporação" parece estar ligado tanto a questões de estar tecnicamente, fisicamente e emocionalmente preparada para resolver as ocorrências realizando os procedimentos de forma correta, quanto às questões de coragem e prontidão para a ação, posturas esperadas dos profissionais bombeiros militares.

O "virar vítima" aparece nos registros de Maria como algo não só a ser evitado e altamente repelido, mas também como uma espécie de mito que é repassado entre os integrantes da corporação através de histórias que Maria define como "não lendas, mas quase isso que todo bombeiro sabe e quem entra passa a saber também". Este dado se repete nos registros dos quatro participantes do estudo na ambivalência de sempre tentar colocar-se no lugar da vítima, porém repelindo ao máximo este lugar. A incidência das temáticas relativas ao "ser usado por Deus", ao "não se tornar vítima"

e à “família” serão aprofundadas mais adiante na síntese de perfis, trajetórias e valores dos participantes.

> “Eu acho que a união da corporação, eu tenho essa ideia de que nós somos um corpo. Então a gente procura sempre ajudar um ao outro. E eu acho isso muito importante... Eu acho que isso é um valor grande da gente. De união, do sentimento de corpo. De estar sempre ali tentando dar sempre o melhor pro outro, tanto com os irmãos de farda quanto com as vítimas também. Esse sentimento também de empatia, é observar e entender também o lugar do outro. Observar o ponto de vista do outro, o que ele faria e como ele gostaria de ser tratado”.
>
> “(...) e isso para o bombeiro, no meu ponto de vista, é algo muito grave porque a gente é treinado para pensar nas coisas que podem acontecer nesses cenários e quando a gente é vítima, é muito frustrante pro bombeiro. Porque você está ali pra ajudar outras pessoas e não pra se tornar uma vítima. Então, quando essas histórias são contadas, principalmente as que deram errado, é bem marcante. É como se fossem, não lendas, mas quase isso que todo bombeiro sabe e quem entra passa a saber também”.

Em sua primeira entrevista, Maria fez dois registros de experiências profissionais marcantes que dão pistas sobre as outridades que se fazem presentes e signos hipergeneralizados que participam da sua ação, tais como vida e morte, família e instituição.

No trecho a seguir, Maria descreve a separação eu-outro para lidar com situações de socorro onde entende que as vítimas estão em sofrimento, mas consegue lidar com tranquilidade. Quando a vítima era o avô de Maria, o movimento natural de se deslocar exotopicamente entre as posições de socorrista e vítima a que ela estava acostumada não aconteceu com a mesma naturalidade. Tratava-se do seu avô, figura familiar, próxima.

A ambivalência na fala de Maria se mostra quando ela descreve como foi socorrer o seu avô, uma quebra ou uma menor estabilidade de significações prévias que ela tem sobre socorrer as pessoas. Há um relato de não conseguir agir como agiria com alguém desconhecido, uma reflexão sobre o que poderia fazer e não fez, uma ênfase quando aumenta o tom de voz com certo espanto de dizer que conseguiu “AMARRAR O AVÔ”. Maria também faz uma reflexão sobre “se impor” diante de vítimas agressivas para “não perder o controle da situação” e sobre não ter conseguido manter esse controle com uma figura de intimidade, uma figura da família, um patriarca, um avô.

Assim, também temos presentes no fragmento, o eixo 5 – signos orientadores da ação, pois a família e o campo de valores envolvidos nesse signo interferem na ação de Maria, neste caso, restringindo o seu potencial de ação.

"Teve uma vez que eu socorri o meu avô. Que eu acho que foi o mais assim... Que eu até me emociono ainda ((risos)). E que é muito difícil, né, porque a gente consegue lidar com os outros de uma forma muito tranquila, e com ele eu não consegui fazer as coisas assim da maneira que eu faria se fosse outra pessoa, né? ((olha pra cima)) É (...) esse aí com certeza foi o mais, mas teve outras ocorrências assim que a gente aprende e que marca, né. E quando eu cheguei lá, eu cheguei com (...) faceshild (viseira), óculos de proteção, máscara, o pala, gandola e (...) quando eu cheguei, ele tava sentado e não me reconheceu e quando eu tirei os óculos ele disse meu nome, coisa que ele não tava falando mais. E ele falou meu nome e tudo e a gente já ia com a prancha pra trazer ele, só que não precisou porque eu disse "Vamo ali vô" e ele veio comigo. Quando chegamos na viatura que ele viu que ia deitar e tal ele ficou bem agressivo, foi aí que eu não consegui fazer muita coisa. Eu ainda consegui AMARRAR MEU AVÔ, mas depois eu não consegui ficar muito perto, entendeu? Aí foi bem difícil assim, tinha coisas que eu poderia fazer mas eu achei que não fiz. (...) Então pra mim foi a ocorrência mais complicada, que eu vi meu avô muito agressivo, e às vezes a gente vê vítimas agressivas e age de uma forma, assim, tipo, você tem que se impor porque se você não se impor a situação sai do controle, né... E com meu avô eu não conseguia de forma alguma, aí foi bem difícil. Se fosse outra pessoa, em outra situação, com esse comportamento assim agressivo na viatura eu teria outra reação, com certeza".

No último trecho selecionado da primeira entrevista da participante Maria, o registro da experiência revela tanto eixos como perspectiva e corporeidade, como também a dimensão afetiva.

(...) "vamos correr porque ele vai parar" fui falando pra um e pra outro pra me ajudar porque são pessoas que não tem muita (...) prática no serviço sem saber exatamente como quando tem a "guarnição casadinha". E aí, justamente, o rapaz entrou em parada, mas ele antes tinha falado comigo algumas coisas, palavras desconexas, né? E ele olhou pra mim e depois ele entrou em parada. E a gente foi fazendo RCP, RCP (procedimento de reanimação) até o Hospital da Restauração, a gente colocou o DEA (equipamento: desfibrilador externo automático), tudinho, e quando abriu a porta da Restauração o DEA falou "choque não recomendado". E aí o médico olhou pra mim e fez "Trouxeram um óbito!" (...) Isso foi no Natal e depois eu peguei outra ocorrência e voltei no HR e ele tava já como se fosse no saco, assim num canto, numa lona preta, mas tava com o rosto visível e isso me marcou bastante porque eu ficava lembrando dos olhos dele olhando pra mim ((faz gesto com dois dedos das mãos indicando olhos nos olhos)) e dele falando. Depois eu ficava olhando e dizendo "poxa, não tem mais nada ali, não existe uma alma ali mais, só tem o corpo" (...) eu geralmente não fico pensando em ocorrência, eu volto pra casa tranquila, eu sempre deleto (...) Mas, nessa ocorrência, não era algo voluntário, (...), às vezes escrevendo alguma coisa, quando eu via eu via os olhos dele assim, olhando

pra mim ((faz gestos com as mãos tentando explicar um olhar voltado pra ela)). Aparecia assim! Isso foi mais ou menos uma semana, uma semana que eu fiquei pensando nisso. Me marcou também porque foi no Natal e a pessoa fica pensando “Ah, meu Deus... A família pode estar esperando por ele” e tal.

Neste fragmento enunciativo, Maria dá pistas sobre algo inerente à sua atividade: lidar o tempo todo com a tensão entre vida e morte. No relato, se evidenciam os signos natalinos de nascimento, a ausência de vida no corpo da vítima remetendo à morte como algo da ordem do irrepresentável e a família que talvez esperasse aquela pessoa na noite de Natal.

Ainda pensando na perspectivação onde Maria consegue deslocar-se para o lugar da sua vítima sem tornar-se vítima, há aí uma distância que a bombeiro militar estabelece em relação à sua vítima. Distância esta que precisa ser suficientemente próxima para que não haja a objetificação dessa vítima que é responsiva, mas também precisa ser suficientemente distante para que essa mesma vítima não seja um espelho, uma representação da própria vulnerabilidade, o que poderia paralisá-la ou reduzir o seu potencial de ação.

Nos aprofundaremos nesta borda dialógica bombeiro-vítima onde encontramos os vetores afetivos e valorativos balizando as ações dos participantes na produção da novidade na síntese desta seção.

10.2 FELIPE:

Felipe (nome fictício) tem 36 anos de idade, casado, 7 anos de serviço bombeiro militar. Em seus relatos, Felipe afirma que ser bombeiro era um sonho de criança que se realizou na vida adulta. Entrou para a corporação, inicialmente sem apoio dos pais por ser militar.

“É. Isso comigo já é uma vontade de infância, né. Eu fui uma daquelas crianças que olhava desde pequenininho e já dizia “Eu quero! Eu quero! Eu quero!”. Por volta de 2007, mais ou menos, aliás, a primeira vez que eu tentei fazer o concurso foi em 2004, ainda dependia financeiramente dos meus pais, tal, tava terminando o ensino médio, então a primeira resposta em casa foi “não”. “Não vou ajudar, não vou liberar dinheiro pra fazer isso.”

“Assim, meu pai é historiador, né (...), tinha aquela ideia de militar, pessoal, não percebia a polícia e o corpo de bombeiros como se percebe hoje. Era uma condição diferente de pessoas que viveram uma época diferente. Ele não tinha essa noção, tanto, que hoje em dia é só alegria”.

“Estou passando por uma mudança, estou prestes a fazer uma viagem, provavelmente eu vou sair de vez. Eu tô indo fazer mestrado fora, então, está tudo nessa perspectiva, mas... Eu posso afirmar

com muita clareza de quem passou 7 anos numa equipe de moto-resgate, me especializei pra fazer isso, todos os cursos do meu quartel eu fiz, assim que eu mudei pra este quartel, eu era guarda-vidas antes, a primeira coisa que eu fui fazer foi me inscrever em cursos na UPE, fazer cursos dentro da corporação pra atender melhor, então... Eu posso dizer que quando a gente tá atendendo, quando a gente tá empregado ali, a preocupação total da gente é a vida, qualidade de vida e bem-estar da pessoa, é (...) a gente consegue se negar, negar não 100% a nossa existência, acho que não dá pra fazer isso, mas se abster de diversas coisas pra focar naquela resolução de problema ali no momento. E isso vai em diversos graus, (...), eu vi colegas meus embaixo de estruturas prestes a colapsar tirando vítimas, a gente entra no modo de sobrevivência junto com a vítima e se entrega 100% pra fazer o socorro".

Felipe, diferente da nossa primeira participante Maria, não teve referências de militares na família para a escolha da profissão, tendo inclusive enfrentado resistência dos seus pais para seguir uma carreira militar. Na ocasião do estudo, ele se preparava para deixar a corporação bombeiro militar para investir em um mestrado na carreira jurídica, pois é também formado em Direito. Neste ponto, duas trajetórias da vida de Felipe parecem se cruzar: a realização do sonho de infância de ser bombeiro se finda com a retomada da carreira como jurista.

Ao falar da saída da corporação, ele dá pistas sobre os valores e afetos motores de suas ações enquanto bombeiro militar, tais como a especialização técnica e a "vida, qualidade de vida e bem-estar" da pessoa que é atendida.

A vida aparece como signo orientador da ação e Felipe refere que como bombeiro, no momento do socorro, faz um movimento de negar-se em prol da sobrevivência da sua vítima. Em uma aparente ambivalência, Felipe primeiro parece se questionar se é realmente possível "negar100% a própria existência", mas logo em seguida afirma "a gente entra no modo de sobrevivência junto com a vítima e se entrega 100% para fazer o socorro".

De forma semelhante aos demais participantes da pesquisa, Felipe traz no próximo trecho a gramática familiar e a constante tensão vida e morte. Novamente, surgem os movimentos de separação eu-outro para lidar com situações de socorro e o participante refere entender que as vítimas estão em sofrimento e que consegue entender também a morte como algo que não pode controlar. Porém, quando a família da vítima se faz presente no local do socorro, especialmente nas situações de morte, o movimento natural de deslocar-se exotopicamente parece ser dificultado, pois "atuar de forma física, como a gente usa muito o físico e a técnica, e resolver" não acontece

com a mesma naturalidade quando ele presencia familiares da vítima sofrendo. Essas outridades familiares da vítima que faleceu parecem devolver para Felipe o sentido que vai para além da performance da técnica, a quebra da expectativa quando não é possível “devolver a vida” que o coloca frente-a-frente com o que ele descreve como “algo que ele não consegue controlar”, a morte.

“... A gente se acostuma a atender a pessoa que está sofrendo, reduzir o sofrimento ou entender que ela morreu. Mas, não tá acostumado a ver pessoas queridas sofrendo ou ver pessoas desesperadas por algo que a gente não consegue controlar que é a morte. Então, se eu vejo pessoas desesperadas morrendo porque um prédio tá desabando, porque o mar puxou e a pessoa tá se afogando, eu tenho frieza, eu consigo atuar de uma forma é (...) é (...) separada de me relacionar com aquela situação, digo, emocionalmente, e consigo atuar de forma física, como a gente usa muito o físico e a técnica, e resolver. Mas, quando tem pessoas que você (...) eu tô numa situação que eu não consigo mais resolver que é a morte e você vê famílias sofrendo, pessoas desesperadas por isso aí afeta”.

Sobre os valores cultivados na corporação que parecem atuar na ação de Felipe, novamente encontramos o “colocar-se no lugar das pessoas”, especialmente as vítimas, o valor da vida e o ser bombeiro como missão dada por Deus. Ainda sobre os esquemas afetivos e a forma especial que a corporeidade aparece entre os participantes bombeiros militares, Felipe se define como “uma ferramenta ambulante de socorrer pessoas”.

“Então eu acho que a cultura bombeiro militar, os valores, a gente tem aquela frase de “vidas alheias riquezas salvar”, e é justamente isso. São vidas e bens que fazem diferença para pessoas. A gente tá o tempo todo lidando com pessoas, a gente precisa o tempo todo se colocar no lugar dessas pessoas. (...) Então, todos esses valores que eu aprendi no corpo de bombeiros, eles hoje fazem parte dos meus valores”.

“O que é ser um bombeiro militar (...) é (...) caramba! É complexo ((se ajeita na cadeira)), mas eu acho que é a real missão de vida. Pra mim, a gente vem com a dádiva de ser ferramenta, de ser instrumento de Deus pra ajudar, onde ele aponta, a gente ajudar. Isso pra mim é de um valor enorme. Eu estou prestes a sair da corporação, de passar pelo menos um tempo afastado, mas eu disse um tempo atrás pra minha esposa que mesmo que eu saia pra estudar a minha área que eu resolvi estudar, eu não deixo de ser bombeiro porque aonde eu for eu já tenho técnica suficiente pra fazer o que eu sei fazer de diversas formas, ainda que eu não esteja com um equipamento na mão. A gente aprende tanto de desenvolver novas formas mesmo sem o equipamento, que hoje em dia eu sou uma ferramenta ambulante de socorrer pessoas”.

A experiência profissional marcante brevemente reconstruída por Felipe joga luz sobre a padronização dos procedimentos que são executados durante o atendimento pré-hospitalar, ressaltando mais uma vez a valorização da capacitação técnica entre esses profissionais, a outridade família, além da corporeidade atuando na transformação dos afetos e significações acerca da ação de salvar uma vida.

"... como a vez que eu peguei uma vítima que parou (parada cardiorrespiratória) na minha mão e como eu era a primeira resposta de atendimento pré-hospitalar, trabalhava na moto, então eu e minha dupla a gente pegou o cara em parada e fomos os primeiros a chegar, ajeitar a vítima, fazer os primeiros atendimentos no padrão e iniciar a massagem cardíaca ao ponto de exaustão nossa, a ponto de a gente sair tão exausto de lá que o abdômen tremia de tão estressado que o músculo tava de tanto fazer massagem cardíaca. E quando a gente acompanha a viatura até o hospital e chega no hospital e você sabe que a vítima voltou de uma parada cardíaca, isso é impagável. Essas são as nossas felicidades, entregar a pessoa de volta à família é impagável".

10.3 SAUL:

Saul (nome fictício) tem 49 anos de idade, casado, 24 anos de serviço bombeiro militar. Refere que nunca sonhou ser especificamente bombeiro militar, mas queria ser militar e tentou, sem êxito, vários concursos para as Forças Armadas. Trabalhou como segurança de loja e balconista e empreendeu em uma pequena academia de ginástica na época em que prestou concurso para o Corpo de Bombeiros Militar por ser um emprego público e foi aprovado.

Saul refere que aprendeu a amar a profissão depois que já estava nela e que esse amor não nasceu com um sonho de criança, mas sim com as instruções que teve dentro do corpo de bombeiros, as aulas.

"Na realidade, eu nunca sonhei em ser bombeiro, nunca tive é (...) quando no mundo civil, antes de ser bombeiro, na realidade eu tinha sonho de ser militar. Fiz vários concursos para as Forças Armadas e não consegui passar nesses concursos, apesar que foram vários. E, trabalhei sempre no mundo civil. Fui segurança de loja, depois eu trabalhei como balconista e (...). Pra eu chegar nos bombeiros aconteceu que em 98 (...) uma coisa interessante, quando fiz exames teve o contato com a psicóloga lá e ela me fez essa pergunta: "Você sonhava em ser bombeiro?". Na hora da entrevista eu disse a ela, pra lhe ser sincero, eu não sabia nem qual era o número que se ligava para o bombeiro... E aí eu disse a ela, eu tive a oportunidade de fazer, eu fiz o concurso para tentar a oportunidade de um emprego público, é (...) da vida pública, é uma chance de trabalho num emprego público. E, assim, se eu não conhecia o bombeiro, vou passar a conhecer agora, passar a gostar ou passar a conhecer a

profissão. Eu não sabia nem qual era o número que ligava. Aí fui, passei no bombeiro e aprendi não só a gostar, mas amar a profissão que eu tenho hoje. E foi uma coisa que não foi de criança, veio com o conhecimento nas instruções, aula e tudo. Pronto. Aí me tornei bombeiro."

No trecho a seguir, assim como os demais participantes da pesquisa, Saul faz referência à sua fé e afirma que ele, bombeiro militar, é "a mão de Deus naquele momento ali", ou ainda "a ferramenta de Deus". Novamente, a ação de pronto-socorrismo de Saul e demais participantes surge como uma missão dada por Deus.

"... Ou seja, eu vou para uma ocorrência lembrando assim um pouco o lado da fé: Se Deus que não é o momento daquela pessoa partir, a gente é a mão de Deus naquele momento ali. Assim, não querendo entrar num ar de soberba assim, mas (...) Se não definiu que aquele é o momento daquela vítima partir a gente é a ferramenta que Deus tá mandando pro local dizendo "Não é o momento dessa pessoa ainda (...) Então eu vejo que Deus me colocou no lugar certo pra fazer a função de uma ferramenta Dele. Toda vítima que eu atendi até hoje, que eu deixei no hospital, que eu dei o melhor suporte, que eu estabilizei uma situação grave de uma pessoa, eu digo que Deus permitiu que eu estivesse ali pra fazer a diferença naquele momento entre a vida e a morte de alguém."

Em outra semelhança com os demais participantes, a perspectivação, os deslocamentos exotópicos que permitem a separação eu-outro para lidar com situações de socorro não acontece naturalmente quando envolve a família. Pois, apesar de lidar rotineiramente com a possibilidade morte em sua atuação, ao pensar em socorrer familiares, Saul descreve uma sensação de impotência, de morte se aproximando, como se "sentisse o anjo da morte".

"É (...) existem situações, que quando estou dando instrução eu também falo, que é assim, a gente nunca tá preparado pra atender alguém que é muito próximo do círculo de confiança nosso. E aquelas pessoas mais próximas, minha mãe, meu pai, minha esposa, minha filha... Então, esse momento sim, eu nunca fui testado pra isso. Eu peço a Deus nunca passar por isso. (...). Eu só peço todo dia a Deus que eu nunca me depare, que Deus permita eu nunca me deparar com uma situação como essa, porque pra isso eu sei que não existe um preparo, não existe um preparo pra esse tipo de situação. A sensação de impotência, a sensação de morte se aproximando, como se a gente sentisse o anjo da morte perto da gente."

Na reconstrução da experiência abaixo, Saul traz várias pistas sobre os signos orientadores de suas ações, sobre como perspectiva as pessoas a que socorre, sobre a corporeidade e os afetos envolvidos na ação.

Os esquemas afetivos que atuam na ação de Saul são percebidos quando ele perspectiva a população inferindo que “as pessoas chamam a gente, a gente chega pra eles como a luz de esperança de que as coisas vão se resolver ali no local” e sente o desejo de “só com o pensamento levantar todo o barro e achar essa senhora só pra deixar eles todos felizes”.

Os signos destes enunciados remetem ao heroísmo e à gratidão social e dialogam com os valores afetivamente investidos de ser escolhido para a missão e de trazer alento às famílias.

“..., eu acho que eu consigo resumir numa situação que eu presenciei agora nessas últimas chuvas, eu acho que a fala de uma senhora no local, ela disse, a frase que ela falou reflete muito o que é, no meu ponto de vista, ser bombeiro militar... então eram 3 vítimas soterradas. Tivemos muita dificuldade pra chegar ao local, tudo fechado, tudo alagado e quando chegamos já tinham tirado 2 vítimas e faltava uma senhora. Quando as pessoas viram a gente, a senhora disse assim: “Graças a Deus! Deus mandou os bombeiros! Agora a gente vai encontrar ela!”. Então, aquilo ali, é como eu disse no começo, a gente vai pra uma ocorrência, é como se a gente fosse uma ferramenta de Deus dizendo que não chegou a hora. Eu vi aquela senhora dizendo “graças a Deus que mandou os bombeiros pra cá”, a situação era tão desesperadora que ela olhava pra nós como se fosse aquela luz de esperança. Então, o bombeiro hoje, quando as pessoas chamam a gente, a gente chega pra eles como a luz de esperança de que as coisas vão se resolver ali no local. E por isso eu passo para os alunos para quem eu dou aula: “vocês não têm o luxo de serem tomados por sequestro emocional, não têm esse direito, esse direito quem tem é a família, os parentes e os amigos, vocês têm que ser profissional”.

“Porque se você não conseguir se adaptar a isso, você será mais uma vítima do evento e você não vai conseguir ajudar..., a gente passando e essa senhora falando e os outros “graças a Deus, chegou!”, o pessoal aplaudiu quando a gente chegou, e a vontade que pelo menos eu sentia era chegar lá e só com o pensamento levantar todo o barro e achar essa senhora só pra deixar eles todos felizes.”

Saul faz referência ao “sequestro emocional” que aparece como algo que tira do bombeiro a possibilidade de atuar, de cumprir a sua missão, e por isso é fortemente evitado por todos os participantes. O sequestro emocional aparece como a condição emocional que é categoricamente visceral que o aproxima muito do lugar a ser evitado, o lugar da vítima, o lugar da vulnerabilidade, o lugar do desespero.

O sequestro emocional também nos remete àquilo que está mais distante do controle, da técnica, de algo que pode realmente sequestrar: a emoção em seu sentido mais imediato e menos elaborado. Simbolicamente, podemos inferir que o sequestro emocional é a “morte”, ainda que temporária, do bombeiro militar, pois o deixa impossibilitado de fazer o que lhe confere a identidade: socorrer, ajudar, atuar. No

momento do sequestro emocional o bombeiro se torna o que mais evita se tornar: vítima.

No segundo trecho Saul complementa que a não adaptação do bombeiro militar às situações e o consequente sequestro emocional fará do profissional mais uma vítima. Mais uma vez, o sequestro emocional surge como signo que distancia o bombeiro da condição de escolhido para a missão e o aproxima da condição de pessoa comum vulnerável, o que dialoga com a tensão vida/morte.

10.4 DANIEL:

Daniel (nome fictício) tem 43 anos de idade, casado, 12 anos de serviço bombeiro militar. Refere que por ser do interior do estado, acreditava ter somente duas alternativas: trabalhar no comércio local ou passar em concurso para ser funcionário público. Queria ser policial militar, não bombeiro, mas se submeteu aos dois concursos sendo aprovado no Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco. Acredita que apesar de ter "caído" no corpo de bombeiros no acaso, na surpresa, "aos trancos e barrancos", está no lugar certo, não deveria ser policial militar.

No conteúdo integral de sua entrevista, Daniel relata várias situações relativas a prazos, documentos, resultados que poderiam ter sido fracassados, mas que terminaram por ter sucesso durante as etapas de entrega de documentos e matrícula no corpo de bombeiros. Essas situações o fizeram descrever a sua entrada na corporação como sendo surpresa ou "aos trancos e barrancos". A superação desses eventos e das ambivalências parece estar ligada à meta de passar num concurso público, pois Daniel refere que por ser do interior do estado, só teria duas opções como demonstrado no enunciado a seguir.

"Na realidade, eu sou do interior do estado e a gente lá de onde a gente vem, só tem duas opções: ou você trabalha no comércio ou você passa num concurso. Aí, eu vim com isso, acreditava que a maioria do pessoal do interior nunca chegaria a passar num concurso porque o pessoal da capital, da cidade grande, tem mais opções do que a gente. Até então eu pensava dessa forma (...) não queria ser bombeiro de jeito nenhum (...) aí mamãe ligou pra mim e disse assim: "Olhe, tem um homem aqui que é Secretário de Defesa Social e tá dizendo que vai chamar o pessoal para o Corpo de Bombeiros. Você não fez a prova?". Eu disse fiz, mas não sei se eu passei não, porque realmente não me interessava ser bombeiro (...) Quando cheguei lá meu nome tava lá pra minha surpresa (...) e foi assim que eu entrei no bombeiro. Sem pretensão nenhuma, tombando de um lado, tombando de outro... Acabei caindo aqui no Corpo de Bombeiros e tô há 12 anos. Posso não ser o melhor, mas eu visto a

camisa e trabalho, foi o que eu pedi sempre a Deus e trabalho, (...) o extremo que foi o início e como eu entrei no Corpo de Bombeiros nos trancos e barrancos, digamos assim. Era realmente para eu estar aqui. Não era pra eu ser da polícia não".

No enunciado a seguir, Daniel, como os demais participantes da pesquisa, refere sobre não querer ser vítima e os protocolos de segurança que faz questão de seguir para evitar acidentes e contaminações. O signo família orienta a ação de Daniel no sentido de se manter seguro para prestar socorro, pois ele revela uma meta além do socorro: voltar para casa, voltar para a família. Voltar para aquilo que é próprio e aparece como importante vetor afetivo no balizamento das ações de todos os participantes, motivo pelo qual aprofundaremos a análise sobre as gramáticas familiares na síntese. O "tornar-se vítima" mais uma vez aparece como algo que o impediria de ajudar e ainda poderia comprometer, "atrapalhar" a ação de salvamento em curso.

Daniel refere que "antes pulava da viatura em movimento... Agora eu penso, peraí, devagar, assim você vai terminar sendo mais uma vítima". A experiência e a expertise adquiridas por Daniel promovem um refinamento de suas ações. Como referido por Glăveanu (2014) a técnica e a expertise permitem ao indivíduo fazer as devidas adaptações no curso de sua ação. Também no ineditismo onde um socorro nunca se repete, onde não há uma ocorrência igual a outra e onde o socorrista também jamais é o mesmo, pois se transforma a cada experiência, Daniel, orientado pelo vetor afetivo família, faz ajustes conforme refere no próximo enunciado.

"A chegada é primordial porque eu tô indo ajudar uma pessoa, eu não quero ser uma vítima, eu estou indo lá pra buscar uma vítima. Então, a forma que eu vou chegar lá é muito essencial. Como é que eu vou parar a minha viatura? Como é que eu vou proteger a minha guarnição? Quais são os EPI (equipamento de proteção individual) que eu estou usando para me proteger de me contaminar? (...). A minha família precisa de mim, minha mãe precisa de mim, minha mulher precisa de mim. Então, eu tenho que voltar pra casa. (...) Tô indo ajudar, ótimo! ((faz sinal de legal com a mão)) Mas, eu não quero ser a vítima, entendeu? Então, o que der pra fazer dentro desse parâmetro de segurança eu vou fazer (...) Antes não, eu pulava da viatura em movimento, chegava lá e tal... Agora eu penso, peraí, devagar, assim você vai terminar sendo mais uma vítima. Você nem vai ajudar e vai acabar prejudicando e sendo uma vítima".

Nos dois próximos fragmentos onde também verificamos o valor da ação de salvar vidas, Daniel dá pistas de como o que aparece como mito no Corpo de

Bombeiros “vidas alheias e riquezas salvar” emerge como dimensão fantásmica no curso de suas ações na forma como ele significa a “riqueza” das pessoas a quem socorre. Daniel consegue enxergar bens, riquezas nos parcos pertences de sua vítima no incêndio da palafita.

No processo de perspectivação das vítimas, das suas condições físicas, sociais e materiais, Daniel traz outro aspecto presente em todas as entrevistas deste estudo, a ambiguidade de colocar-se no lugar dessa vítima sem jamais tornar-se como ela.

> “Acho que quando a gente diz vidas alheias e riquezas salvar, a primeira é a vida do cara, tirar o cara dali. Vamos dizer assim num incêndio, já que você falou vidas alheias e RIQUEZAS salvar. Vamos trabalhar em cima disso... Você vai pra uma palafita dessas num incêndio, as casas tudo de madeira, o cara só tem aquela caixinha de papelão ali com 4 rolos de roupa, é o que ele tem pra ir catar lixo. A gente chama de lixo, mas é o material reciclado do cara. Aquela caixa de papelão e o fogão velho que ele pegou é o guarda-roupas dele, tá entendendo? Então, quando você vai pra um local desse pra apagar um incêndio desse aí, você tira o cara de lá de dentro e o que você puder tirar desse cidadão de lá de dentro pra que ele tenha o mínimo de dignidade do lado de fora, o que eu conseguir salvar. Então eu não vou encharcar a casa de papelão do cara ali pra apagar um foco pequeno, digamos assim. Eu preciso tentar preservar o que o cara tem, o que ele possa sabe, deu pra salvar isso aqui, vou ficar com isso aqui. Não perder tudo. Quando a gente fala vidas alheias riquezas salvar é nessa condição. Tira o cara primeiro, salva a vida dele e depois a gente vai ver o que a gente consegue fazer com os bens que ele tem. (...). Mas, o que a gente puder fazer, a gente vai fazer. Porque isso é sistemático, a gente tem que se colocar no lugar do cara.”

> “Então, é você se colocar no lugar do cara que tá ali na frente, que tá ali no chão, que tá ali no asfalto quente, meio-dia, ali na Agamenon Magalhães, tal, esperando socorro. Então você vai lá, socorre o cara, dá essa condição à vida do cara. E a riqueza é isso, é o bem que ele tá lá com ele. Tentar preservar para o cara não sai tão lesado disso tudo que aconteceu. (...) Esse é o lema realmente do que o bombeiro preza. Isso é o que eu trago pra mim. Posso não ser o melhor, mas eu visto a minha camisa e faço parte do jogo ali”.

Fazendo um aprofundamento pontual nos enunciados de Daniel, percebemos uma relação entre o mito coletivo bombeiro militar expresso em forma de lema “vidas alheias, riquezas salvar” e a dimensão fantásmica do participante que passou a balizar a ação criativa na hora do combate ao incêndio e do socorro.

Temos aqui uma dimensão criativa, pois Daniel perspectiva e parece conseguir sair da posição em que está e deslocar-se pra o lugar dessa outridade vítima para além dos protocolos e manuais de serviço. O fragmento de fala dá pistas de que na

profissão bombeiro militar e talvez em outras profissões no contexto de emergência e risco, ou ainda nas profissões de pronto-socorro, os valores são importantes não só para superar as ambivalências e manter a ação, mas também para dar conta do que deve ser priorizado subjetivamente sem ferir protocolos técnicos e normas de segurança.

Esta tomada de decisão parece implicar uma carga afetiva muito forte, onde Daniel faz essa costura dos mitos coletivos que apontam para esses valores compartilhados, mas que são significados por ele de forma particular através dos esquemas fantásmicos, permitindo-lhe ver na caixa e a muda de roupa uma riqueza.

Considerando que a dimensão afetivo-valorativa balizou a ação de Daniel e que esta não é um protocolo, mas interfere na forma como ele “dosa” a quantidade de água necessária para apagar o fogo preservando o que for possível dos pertences da vítima, temos um produto criativo, uma ação criativa. Pois, Daniel 1) perspectivou o lugar dessa outridade vítima, 2) transformou os mitos coletivos através das experiências particulares que lhe permitiram se solidarizar com a forma de vida daquela pessoa e, 3) recriou a ação quando, ao invés de enxarcar tudo para só retirar a pessoa, ele priorizou a vida e também preservou o que entendeu como riqueza da vítima.

Esta ação tem uma dimensão ética muito importante, pois, no sentido backthiniano, o bombeiro está lidando com o “não-álibi” do ser e isso é uma dimensão criativa muito grande. E ele faz o que não é protocolo sem ferir o protocolo, essa adaptação não é uma transgressão, é uma produção, o protocolo regula a segurança e técnica do salvamento, mas essa adaptação que Daniel fez é uma produção criativa balizada por valores e afetos.

Passaremos agora à síntese dos perfis, trajetórias e valores inicialmente caracterizados no primeiro momento de coleta de dados aqui denominado de entrevista “tornar-se bombeiro militar”.

11 SÍNTESE DE PERFIS, TRAJETÓRIAS E VALORES:

A entrevista individual que denominamos “tornar-se bombeiro militar” buscou pistas sobre os perfis dos participantes Maria, Felipe, Saulo e Daniel em as suas trajetórias, seus valores e modos de se relacionar com o trabalho, a fim de investigar como essas dimensões podem se fazer presentes nas ações desses profissionais.

Na ocasião da pesquisa, o participante Felipe, com 36 anos de idade, sendo 7 anos de serviço como bombeiro militar estava em processo de deixar a corporação bombeiro militar estadual para se dedicar a um mestrado na carreira jurídica fora do país. Felipe foi o único participante a relatar que ser bombeiro era um sonho de infância concretizado na vida adulta.

Iniciamos esta síntese considerando que Ernest Boesch (1984) não define afeto, mas sim esquemas afetivos como experiências de afetos que são reguladores da ação criando padrões recorrentes de agir e reagir do indivíduo.

Maria, Saul e Daniel se aproximam em suas trajetórias por relatarem que ser bombeiro nunca foi um sonho, mas sim uma oportunidade de estabilidade profissional e financeira por meio do concurso público. Maria sonhava ser jornalista e assim o fez por um tempo, Saul passou por várias profissões e Daniel, por haver nascido no interior do estado, apenas vislumbrava dois caminhos possíveis: trabalhar no comércio local ou passar em um concurso público. Estes participantes também partilham do encantamento pela profissão que aconteceu quando estes efetivamente se tornaram bombeiros militares.

Lançando luz sobre a dimensão subjetiva de regulação afetiva em diálogo com os valores no modo como os participantes deste estudo agem e criam soluções e superam as ambiguidades na experiência no atendimento pré-hospitalar no Corpo de Bombeiros Militar, verificamos que todos os quatro participantes do estudo relatam a atividade bombeiro militar como missão divina e acreditam estar investidos de tal missão como instrumentos de Deus para intervir nos momentos mais difíceis das vidas das pessoas a que socorrem.

Sobre este aspecto, o trabalho dos bombeiros militares participantes do estudo implica lidar o tempo inteiro com a dualidade vida e morte. A Psicanálise postula que lidar com a morte seria lidar com o campo do irrepresentável, pois, como não há uma experiência de morte sua, não há a possibilidade de representá-la, não há uma memória de morte.

Entretanto, a dualidade morte-vida está o tempo inteiro presente na outridade vítima que é responsiva. A morte do outro, a carne do outro, o sangue do outro também lembram a própria morte, a própria carne, o próprio sangue. Aqui, temos por hipótese que “ser um instrumento de Deus” apareça como esse signo, esse filtro, que permite que eles consigam se confrontar no cotidiano da profissão com aquilo que é a dimensão mais evitada da vida: a morte.

Assim, há neste ponto a criação de formas que não são defensivas, mas sim produtivas de lidar com essa dimensão que talvez extrapole os signos que estes bombeiros dispõem para organizar a carga emocional de lidar com essa gangorra vida e morte.

Do ponto de vista da corporeidade, fazer parte do “corpo de bombeiros”, implica o “corpo do bombeiro a serviço de”, o “corpo que socorre”, o corpo que é instrumento, ou que é uma “ferramenta ambulante de socorrer pessoas” como referiu Felipe.

Entendemos os aspectos aqui levantados como sendo da dimensão afetiva por comporem um sistema de experiências e antecipações dos quais os bombeiros militares participantes fazem parte e que de alguma forma resumem, diferenciam e extrapolam as suas experiências de ações pessoais. A importância dessa dimensão afetiva está na constatação de que a ação não é idêntica ao afeto, mas os afetos sendo reguladores da ação contribuem consideravelmente para o estabelecimento das suas metas, seu curso, seu sucesso e seu produto criativo que neste caso é sempre uma versão da ação dentro do campo potencial.

Importante salientar que neste versionamento criativo onde o processo e o produto são a própria ação, a criatividade não se traduz como transgressão ou como oposição ao que já está posto em termos de regras e protocolos. Esta versão situada no campo dos possíveis combina domínio, expertise técnica, valores e afetos para o surgimento do novo.

A versão da ação aqui situada como emergência do novo na ação de pronto-socorrismo também é uma construção sempre própria do sujeito naquilo que é também da unicidade da situação e da responsividade do ator bombeiro militar que sempre construirá outras versões relação ao prescrito e ao procedural.

A dimensão dialógica inerente ao processo do socorro pré-hospitalar situada na borda bombeiro-vítima implica uma fronteira que caracteriza o campo acional onde estão dispostos em uma porosidade os mitos coletivos, os valores compartilhados, as dimensões fantásmicas e os protocolos.

Os dados apontam para uma ação que vai sendo balizada, vai transformando o potencial da ação simbólica, e sujeito vai singularizando os registros afetivos fantásmicos e míticos no campo da corporação, da sociedade e de uma forma geral, da cultura da qual participa, para lidar com essa outridade que é responsiva e que é o tempo inteiro perspectivada por ele.

Assim, surge a novidade, surge esse produto criativo que é sempre um versionamento ou uma outra versão no campo dos possíveis, pois não há criatividade do zero, e quanto mais expertise e mais domínio o sujeito tem, mais pequenos versionamentos particulares ele lança mão para que, com segurança, esse outro vítima não seja só um objeto de um conjunto de procedimentos. Isto ficou demonstrado quando Daniel dosou a quantidade de água tentando preservar os pertences da vítima após garantir a sua vida.

Nessas ações criativas, o outro não pode ser nem tão subjetivado a ponto de ser um espelho, como acontece ao socorrer familiares ou pessoas próximas, também não pode ser tão objetificado que esse bombeiro seja insensível à dor dele. Existem muitos elementos rotacionando nessa fronteira criativa, nessa borda bombeiro-vítima que é pervasiva e transformativa em que a agência desse bombeiro vai sempre depender de uma perspectivação que também vai ser sensível, senciente, inclusive no nível corporificado, com a dor dessa outridade que é a vítima.

Os dados também dão pistas da origem dessa porosidade transformadora que vem como uma resposta à vida da vítima, uma resposta ao como essa vítima se mostra viva no sentido de reativa, responsiva. Percebe-se um movimento sensível entre esses bombeiros como se existisse o que aqui chamaremos de uma “distância ótima” nessa dobra onde o bombeiro não subjetiva a ponto de ficar tão próximo para ser destituído do meu saber e capacidade de atuar, nem a objetifica tanto a ponto de se tornar uma peça de uma engrenagem num socorro que seria mecanizado.

Vale salientar que os participantes do estudo a cada plantão de serviço lidam com a unicidade de cada salvamento, onde nenhum salvamento é igual ao outro e, em termos dialógicos, eles próprios também nunca são os mesmos em cada ocorrência, pois vão se transformando responsivamente a cada uma delas. Desta forma, os dados das entrevistas iniciais já lançam pistas de como esses bombeiros conseguem perspectivar, de um lado os protocolos e manuais e de outro a ocorrência, a vítima ou o que podemos chamar daquilo que grita por socorro.

A “distância ótima” a qual já nos referimos seria aquela onde esse profissional consegue se sensibilizar, mas não a ponto de se destituir daquilo que é: o bombeiro socorrista. Pois, em última instância, o que essa vítima pode simbolizar nesse campo potencial de fronteira é a própria morte. Daí, a recorrência de relatos de horror à possibilidade de socorrer familiares.

A gramática familiar aparece também como vetor afetivo forte na baliza das ações e decisões desses profissionais. As suas próprias famílias e as famílias de suas vítimas aparecem constantemente como dimensão balizadora e transformadora dos esquemas acionados em suas tomadas de decisão e na sustentação das suas ações nos momentos de quebras e incertezas.

O “retornar para a família” após os serviços também é um vetor afetivo forte e recorrente entre os participantes deste estudo. Este vetor afetivo surge tanto para pensar na dramaticidade da situação da vítima, quanto no retorno à casa. Há ainda um horror na possibilidade de socorrer uma pessoa da família, uma pessoa muito próxima. O movimento de perspectivação e diferenciação do outro a que os participantes recorrem o tempo inteiro na dinâmica de aproximação não objetificante e distanciamento necessário para atuar parece não acontecer de forma eficiente quando o outro é alguém muito próximo, é familiar, é a própria carne.

Também cabe retomar aqui que um mito é um padrão coletivo superordenado de explicação e motivação que regula as ações das pessoas (VASCONCELOS, 2012) e passa a fazer parte da experiência do indivíduo sendo assimilados como fantasmas.

O participante Daniel dá pistas de como assimilou “vidas alheias e riquezas salvar” e como estes fantasmas balizam as suas decisões e orientam as suas ações, quer seja no combate a um incêndio em uma palafita, quer seja no socorro a uma vítima no asfalto quente da Avenida Agamenon Magalhães.

Os esquemas afetivos se articulam com o campo dos valores na medida em que estes valores, enquanto signos hipergeneralizados, também são ativamente internalizados em construções singulares. Assim, os valores como os observados nas trajetórias dos participantes do estudo, tais como coragem, altruísmo, companheirismo e outros, surgem de significados co-construídos ao longo de suas experiências e desenham a dimensão moral das interações desses bombeiros em relação à família, ao trabalho e a outras outridades nas relações cotidianas.

Maria descreve a separação eu-outro para lidar com situações de socorro onde entende que as vítimas estão em sofrimento, mas consegue lidar com tranquilidade.

Quando a vítima era o seu avô, o movimento natural de se deslocar exotopicamente entre as posições de socorrista e vítima a que ela estava acostumada não aconteceu com a mesma naturalidade. Tratava-se do seu avô, figura familiar próxima.

A ambivalência na fala de Maria se mostra quando ela descreve como foi socorrer o seu avô, uma quebra ou uma menor estabilidade de significações prévias que ela tem sobre socorrer as pessoas. Há um relato de não conseguir agir como agiria com alguém desconhecido, uma reflexão sobre o que poderia fazer e não fez, uma ênfase quando aumenta o tom de voz com certo espanto de dizer que conseguiu "AMARRAR O AVÔ". Maria também faz uma reflexão sobre "se impor" diante de vítimas agressivas para "não perder o controle da situação" e sobre não ter conseguido manter esse controle com uma figura de intimidade, uma figura da família, um patriarca, um avô.

Saul refere que "a gente nunca tá preparado pra atender alguém que é muito próximo do círculo de confiança nosso. E aquelas pessoas mais próximas, minha mãe, meu pai, minha esposa, minha filha... Então, esse momento sim, eu nunca fui testado pra isso. Eu peço a Deus nunca passar por isso" e Felipe também diz que "a gente se acostuma a atender a pessoa que está sofrendo, reduzir o sofrimento ou entender que ela morreu. Mas, não está acostumado a ver pessoas queridas sofrendo ou ver pessoas desesperadas (familiares das vítimas) por algo que a gente não consegue controlar, que é a morte". Daniel também relata um caso conhecido entre os participantes, de um socorro onde a vítima era mãe do bombeiro socorrista e como isso afetou não só o socorrista, mas os colegas também. Assim, a família e o campo de valores envolvidos nesse signo parecem interferir no campo potencial de ação dos participantes, neste caso, restringindo os seus potenciais de ação.

Entendemos aqui os esquemas afetivos e os valores como sendo cultivados na trajetória de cada participante, como sendo da ordem de uma outridade que mobiliza e que transforma afetos que marcam as identidades dos sujeitos permitindo que estes superem as ambivalências emergentes no curso das suas ações, o que é essencial para a emergência criativa, para o atravessamento das experiências.

Os valores cultivados pela corporação como a hierarquia e a disciplina e companheirismo ou espírito de corpo parecem favorecer a organização das divisões de tarefas, a comunicação entre membros das equipes em situações de emergência e risco com compressão do tempo de resposta desses profissionais.

O ato de servir, o altruísmo e o colocar-se no lugar do outro aparecem como importantes esquemas afetivos entre todos os profissionais participantes do estudo. A vida humana, seja ela a vida da vítima, seja a vida do profissional bombeiro militar participante da pesquisa, seja a vida dos companheiros de Corporação sempre aparece como bem maior a ser salvo, preservado.

Mais uma vez, os signos hipergeneralizados aparecem como balizadores das decisões e ações, ajudando na constituição do senso de identidade dos sujeitos e orientando os processos de significação que podem levar à mudança. Esses valores alinhados com as práticas desses bombeiros dão propósito à ação, participam da construção do senso moral e quanto mais sutis e carregados de afeto, mais eficientes são na sustentação da ação.

Para melhor compreensão da participação articulada dos esquemas afetivos com os valores na ação criativa dos bombeiros militares durante as ações no socorro pré-hospitalar, é interessante aqui retomar a noção de campo de ação como espaço constituído por objetos interrelacionados e o tempo, experimentados como sucessões passadas e antecipadas de eventos. Assim, poder localizar a sua ação dentro de um campo total de ação, julgar antecipadamente as próprias limitações e barreiras e as suas alternativas, antecipar efeitos ou compensações, exerce impacto na ação desses indivíduos e são indispensáveis ao surgimento do novo aqui entendidos como versionamentos dentro desse campo potencial de ação.

É sabido que a priorização e fiel cumprimento dos protocolos e manuais de segurança é característico das profissões que atuam em contextos de emergência e risco, até porque os riscos precisam ser mitigados o tempo inteiro. Assim acontece com o contexto de trabalho dos bombeiros militares participantes deste estudo.

Falar de criatividade na ação desses profissionais pode ser assustador, pois criar, no senso comum, pode significar invenção ou transgressão do curso esperado da ação daquele profissional que tem procedimentos e técnicas definidos e protocolares. Os nossos achados, porém, apontam para uma criatividade que não só não é transgressora dos protocolos, como também é essencial para a tomada de decisão e sustentação da ação desses profissionais.

12 ANÁLISE DOS DIÁRIOS AUTOBIOGRÁFICOS

Como já explicitado, na interpretação dialógica dos diários autobiográficos utilizaremos de forma mais verticalizada os cinco eixos de análise (1- perspectiva, 2- corporeidade, 3- temporalidade, 4- uso de instrumentos, e 5- signos orientadores da ação), não apenas localizando-os, mas investigando como estes dialogam com o surgimento da novidade através das tensões que aparecem nos dados.

Os participantes do estudo tiveram um período de 30 dias corridos para realizar os seus registros diários autobiográficos, conforme Tabela 2 (p. 63). A quantidade de registros realizada variou bastante entre eles, entre 2 e 12 registros. Para tal, apresentaremos uma sequência dos registros autobiográficos realizados escolhidos para esta análise e seus respectivos enunciados das entrevistas sobre esses registros. A sequência de trechos dos diários autobiográficos e seus respectivos enunciados quando abordados nas entrevistas sobre tais produções seguirá a seguinte ordem:

- 3 registros autobiográficos e seus respectivos trechos de entrevista da bombeira Maria;

- 2 registros autobiográficos e seus respectivos trechos de entrevista do bombeiro Felipe;

- 2 registros autobiográficos e seus respectivos trechos de entrevista do bombeiro Saul;

- 1 registro autobiográfico e seu respectivo trecho de entrevista do bombeiro Daniel;

Também buscaremos pistas da dimensão afetivo-cognitiva balizadora das ações, das dualidades que tensionam o campo acional desses bombeiros, e buscaremos identificar o surgimento do novo enquanto uma versão de ação no campo dos possíveis na atuação desses profissionais.

Salientamos que os eixos da ação tendem a aparecer interligados, destacando-se mais ou menos a depender do momento abordado na interpretação dos dados nas reconstruções das experiências dos participantes. Isto pela característica holística e por isso sempre englobante dos cinco eixos, sendo estes destacados ao longo da interpretação se sobressaem aos demais também presentes na reconstrução do vivido. Na interpretação, buscaremos demonstrar porque certos eixos se destacam

em determinados momentos em sua ênfase e em suas tensões com os seus possíveis opostos.

12.1 DIÁRIOS AUTOBIOGRÁFICOS DE MARIA

12.1.1 Trecho 1 do diário autobiográfico de Maria

> “Agora eu consegui descansar um pouco depois das dez e eu jurava que já era umas três da manhã porque eu realmente consegui descansar, mas /bradou e o coração vai a mil. A gente tá indo pra uma ocorrência (...), por mais que a gente procure estar preparada, estar sempre preparada, mas o coração ele responde na hora. ... ((sirenes ao fundo)). Sempre que eu assumo o serviço pela manhã, na conferência dos materiais eu colocava... sempre checava meu próprio... alguns sinais mesmo, vitais. E todo serviço quando eu assumia os batimentos estavam lá em cima e depois com o tempo eles voltavam ao normal ((risos)) (...), é como se fosse uma chavezinha que virasse. Apesar de a gente ser bombeiro toda hora, chega uma hora ali na viatura que tudo pode acontecer.”

No primeiro enunciado do diário autobiográfico de Maria, a temporalidade surge entrelaçada à corporeidade, demonstrando que na experiência corporificada da passagem do tempo, o corpo dá sinais de cansaço ou de recuperação pós-descanso que são indicativos da passagem do tempo. No fragmento de fala, a sensação de descanso do corpo faz Maria crer que mais tempo havia se passado, assim o tempo cronológico não coincide com o tempo da experiência.

A corporeidade surge como agenciadora de sentidos em diversos momentos, quando Maria refere o que “o coração vai a mil” ou que “o coração responde na hora”, ou ainda quando relata que os sinais vitais se alteram no início do serviço e logo em seguida, significa essa experiência corporal como uma “chavezinha que vira”, possivelmente como uma mudança de atmosfera quando ela diz que “chega uma hora ali na viatura que tudo pode acontecer”, a dimensão do imprevisível, mais uma vez a temporalidade expressa através da força da indeterminação do futuro.

Ao ser convidada a falar sobre o trecho do diário autobiográfico que acabamos de ler, Maria relata, na entrevista sobre os seus registros:

> “... eu lembrei da ocorrência... eu não tinha o costume de aferir os meus sinais. Até porque eu não gosto de usar o material da viatura em mim. Eu geralmente passo álcool. Mas, eu coloco na luva e vejo e sempre os sinais eles aparecem. Depois eu comparei até com o relógio que dá os batimentos também. Isso pode ser algo do serviço mesmo, de estar assumindo, ou pode ser algo meu, assim de puxar a responsabilidade pra mim. (...) Então, no começo eu pego aquela responsabilidade pra mim de conferir os materiais, se aparecer alguém na rua precisando eu vou ter que resolver, se tiver uma

ocorrência de grande vulto como é que a gente vai fazer? Talvez tudo isso fique lá guardadinho na gente e se demonstre através dos sinais" (Fragmento da entrevista de Maria sobre o trecho 1 do diário autobiográfico).

Este relato dá pistas de como Maria significa os marcadores fisiológicos (batimentos cardíacos e adrenalina) que verifica nos equipamentos e sente no próprio corpo como uma espécie de marcador de que o serviço começou e que na indeterminação do futuro, tudo pode acontecer. Ela refere ainda que mesmo não gostando de usar materiais da viatura em si mesma, assim o faz com a proteção de luvas e álcool (eixo uso de instrumentos) e sempre verifica o próprio batimento cardíaco acelerado. Ela significa isso como sendo um marcador da responsabilidade que se manifesta no corpo ou ainda como algo que pode estar "guardado" e se manifesta no corpo através deste marcador.

O "não gostar" de utilizar os equipamentos da viatura em si própria pode guardar tanto características de evitação de contato com tais equipamentos por questões sanitárias, daí o uso de luvas e álcool, como também, de forma não excludente, pode indicar questões sígnico-afetivas ligadas ao fato de que os equipamentos da viatura aproximam a bombeira Maria de lugar que é das vítimas, uma posição evitada por todos os participantes da pesquisa.

Temos pistas de um versionamento da ação de fazer a conferência do equipamento no início do serviço, uma dimensão criativa da ação quando Maria subjetiva a experiência, os sinais que experimenta no corpo, atribuindo a estes significados de responsabilidade de resolver situações diante da dimensão do imprevisível, da indeterminação do futuro que lhe é posta no início dos serviços. Não temos aqui um obstáculo no curso da ação e também não identificamos emergência do novo em termos de criatividade improvisacional, porém é possível verificar o contexto em termos de indícios dos vetores afetivos e valorativos que possivelmente balizarão as ações de Maria durante a sua atuação durante o serviço.

A temporalidade que aparece na tensão entre o tempo cronológico e o tempo da experiência, assim como na indeterminação do futuro no campo dos possíveis; o uso dos instrumentos que aludem às affordances que são construídas no processo de percepção e significação do ambiente; e a corporeidade que é pervasiva a todos os eixos de análise considerando que toda a experiência do sujeito é corporificada, além de aparecer como agência de sentidos e transformação das experiências corporais

em signos valorativos que participam do surgimento da novidade transformando e versionando a ação de Maria em uma realidade social do contexto de trabalho.

12.1.2 Trecho 2 do diário autobiográfico de Maria

"Esta semana que passou eu fui na escola da minha sobrinha, a primeira feira de ciências dela, ela tem quatro anos. (...) Quando chegou na escola, ela disse 'professora, a minha tia é bombeira', e ficou mostrando pra todo mundo... Eu costumo levar ela no quartel e faz um tempo que eu não levo... É algo que foi passado pra mim pelos meus tios que são concursados também, mas o amor por servir, o amor por prestar um serviço à sociedade, de alguma forma, porque eles são policiais e eu segui a carreira militar no Corpo de Bombeiros. Não é diretamente assim uma atividade policial, mas sou militar e eu tenho muito orgulho e eu gosto que a minha sobrinha sinta também isso porque eu senti isso com os meus tios. E eu fico feliz de saber que isso está sendo passado à frente na família."

Ao longo da interpretação dos dados da pesquisa, o signo família se mostrou como um vetor afetivo muito forte e como signo orientador das ações dos bombeiros militares participantes do estudo. Maria traz na sua trajetória uma importante influência da família na escolha da profissão bombeiro militar e tenta passar à frente o que chamou de "amor por servir, amor por prestar um serviço à sociedade". Sobre esta produção do diário autobiográfico, Maria refere que:

... quando eu coloquei a farda só pra testar pra formatura, eu me emocionei. Eu falei assim, caramba, será que eu mereço vestir essa farda? (...) E até hoje eu me pergunto: será que eu sou digna? De realmente dizer assim: eu sou bombeira. E ser bombeira é chegar pra resolver o que ninguém quer resolver... Eu disse a minha mãe: mainha olha que farda linda! Quando eu vejo o emblema no meu peito eu oro, eu agradeço a Deus de verdade! Vez por outra eu olho o meu fardamento e agradeço: Senhor, obrigada por ter me escolhido pra essa missão. Faz quatro anos que eu sou bombeira e eu continuo com esse sentimento de gratidão a Deus por estar onde eu estou. Por Ele ter me escolhido. Porque na minha cabeça, ser bombeiro é uma missão de verdade. (Fragmento da entrevista de Maria sobre o trecho 2 do diário autobiográfico)

A dignidade aparece como valor importante e a atividade bombeiro militar é significada como missão divina, onde Maria agradece por ter sido escolhida para esta missão. A dualidade ser alguém escolhido por Deus / ser pessoa comum é recorrente nos enunciados dos quatro participantes deste estudo e parece indicar uma tensão importante onde parece haver uma negociação de sentidos entre o heroísmo que envolve a profissão significada como missão a alguém escolhido por Deus e a fragilidade humana de uma pessoa comum.

Os significados presentes na cultura do bombeiro militar estão também imbricados com o signo “missão”, pois há para Maria e para os demais participantes bombeiros militares da pesquisa, uma missão a ser cumprida. Esses vetores afetivos parecem balizar as ações, principalmente diante dos contratempos e das ambiguidades.

12.1.3 Trecho 3 do diário autobiográfico de Maria

“Até porque a sociedade cobra a gente. Muitas vezes eu estou na academia e o pessoal sabe que eu sou bombeira e diz assim ‘ah, ela tem o corpo assim porque ela é bombeira’ ou ‘ela faz isso porque ela é bombeira’. Eu lembro que fui fazer uma aula de pole dance e eu subi na barra e fiquei lá, foi até fácil pra mim, e a professora elogiou minha força nos braços e a menina disse ‘ah, é porque ela é bombeira’. As pessoas meio que esquecem da gente. Não é porque eu sou bombeira, é uma facilidade minha mesmo, em relação ao braço, ao porte físico magrinha, mas com músculos definidos, pois puxei a genética do meu pai. ... Mas, acho que as pessoas invertem muito.”

No início deste trecho de fala de Maria em seu diário autobiográfico, ela faz um movimento de perspectivação (eixo 1) em relação à posição externa, a audiência aqui é a sociedade. A perspectiva é importante movimento exotópico demonstrativo das interações de Maria com a audiência aqui expressa como a sociedade no curso de suas ações, condição indispensável para o processo criativo descrito por Glăveanu (2015).

Outra importante tensão dialógica é a que envolve o ser bombeira / ser pessoa comum, ou ainda a tensão mérito / invisibilidade. Maria refere que o fato de ser bombeira faz com que as pessoas “esquecem” dela, das suas facilidades para algumas atividades e até da sua genética. Essa tensão também pode ser identificada na dualidade identidade bombeira / singularidade da pessoa. O trecho de fala lança pistas de como ela negocia a dimensão do juízo dos outros e como ela se reveste destes signos para dar conta do trabalho como bombeira militar.

Na entrevista sobre as produções do diário autobiográfico, acerca deste trecho de fala, Maria refere que:

“A primeira sensação é que eu ouvi os áudios e eu penso mesmo desse jeito. Que a gente bombeiro não tem peito de aço que vai resolver tudo. Não é assim. É muita coisa. A gente costuma pagar esse embuste de que quando ninguém resolve o bombeiro resolve, somos o melhor, somos o mais rápido. Existe muito isso mesmo dentro da corporação. Eu não acho isso ruim não. Mas, a gente precisa saber onde tá pisando de verdade, tanto em relação ao que eu posso fazer ali fisicamente

falando, quanto emocionalmente falando... A impressão é que me colocam numa caixinha assim: você é bombeira, isso é o esperado de você. Mais ou menos isso. Isso meio que tira o meu mérito. Eu faço algo porque eu sou bombeira. Eu nem chego nos lugares dizendo que sou bombeira, apesar do orgulho." (Fragmento da entrevista de Maria sobre o trecho 3 do diário autobiográfico)

Verificamos aqui uma ambivalência entre o que Maria refere ao dizer que "a gente bombeiro não tem peito de aço que vai resolver tudo" e o que ela refere na entrevista sobre o trecho 2 do seu diário sobre "ser bombeira é chegar pra resolver o que ninguém quer resolver". Uma tensão entre o lugar que lhe é colocado e o lugar dos possíveis, onde ela é, ao mesmo tampo, socialmente demandada e demandante de si mesma.

Esta ambivalência parece guardar relações com a tensão entre ser um bombeiro escolhido para uma missão e ser uma pessoa comum, vulnerável. Nessa negociação de sentidos, ser escolhido ou escolhida para uma missão que "quando ninguém resolve o bombeiro resolve, somos o melhor, somos o mais rápido" distancia esses profissionais da sua própria vulnerabilidade enquanto pessoas comuns para lançarem-se em socorro de outras pessoas no contexto de emergência e risco.

A tensão mérito / invisibilidade se repete na fala "A impressão é que me colocam numa caixinha assim: você é bombeira, isso é o esperado de você. Mais ou menos isso. Isso meio que tira o meu mérito". Aqui a expressão da dimensão fantásmica dos mitemas relacionados à figura do bombeiro militar, daquilo que culturalmente constitui as características desse profissional e de como Maria introjeta esses mitemas.

12.2 DIÁRIOS AUTOBIOGRÁFICOS DE FELIPE

12.2.1 Trecho 1 do diário autobiográfico de Felipe

"Hoje eu resolvi falar sobre o serviço de ontem (...), quando a gente fica vinte e quatro horas de serviço o quartel se torna realmente uma família, se torna uma segunda casa pra gente. O horário de jantar todo mundo junto, as reuniões nossas lá, contar histórias ou assistir a um jogo que tá passando na tv, nos intervalos entre uma ocorrência e outra, a gente percebe que é uma família e cada dia que a gente tá lá, tem um membro diferente daquela família naquela casa (...) A gente tem essa peculiaridade. ... Hoje, inaugurando o meu diário, eu queria falar sobre isso, sobre o sentimento de família que a gente tem lá na corporação e por isso eu acredito que fica mais fácil na hora da atividade fim de socorrer porque a gente acaba se tornando um time entrosado."

O processo criativo dialógico objeto deste estudo é histórico e intersubjetivo, o fragmento de fala de Felipe nos remete às relações de confiança dentro da equipe de bombeiros militares de serviço.

Considerando os possíveis sentidos do vetor afetivo família, ele traz o sentido de um campo intersubjetivo de histórias compartilhadas dialogicamente, de relações de confiança estabelecidas historicamente. Este não é o único sentido de família possível, considerando que uma corporação, uma equipe ou uma família podem constituir espaços de disputa e negociação intensas também. Porém, o sentido de família abordado por todos os participantes da pesquisa como importante vetor afetivo é o sentido de convergência, de relações de confiança construídas entre equipes de serviço.

Sobre estes registros do diário autobiográfico, Felipe refere que:

> “Eu percebi com o passar do tempo que quanto mais a gente interage mais as coisas vão ficando mais fáceis. Todo mundo meio que se conhece aí no quartel... Tem gente que fundou o quartel lá. Então, eu acho que a gente falou sobre isso na outra entrevista, a questão da passagem de conhecimento do pessoal mais antigo pro pessoal mais moderno. Então, isso existe muito lá... Só que a cultura do bombeiro, como é também da polícia, é bem mais arraigada porque estamos lá vinte e quatro horas, né. Você pensa você chegar, a cada três dias, você acorda de manhã, chega de manhã, toma café da manhã com essas pessoas, passa todo o dia e só vai embora no outro dia? Então, é muito entrosamento, muito entrosamento! Fora, vamos colocar aí os serviços extra. Então, tem gente que vê muito mais alguns colegas de trabalho do que os filhos que saem e vão pra escola ou que quando ele volta estão dormindo. É entrosamento de família mesmo. Isso resulta nas atividades de trabalho.” (Fragmento da entrevista de Felipe sobre o trecho 1 do diário autobiográfico)

Como já abordado anteriormente, a família, enquanto vetor afetivo importante tanto para pensar na dramaticidade da situação da vítima, quanto para o retorno à própria família, a casa, aquilo que é próprio, aqui também aparece como significação nas relações estabelecidas entre colegas de trabalho contribuindo para a coesão, para o entrosamento, para a convergência que tem se mostrando como importante aspecto para o sucesso das ações em contextos de emergência e risco nos nossos estudos. Para Felipe, o tempo de convivência aperfeiçoa, afina, torna a equipe mais coesa, mais eficiente e deixa o trabalho mais fácil.

Este dado da importância de um campo intersubjetivo de histórias dialogicamente compartilhadas, de relações de confiança historicamente construídas,

e de alinhamento e convergência entre membros da equipe para o sucesso das ações e o atingimento das metas esteve presente na primeira pesquisa (FRANÇA, 2019).

12.2.2 Trecho 2 do diário autobiográfico de Felipe

"Eu lembro que na época de guarda vida, quando chegava um dia antes do serviço, ou na mesma semana, se a lua tivesse cheia eu já sabia que era dia de trabalhar muito por causa dos movimentos de maré e tal... No quartel de atendimento pré-hospitalar a gente não tem muita noção quanto a isso. Cada dia é um mistério. A gente percebe que no início do mês, por volta da primeira semana, até dia cinco, quando o pessoal recebe dinheiro, começa a aparecer algumas coisas mais críticas, mas não tem muito essa noção do que pode acontecer. Então, domingo eu tô de serviço de novo, vamos ver no que vai dar."

O eixo temporalidade mais uma vez aparece. Neste registro do diário autobiográfico de Felipe as significações aludem à força da indeterminação do futuro. Sobre este registro, Felipe refere que:

"... no GBMAR, no serviço de guarda vida, se eu estou no posto como o posto do Pina ou Acaiaca que são postos mais perigosos e era lua cheia, acabou-se. Era dia de dormir cedo, se preparar, não malhar no dia anterior, pois já teve caso de eu me exercitar no dia anterior e pegar pesado e foi bastante pesado um salvamento que marcou a minha vida no Bombeiro. Eu tinha me exercitado bastante, perna, e precisei dela demais e, graças a Deus deu certo, mas eu pensei que ia morrer. Tive plena convicção de que ia morrer... Nessa ocorrência que eu fui e me marcou, pra você ter noção, o tempo pra mim começou a passar diferente, como se tivesse tudo em câmera lenta, comecei a perceber muita coisa ao mesmo tempo. Pra você ver que pico de adrenalina, como tava rodando diferente a minha cabeça. O APH não tem isso. Bradou a ocorrência a gente tem dois minutos pra sair com a viatura, a gente vai escutando do rádio o que acontece durante a ocorrência, vai se preparando... E quando a gente entra no cenário pra atuar, geralmente eu consigo me desligar de tudo que está ao meu redor e foco, tenho um hiperfoco ali e resolvendo a situação que normalmente a gente tá acostumado. Ou a gente vai ter que parar pra pensar demais porque tem que tirar uma pessoa de maca por escada, ou tem que pensar como vou amarrar aquela pessoa na prancha pra o corpo dela não fazer peso no osso que fraturou, então é diferente, tem um pouco de estratégia." (Fragmento da entrevista de Felipe sobre o trecho 2 do diário autobiográfico)

Felipe traz inicialmente a corporeidade como forma de estar no socorro, como experiência corporificada de salvamento no mar onde o corpo é ferramenta de salvamento de outro corpo, o corpo que salva e que é exigido até a exaustão.

Neste enunciado, a temporalidade primeiro como passagem de tempo para aquisição de experiência, quando Felipe compara o serviço de guarda-vidas com o

serviço de atendimento pré-hospitalar e, com base na experiência que adquiriu ao longo do tempo, percebe condições mais propícias ou não para ocorrências nos dois contextos. Num segundo momento, a temporalidade surge como o tempo da experiência de perigo e morte iminente quando Felipe reconstrói uma experiência marcante de salvamento no mar.: “o tempo passando diferente, em câmera lenta, percebendo muita coisa ao mesmo tempo”.

A experiência de salvamento no mar descrita por Felipe traz a tensão da dualidade vida / morte, pois para salvar uma vida, ele refere que teve “plena certeza de que iria morrer”. Esta tensão vida e morte na reconstrução da experiência de Felipe aparece com muita afinidade ao eixo corporeidade, não só quando ele refere que no salvamento aquático utiliza o “corpo e a técnica” para salvar, mas também porque enfatiza que nesse tipo de salvamento o seu corpo “entra na área de risco”. Temos então um corpo instrumento, um corpo que salva e experiencia a área de risco (de morte) junto com o corpo que será salvo (o da vítima).

Felipe termina o enunciado falando que tem que pensar mais “para tirar uma pessoa de maca por escada, ou tem que pensar como vou amarrar aquela pessoa na prancha pra o corpo dela não fazer peso no osso que fraturou, então é diferente, tem um pouco de estratégia”. Esta fala aponta justamente para as ações criativas entendidas aqui como versionamentos dentro do campo dos possíveis e sem quebra dos ensinamentos técnicos e protocolos de segurança.

O que Felipe descreve como “estratégias” são produções da criatividade cotidiana no contexto laboral de bombeiros militares nas ações de pronto socorrismo. A emergência da novidade acontece numa borda entre o bombeiro militar e o objetivo (missão de salvar, socorrer), onde se encontram os vetores sígnico-afetivos, as tensões dialógicas, os mitos, mitemas, fantasmas pessoais, expertise técnica, e todos os aspectos da materialidade, da sociabilidade e da temporalidade.

12.3 DIÁRIOS AUTOBIOGRÁFICOS DE SAUL

12.3.1 Trecho 1 do diário autobiográfico de Saul

“Estou enviando um vídeo sobre uma operação de busca de vítima de soterramento. A última vítima estava desaparecida já há alguns dias. Nós encontramos a vítima. A gente só conseguiu identificar ela já amanhecendo o dia. Foram 24 horas de serviço pesado, mas que culminou, graças a Deus com o resgate do corpo da última vítima, dando alento tanto aos parentes quanto aos vizinhos.”

VÍDEO 1: Vídeo de 48 segundos mostrando um trator e bombeiros em meio aos escombros de um deslizamento de terra.

Figura 3 – Imagem do vídeo 1
Fonte: a autora, 2023.

Na minha memória, o que se destaca dessa ocorrência, do que eu me lembro, foi o trabalho exaustivo... Então a gente começou o trabalho. E, apesar de o ânimo ser muito bom, foi cansativo. Eu me vejo como um cara um pouco mais rústico, são poucas as coisas que conseguem me derrubar. Mas, eu senti o fardo pesado. ... O desgaste era tanto que tinha momentos que eu tava em pé e sofria apagões, eu balançava assim e ficava de pé, brincava com os colegas, falava com eles pra eu não apagar, porque eu tava exausto. Porque foi o dia inteiro tirando barro, tirando vigas de concreto, cortando, suspeita de que ainda tinha vítimas. Então a gente botava o corpo pra gerar a 200 por hora pra ver se conseguia encontrar alguma coisa, então o desgaste físico foi imenso... Enquanto eu não consigo encontrar, eu não consigo descansar porque eu sei que essa senhora tem um pai, tem uma mãe, tem um filho. Pra mim, a angústia dessas pessoas esperando encontrar, eu pergunto por que eu vou ficar deitado descansando sem encontrar esse parente? Eu não me sentiria bem...” (Fragmento da entrevista de Saul sobre o trecho 1 do diário autobiográfico)

Os fragmentos de fala do bombeiro Saul revelam vetores afetivos recorrentes entre os participantes do estudo: família e Deus. Na reconstrução da experiência de resgate do corpo da última vítima das chuvas fortes de maio de 2022, ele parece orientar suas ações no sentido de trazer alento à família e vizinhos da vítima fatal.

Os relatos de cansaço físico extremo revelam o uso do corpo, o corpo de bombeiros, o corpo em função do salvamento. Saul refere uma situação exaustiva de remoção de barro, entulho e concreto na operação de busca de vítimas de deslizamento de terra. Refere que na tentativa de encontrar os corpos das vítimas colocou o corpo para “gerar a 200 por hora” e colocou o próprio cansaço em segundo plano para tentar trazer alento aos familiares da vítima desaparecida.

Neste fragmento de fala, a corporeidade aparece mais uma vez de forma pervasiva aos demais eixos, pois o uso de ferramentas para remover entulhos se confunde com o uso que o bombeiro faz do próprio corpo, da própria resistência física. Os signos orientadores da ação, principalmente as significações de família, de cumprimento da missão surgem como motores da ação diante da exaustão. A perspectivação dos vizinhos e familiares permite a Saul orientar sua ação deslocando-se entre posições, dando pistas de que esta interação entre ator (bombeiro) e audiência (parentes e vizinhos) atuou de forma importante na ação em que ele refere que não consegue descansar enquanto não encontrar o corpo vítima trazendo alento a essas pessoas.

12.3.2 Trecho 2 do diário autobiográfico de Saul

Vídeo de 27 segundos mostrando a mala do carro particular do bombeiro militar Saul com diversos equipamentos de salvamento pouco antes deste sair de casa para mais um dia de serviço.

Figura 4 – Imagem do vídeo 2

Fonte: a autora, 2023.

> “Saindo para trabalhar de manhã cedo. Olha aí como é o carro de bombeiro, logo cedo (mostra os materiais). Estou indo para o quartel, então, preparado para encarar qualquer situação no meio do caminho. Começando o dia, bom dia!”
>
> ((Sorri)) É que às vezes quando eu saio com o carro desse jeito meus colegas dizem ‘Tu vai pro shopping assim? Tu é muito abestalhado’... Eu digo que a gente não sabe o que vai encontrar lá, mas que vou estar preparado. Nesse dia aí eu tava indo pro quartel, cedo, tudo preparado. Mas, quando eu volto, eu não tiro nada do carro fica tudo preparado lá. A não ser que eu vá usar a mala. E, mesmo assim, quando eu vou usar a mala do carro eu jogo tudo pro banco da frente. Como eu tinha dito, o bombeiro é aquela profissão que fica intrínseca na gente... Mas, a intenção principal, se eu chego num evento e me deparo com uma situação, a minha vontade vai ser de ajudar. Vou querer ajudar, fazer alguma coisa. E se eu tiver deixado em casa? Eu já passei por isso quando eu era soldado. Eu estou sempre com as minhas coisas comigo. (Fragmento da entrevista de Saul sobre o trecho 2 do diário autobiográfico)

Nestes fragmentos de fala podemos inferir um certo entrelaçamento entre os eixos uso de instrumentos e temporalidade para darem conta da indeterminação do futuro, da dimensão do imprevisível. Para dar conta do que pode acontecer, ainda que fora do horário do serviço, Saul carrega em seu veículo particular diversos materiais de salvamento / socorro e refere que a intenção é “estar preparado para enfrentar qualquer situação no meio do caminho”.

Diante da dimensão do imprevisível, ele perspectiva um futuro de possíveis cenários e situações em que poderia atuar utilizando os instrumentos que carrega consigo no carro: “Eu digo que a gente não sabe o que vai encontrar lá, mas que vou estar preparado”. Esta prontidão parece ser comum, em maior ou menor grau, entre os participantes deste estudo.

Verificamos no enunciado os meios simbólicos que Saul utiliza no seu engajamento e experiência de ser um bombeiro militar, onde este se desloca para um futuro perspectivado onde pode ser demandado a ajudar e também a um passado experienciado onde precisou atuar e não estava de posse do seu material.

O enunciado não descreve uma ação criativa em si, um ajuste ao contexto dinâmico pra um obstáculo com poder de parar a ação ou ainda um versionamento das ações possíveis, mas aponta aspectos da materialidade, da sociabilidade e da temporalidade que estão necessariamente presentes quando falamos de uma criatividade distribuída, relacional e de desenvolvimento com ênfase no eu – outras relações simbólicas – materiais – passadas – presentes – futuras que transformam a

ação criativa em uma realidade social dentro de uma temporalidade, como descrito por Glăveanu (2015).

12.4 DIÁRIOS AUTOBIOGRÁFICOS DE DANIEL

12.4.1 Trecho do diário autobiográfico de Daniel

> “Estando de serviço hoje aqui na BR-232 tá tendo uma reforma. Aí tá bem engarrafado. Tá horrível! A gente foi acionado por uma unidade hospitalar, a UPA de Paulista, para fazer o transporte de uma idosa, cardiopata, enfim, para o Hospital Pelópidas Silveira. Aí, quando eu cheguei na BR sentido hospital, nossa, muito engarrafado. Aí eu fiz o retorno e peguei a mão que vem para o Recife na contramão. Vim pela contramão uns duzentos a trezentos metros, um engarrafamento medonho, pra tentar deixar a senhorinha lá em tempo hábil, pois já fazia, já ia fazer as quatro horas que ela tinha tomado a medicação trombolítica pra que não saísse mais trombos e ela tivesse outro AVC (acidente vascular cerebral). Essa hoje foi uma situação bem atípica do serviço. Nesse caso você tenta o quanto antes levar a vítima. Teve um cara que parou na frente num carro e não saía porque estava distraído no telefone. Eu tive que descer da viatura e bater no vidro do carro dele pra mostrar a viatura pra ele andar com o carro, enfim... Essa situação de querer resolver e entregar a pessoa com vida na unidade hospitalar e cumprir a missão.”

Iniciamos a interpretação deste trecho a partir de quatro importantes eixos de análise: a temporalidade, o uso de instrumentos, a perspectiva e os signos orientadores da ação, sem perder de vista o fato de que o eixo corporeidade é pervasivo, considerando a noção merleau-pontyniana de que toda experiência se dá por meio de um corpo que está no mundo.

A temporalidade na experiência reconstruída por Daniel está diretamente ligada à condição clínica de sua vítima, esta condição é denominada pelos bombeiros como o tempo da vítima. Na experiência relatada por Daniel há uma compressão do tempo para que a vítima chegue à unidade hospitalar e receba a medicação trombolítica.

A perspectiva permite que Daniel, em movimentos exotópicos, se desloque entre posições, especialmente a da sua vítima na ocasião, revelando outro importante eixo no curso da ação: os signos orientadores da ação. Assim, ele perspectiva a sua vítima e nos processos de significação os signos família, mãe e missão ativam os mitemas e fantasmas pessoais de forma muito importante para a superação das ambivalências e solução dos atropelos que se apresentam.

As significações presentes no enunciado de cumprir a missão aparecem diante de um contratempo que se impõe no caminho até o objetivo de entregar a paciente na unidade hospitalar em tempo hábil. A missão aqui parece carregar mitemas da cultura bombeiro militar que ativam esquemas fantásmicos de Daniel no sentido de

ultrapassar esses contratempos para o alcance da meta. Para isto, Daniel está o tempo todo negociando as significações, gerenciando riscos e versionando dentro de um campo potencial de ação.

Considerando que o eixo uso de instrumentos busca captar aspectos que aludam às affordances que são construídas na percepção e significação do ambiente, ampliando ou restringindo o campo de ação dos sujeitos, a sua importância na dinâmica criativa da experiência de Daniel está na percepção de uma rota alternativa de menos movimento (a contramão), na ação de descer da viatura para alertar o condutor desatento.

Poderíamos indagar se descer da viatura para alertar o condutor desatento não seria algo da ordem do trivial. Mas, considerando que Daniel estava diante de um obstáculo que impunha descontinuidade com potencial de parar a ação em curso, captamos neste momento a emergência do novo na instância da criatividade cotidiana improvisacional. O produto criativo é a performance, a própria ação de identificar outro caminho e, dentro das regras do contexto (com uso de sinalização, sirene ligada, aviso aos condutores) empreendeu o um percurso que o permitiu "cumprir a missão".

Sem perder de vista os aspectos social, material e temporal envolvidos na dinâmica criativa e que buscamos captar através dos eixos de análise, também verificamos os vetores afetivos participando da deliberação, da tomada de decisão que iniciou a performance, ao mesmo tempo processo e produto criativo.

Sobre este registro do diário autobiográfico, Daniel refere que:

"Eu achei esse registro relevante pelo estado que estava a mulher. Ela já tinha tido 2 a 3 AVCs. Tava medicada direitinho, mas precisava ser urgentemente removida e já faziam mais de 2 horas que ela tinha tomado a medicação, o trombolítico. Todas são de relevância, de emergência, mas essa era uma senhorinha, ela tinha 78 anos, a idade da minha mãe e isso me comoveu muito. E também quem tava lá olhava ela como um parente seu, uma vozinha, bem desidratada, magrinha. Ela era bem pequenininha mesmo, um metro e sessenta, um e cinquenta e oito. Era tão pequenininha que na cama você nem a via, e tinha um olhar perdido, assim, confusa, (...) Então eu fiquei assim bem emotivo, não é interessante que isso aconteça, mas às vezes a gente acaba se envolvendo ... Eu disse "A gente vai ter que entrar por aqui mesmo, porque se a gente entrar nesse engarrafamento com um carro grande, carro grande não tem como manobrar numa avenida. Como ele vai dar espaço pra gente?" E tivemos que ir na contramão, pedir a Deus e sair na frente sinalizando, pedindo para as pessoas reduzirem a velocidade, sirene alta, e a gente foi chegar no hospital pela contramão e graças a Deus deu tudo certo. Chegou a tempo e entregou ela, graças a Deus." (Fragmento da entrevista de Daniel sobre o trecho 1 do diário autobiográfico)

Os vetores afetivos família e Deus se reafirmam nos enunciados e balizam a ação criativa que surge como versionamento da condução à unidade hospitalar, onde Daniel precisa, com segurança e obediência aos protocolos, utilizar um trecho da contramão para “entregar a sua vítima com vida no hospital” e “cumprir a missão”. Observe-se que nos contextos de emergência e risco com necessidade de protocolos e regras de segurança, a criatividade não se configura como transgressão ou como oposição ao que já está posto em termos de regras e protocolos, mas como versão possível que combina domínio, expertise técnica, valores e afetos para o surgimento do novo.

13 ANÁLISE DA ENTREVISTA COLETIVA

Nesta seção passaremos às interpretações dos trechos selecionados da entrevista coletiva com a participação dos quatro participantes da pesquisa (Maria, Felipe, Saul e Daniel), que tentou capturar o registro coletivo das dimensões afetivo-simbólicas na ação criativa nas experiências compartilhadas por eles.

Esta etapa de entrevista coletiva com os quatro participantes teve por objetivo ampliar a compreensão sobre o registro simbólico-afetivo e do exercício da atividade bombeiro militar e emergência do novo ao longo das produções recebidas nas etapas anteriores de coleta de dados.

A entrevista aconteceu em uma sala de reuniões do grupamento bombeiro militar de atendimento pré-hospitalar a que pertencem os quatro participantes e teve duração total de 50:57 (cinquenta minutos e cinquenta e sete segundos). Foram selecionados três fragmentos de fala com base nos registros das dimensões afetivo simbólicas que se apresentaram nas reconstruções das experiências em grupo.

13.1 FRAGMENTO 1 DA ENTREVISTA COLETIVA

"SAUL: É que o sistema ósseo é enervado, bem enervado, e é doloroso, porém, a fratura tinha sido completa, tava virada, e aí como tava parado a fratura, ele (a vítima) não sentia dor no momento porque não havia crepitação nem havia perfuração da musculatura naquele local devido à imobilidade que ele estava. Aí quando a gente chegou no local e o pessoal tava sem material, não sabia como ia fazer aquela ação pra reverter. Aí eu pedi que a equipe preparasse primeiro a tala, que deixasse pronta, e a gente só ia começar a movimentar quando tivesse tudo pronto porque ia ser uma movimentação única, do começo ao fim. E eu avisei à vítima: Relaxe a musculatura, não faça força quando movimentar. A gente sabe que pode doer, mas a gente vai fazer o possível para não doer. (...) Então, a gente segurou a parte pra baixo próximo à articulação, ali onde ser formou a fratura, segurou ali e segurou na extremidade, e a gente fez a movimentação da perna pra cima e girou ela de volta fazendo tração, tracionando para que a estrutura óssea que tava aqui ((continua explicando com gestos)) quando ela subisse não pudesse trepidar. Ela ficasse assim ((mostra com os dedos das mãos))."

Figura 4 – Imagem da gravação da entrevista coletiva
Fonte: a autora, 2023.

O primeiro trecho da entrevista coletiva destacado para interpretação é de uma experiência vivida por dois dos participantes quando estes estavam em um serviço de recolhimento de macas nas unidades hospitalares e se depararam com uma situação de vítima com fratura em uma das pernas. A experiência é contada por Saul.

Identificamos na reconstrução da experiência o eixo perspectiva que sempre está atrelado à característica responsiva da vítima que é o tempo todo perspectivada pelo bombeiro socorrista. De forma semelhante às demais experiências de atendimento pré-hospitalar relatadas ao longo desta pesquisa, o bombeiro socorrista sempre perspectiva a sua vítima lhe atribuindo sentimentos, pensamentos e muitas vezes inferindo sensações de dor ou medo, por exemplo. Esta vítima, por sua vez, é responsiva em sua fala, olhar, expressões de dor e sinais vitais aferidos pelos socorristas que “respondem” dando informações mesmo das vítimas desacordadas. O trânsito entre as posições de bombeiro socorrista e vítima no trabalho de perspectivação é indispensável para a ação e carregado de significações, pois a vítima sempre é o filho, a mãe, o pai, o familiar de alguém, este dado também aparece ao longo dos enunciados dos participantes da pesquisa.

O eixo uso de instrumentos, neste caso, está diretamente conectado com o obstáculo que se impõe na experiência de ação reconstruída: a falta do material adequado. Na ocasião descrita, os participantes estavam recolhendo macas em uma viatura que à época não carregava o material adequado para atendimento de vítimas.

Temos então, a descontinuidade, a quebra como contexto para o surgimento do novo em termos de criatividade improvisacional.

Considerando o conhecimento técnico que aqui pode ser entendido através da definição de domínio (GLĂVEANU, 2012) descrito na seção 4.1 deste estudo, os participantes passam a descrever a ação que aqui tomamos como emergência do novo em termos de criatividade improvisacional, a versão da ação dentro do campo dos possíveis revelado nas circunstâncias que se impuseram na experiência ora reconstruída na situação de entrevista.

13.2 FRAGMENTO 2 DA ENTREVISTA COLETIVA

> "DANIEL: Teve uma também, tava eu tu ((Felipe)) e xxx ((nome de outro colega não participante da pesquisa)). Foi uma queda de moto aqui nesse cruzamento da Agamenon, aí a gente foi atender, fez o atendimento, tal, imobilizou o cara (vítima) do jeito que ele tava com a camisa ((faz gestos para explicar)), tal, como ele tava com a camisa a gente tinha feito a tipoia, passou a atadura, aproveitou. Aí foi pro hospital HR, (...) Aí chegou lá e quando xxx chegou aqui disse "olha, quem foi que fez a imobilização do rapaz ali do acidente?". Eu disse foi nós três aqui da equipe. Ele disse "eu tô perguntando isso porque o cirurgião lá parabenizou a forma como vocês imobilizaram o braço do cara". Isso porque ele chegou completamente imóvel com o braço e isso foi muito bom porque a fratura dele era muito séria mesmo. A clavícula dele tava fraturada e tava perfurando um órgão dele, eu não lembro bem ao certo. Ele disse que a forma que vocês imobilizaram e não rasgaram a camisa deixou o braço dele bastante imóvel e foi essencial para que o cara não se agravasse."

O segundo trecho da entrevista destacado para análise descreve um socorro que envolve imobilização do braço da vítima. Além de ficar clara a importância do domínio, da expertise técnica e experiência de atendimentos anteriores para a ação ora descrita, aqui de forma semelhante ao trecho de fala imediatamente anterior, o domínio e a experiência parecer estar em grau tão elevado quanto à capacidade criativa improvisacional, deixando os participantes em melhores condições de dar à ação o ajuste necessário com resultado bem-sucedido e com potencial de compor o repertório de ações futuras. O ajuste ao contexto dinâmico da ocorrência considerando todas as circunstâncias impostas, inclusive o tipo de fratura e a vestimenta da vítima é exposto no enunciado "como ele tava com a camisa a gente tinha feito a tipoia, passou a atadura, aproveitou".

O eixo uso de instrumentos está presente e neste trecho nos remete às affordances que foram significadas ampliando o campo de ação e ainda gerando aprendizagem do ajuste bem-sucedido ora realizado no contexto com potencial de compor o repertório de ações futuras não só dos participantes que estiveram na

situação, mas, a depender do compartilhamento da experiência, influenciar ações de colegas.

O reconhecimento do médico sobre a técnica utilizada e o não agravamento da situação clínica da vítima pela forma como ela foi atendida carrega aspectos afetivos e valorativos de dever cumprido, de sucesso, de contribuição com a vida da vítima e aparecem como balizadores da ação descrita e possivelmente das ações futuras.

13.3 FRAGMENTO 3 DA ENTREVISTA COLETIVA

> “FELIPE: Eu acho que existe também um negócio de a gente tem dentro da gente, o pessoal que trabalha há muito tempo já, e existe um entendimento de liderança de certos... de certas personagens do quartel. Por exemplo, o sargento Saul tem muita experiência, quando chega em uma situação que trava, como tavam contando da ocorrência que a vítima tava com a perna atrás da cabeça, ou quando tem uma amarração diferente pra descer uma vítima de um local diferente, geralmente, a gente tende a, além da hierarquia, quando à hierarquia já fugiu a solução do problema, a gente tende a escutar algumas pessoas que têm essa situação de liderança no quartel. Então, quando a gente tá em grupo já tem aquele toque de bola, como eu te disse, a gente vive aqui como uma família, sai de casa pra passar aqui um dia todinho completo. E, a gente se conhece muito bem aqui e sabe que pessoas como o sargento Saul tem umas ideias bem... pelo tanto de experiência... Então, Maria é a mais nova em tempo de serviço e acho que de idade também, mas vamos supor que ela teve uma experiência X em tal momento e diz “naquele dia eu consegui resolver assim”, então a gente tem esse senso de parar, escutar e de repente vem uma ideia boa ali e vai solucionar.”

No terceiro trecho da entrevista coletiva destacado para interpretação verificamos aspectos que aludem à atribuição de certo grau de liderança e reconhecimento em relação aos bombeiros mais experientes do grupamento. Neste caso, o participante Saul é relatado como alguém experiente que sempre tem “boas ideias”.

Estes enunciados nos remetem ao reconhecimento do domínio dos mais experientes e com mais prática profissional (hábito fortemente estabelecido), como é o caso do participante Saul. As boas ideias que lhe são atribuídas parecem ser justamente as soluções, os ajustes ao contexto dinâmico sem negligenciar o conjunto de regras estabelecidas, expressos através de ações criativas improvisacionais. O relato aponta para um hábito fortemente estabelecido através do conhecimento técnico e experiência profissional aliado a uma elevada capacidade criativa improvisacional para dar solução aos obstáculos e descontinuidades descritos por Felipe como sendo “quando chega em uma situação que trava”.

Percebe-se na fala de Felipe com assentimento dos demais participantes, um paralelo entre a grande experiência acumulada de Saul e a ainda pouca experiência profissional de Maria, porém com possibilidade de compartilhamento de experiências também por parte dos menos experientes que podem também apresentar soluções e ajustes aos contextos dinâmicos de atuação desses profissionais. Pois, como já fora discutido na seção sobre as instâncias da expressão criativa, hábitos mais ou menos estabelecidos não ditam a qualidade da expressão criativa no continuum hábito-criatividade.

Considerando que estamos aqui tratando de um processo criativo que é relacional, histórico e intersubjetivo, as relações de confiança da equipe são valorizadas e apontadas como facilitadoras da ação e preditoras de sucesso no alcance das metas. Felipe utiliza a metáfora “toque de bola” para expressar essas relações. A situação da entrevista coletiva favorece no grupo de participantes uma espécie de reconhecimento mútuo das posições de cada um.

A valorização das relações de confiança entre os componentes da equipe de serviço que resulta no que Felipe chamou de “toque de bola” junto com os treinamentos e a cultura bombeiro militar parece fortalecer a convergência nas ações desses profissionais e é fruto de uma história compartilhada dialogicamente, de relações de confiança estabelecidas historicamente, como o papel de Saul e as relações do grupo construídas com ele.

A força intersubjetiva da coletividade já estava presente nos achados do estudo anterior e parecem ser significadas pelos membros das equipes de emergência e risco estudadas de forma afetivo-valorativa fortalecendo relações de confiança que ajudam a lidar com as tensões vida/morte, bombeiro/vítima, ser escolhido de Deus/ser pessoa comum, entre outras nas ações para salvar e socorrer pessoas.

14 CONCLUSÕES

Ao longo do estudo sobre os processos criativos em um contexto laboral de emergência e risco fora do campo das artes, nas ações de bombeiros militares no atendimento pré-hospitalar, verificamos que nos momentos de quebras e descontinuidades com potencial de interrupção da ação e comprometimento do alcance da meta, o domínio expresso na qualidade técnica e nas experiências de atendimentos anteriores com o balizamento das dinâmicas afetiva e valorativa dentro de um habitus (conjunto de condições e regras) se combinam para o surgimento da novidade em um processo de expressão da criatividade cotidiana improvisacional com objetivo de ajustar dinamicamente a ação superando obstáculos.

O contexto social, material e temporal da criatividade enquanto processo distribuído, relacional e de desenvolvimento foi investigado com ajuda dos cinco eixos de análise construídos para fins dos estudos da criatividade cotidiana em contexto laboral de emergência e risco, sendo eles: perspectiva, corporeidade, temporalidade, uso de instrumentos e signos orientadores da ação.

O Eixo 1 – Perspectiva tinha por objetivo reconhecer o trabalho de perspectivação do sujeito através dos movimentos exotópicos, lançando luz sobre a demanda perspectivante do sujeito nesses movimentos na busca de se colocar no lugar de um outro, destacando-se assim a interação entre o ator e a audiência no curso da ação.

Nas reconstruções das experiências dos participantes deste estudo os movimentos exotópicos entre as diversas posições (colegas de equipe, vítimas, médicos, família, sociedade, amigos, instituição, estado e outras), aumentaram a reflexividade e construíram novas perspectivas criando condições para o surgimento do novo em formato de performance, de ação criativa.

O Eixo 2 – Corporeidade orientou-se a captar a corporeidade agenciadora de sentidos que participam de um corpo que é situado e que pode inclusive produzir sentidos que questionam significações dadas pela racionalidade.

A importância inicial da corporeidade está na premissa de que o corpo é a forma de ser no mundo, de que todas as funções psicológicas estão ancoradas na corporeidade, inclusive a criatividade. Por isto o corpo é pervasivo a todos os eixos de análise, mas, nas interpretações se destacou nos processos de perspectivação e significação imprescindíveis para o surgimento do novo. Assim, a corporeidade se

evidenciou neste estudo como importante para o surgimento da novidade na medida em que é pressuposto para a tomada de perspectiva, pois a perspectiva é sempre sensível, senciente e encarnada.

A corporeidade agenciadora de sentidos é verificada em diversos enunciados, tais como quando Maria refere que “o coração vai a mil” ou que o “coração responde na hora” e que isso é um sinal de que ela assumiu a responsabilidade e “tudo pode acontecer” (p. 92).

O próprio sentido de integrar o “Corpo de Bombeiros” aponta para “o corpo a serviço de”, um corpo que salva. O corpo é ainda a forma de estar no socorro sendo referido como “uma ferramenta de socorrer pessoas” (p. 77).

O Eixo 3 – Temporalidade buscou fragmentos enunciativos indicadores de dilatação ou compressão do tempo subjetivo da experiência (duração), assim como significações alusivas à força da indeterminação do futuro e à própria situação reconstrutiva da experiência proporcionada pela situação da pesquisa. A compressão do tempo de resposta é uma característica da atividade de atendimento pré-hospitalar, assim como das atividades de socorro e salvamento de pessoas de uma forma geral.

Neste estudo, a temporalidade esteve dinamicamente entrelaçada à perspectiva quando os participantes recorriam às experiências anteriores e perspectivavam o futuro e a sua audiência (vítima, família, médicos, instituição e outras) para deliberarem e agirem criativamente, ajustando, combinando, resolvendo impasses e contornando descontinuidades com potencial ameaçador ao curso da ação e ao atingimento da meta (socorro): emergência do novo. Desta forma, presente, passado e futuro estiveram dinamicamente interligados na ação criativa historicamente orientada para o futuro (GLĂVEANU, 2015).

O Eixo 4 – Uso de Instrumentos objetivou verificar nas reconstruções do vivido pelos participantes aspectos alusivos às affordances da materialidade semiotizada na experiência que ampliaram ou restringiram o campo da ação dos sujeitos participantes, promovendo usos mais ou menos inovadores dos instrumentos.

Este eixo se mostrou importante nas reconstruções do vivido pelos participantes da pesquisa no sentido de surgirem com frequência na percepção e significação do ambiente nos momentos em que era necessário transpor um obstáculo como no caso do engarrafamento relatado por Daniel (p. 104) ou ainda em um socorro sem todos os materiais adequados como no socorro relatado por Saul (p. 105).

O uso de instrumentos surgiu muitas vezes ligado ao conhecimento técnico e experiência de atendimentos facilitando os processos de significações na produção da novidade, como relatado por Felipe “eu não deixo de ser bombeiro porque aonde eu for eu já tenho técnica suficiente pra fazer o que eu sei fazer de diversas formas, ainda que eu não esteja com um equipamento na mão. A gente aprende tanto de desenvolver novas formas mesmo sem o equipamento, que hoje em dia eu sou uma ferramenta ambulante de socorrer pessoas” (p. 77).

Em outros momentos, o uso de instrumentos esteve ligado à temporalidade em termos de dar conta da dimensão do desconhecido (indeterminação do futuro) em relatos como o de Saul que gostava de ter seu material de socorro sempre à mão, dentro da mala do carro, ainda que nos momentos fora do serviço, referindo que “a gente não sabe o que vai encontrar lá, mas que vou estar preparado” (p. 102).

O último eixo de análise, Eixo 5 – Signos orientadores da ação, buscou marcas de signos hipergeneralizados na forma de registros fantásmicos e com articulações com o campo dos valores enquanto produções simbólicas com contiguidades com esses fantasmas e que orientaram as ações dos sujeitos.

Assim como no primeiro estudo com a tripulação, verificamos uma espécie de “motor afetivo da ação” (FRANÇA, 2019, p. 106) evidenciado nos valores que participaram ativamente da forma como os participantes performaram os seus atendimentos na atividade bombeiro militar.

Foram identificadas importantes tensões dialógicas, dentre as quais podemos destacar vida/morte, bombeiro/vítima, escolhido de Deus/pessoa comum, mérito/invisibilidade. Essas tensões aparecem dinamicamente ligadas aos vetores afetivos e valorativos intimamente ligados aos mitos e fantasmas pessoais balizando as ações e organizando as experiências dos participantes do estudo.

A afetividade balizadora das deliberações e ações no encontro do domínio (expertise técnica) com a outridade valorativa diante das descontinuidades (quebras de um futuro perspectivado) que ameaçam o curso da ação parecem dar condição ao surgimento do novo em forma de performances e/ou novas significações com potencial transformador da ação, do sujeito e da cultura.

À semelhança do estudo desenvolvido com a tripulação policial (FRANÇA, 2019), observou-se que a expertise técnica e a experiência não se configuram opostas, constrangedoras ou impeditivas dos processos criativos, mas sim muito importantes para a emergência da novidade dentro do continuum de expressões da

criatividade composto pelo hábito, pela improvisação e pela inovação (GLĂVEANU, 2012).

Ao identificar e compreender como e quando os eixos de análise apareciam, a forma como se destacavam nas tensões em diversos momentos do curso acional e como se combinavam na construção de sentidos foi possível ampliar a compreensão de como eles participam das significações e negociações que estes profissionais lançam mão para dar conta da demanda de socorrer pessoas.

Identificamos nos dados que na atividade bombeiro militar de atendimento pré-hospitalar, o surgimento da novidade acontece predominantemente na instância da criatividade cotidiana improvisacional. Cabe esclarecer que a instância improvisacional não é sinônimo de improviso por falta de planejamento, preparação ou ausência de normas, regras e protocolos, mas diz respeito aos ajustes ao contexto dinâmico da ação para dar conta das descontinuidades que geralmente surgem em circunstâncias que escapam ao poder de prescrição das normas, regulamentos e protocolos.

Apesar de a instância da criatividade cotidiana improvisacional ter se revelado de forma predominante na atividade dos bombeiros militares participantes deste estudo, infere-se que existe ação criativa cotidiana improvisacional o potencial de produzir novidades na instância da criatividade inovadora, caso as experiências vividas em termos de criatividade improvisacional despertem a intenção de criar equipamentos, treinamentos e protocolos. Isto porque, como demonstrado na pesquisa, o hábito, a improvisação e a inovação são expressões do mesmo fenômeno: a criatividade.

> ..., se tanto a improvisação quanto a inovação podem estar associadas a atividades de resolução de problemas, então esta última geralmente revela um tipo mais proativo de criatividade, onde os problemas não são simplesmente encontrados, mas muitas vezes procurados, antecipados e intencionalmente formulados. Dito isso, as fronteiras entre esses dois fenômenos muitas vezes são borradas pelo fato de que intenções criativas (específicas para inovação) tendem a existir entre outros fatores motivacionais (por exemplo, fazer um bom trabalho, fazer os outros felizes, desfrutar da atividade, etc) ... Além disso, músicos que improvisam retêm certas obras em seu repertório e as aprimoram ao longo de muitos anos, demonstrando assim como um ato de improvisação pode se tornar, com o tempo, um de inovação (GLĂVEANU, 2012, p. 88)

A criatividade compreendida enquanto processo distribuído, relacional e de desenvolvimento em um contexto social, material e temporal, além da dinâmica afetivo-valorativa presente nos dados deste estudo indicam que alguns contextos,

principalmente os organizacionais podem se mostrar mais ou menos propícios à expressão criativa.

Os achados deste estudo também apontam para o valor social e o endereçamento da ação de salvar vidas com signos de orgulho, heroísmo, altruísmo, coragem e outros. Este endereçamento e valor social da ação como dimensão axiomática de uma guinada estética parece ser central nesta equipe de bombeiros de forma semelhante aos tripulantes policiais do estudo anterior.

Entendemos que alcançamos êxito na proposta de ampliação e aprofundamento da compreensão da dimensão afetivo-cognitiva da experiência na construção dos significados na ação criativa entre bombeiros militares pernambucanos em um contexto de emergência e risco. Isto porque este estudo avança em relação modelo teórico da criatividade em uma perspectiva sociocultural criado por Glaveanu (2015), os 5 A (Ator, Ação, Audiência, Artefato e Affordances), trazendo a dinâmica afetiva atuante nos processos de emergência do novo como mais um A, o Afeto.

A dinâmica afetiva surgiu como “motor afetivo” e os valores cultivados participaram ativamente da forma como os sujeitos organizaram as suas ações que no caso eram ao mesmo tempo processo e produto criativo (performance). O afeto se apresentou pervasivo estando atuante em todos os eixos utilizados neste estudo para compreender a materialidade, a sociabilidade e a temporalidade do modelo teórico da criatividade sociocultural.

Como contribuição para o campo prático do Corpo de Bombeiros, este estudo traz ampliação conceitual acompanhada do registro das experiências desses profissionais que foram reconstruídas e significadas por eles, tendo assim o potencial de subsidiar as práticas institucionais de instrução, treinamento e cuidados aos bombeiros militares considerando a dimensão afetivo-valorativa que parece estar diretamente ligada às deliberações, ações e sustentações dessas ações para o alcance da grande meta: vidas alheias e riquezas salvar!

15 CONSIDERAÇÕS FINAIS

Concluindo a presente pesquisa que se propôs a investigar em caráter exploratório como a dimensão afetivo-cognitiva da experiência, enquanto campo dialógico e intersubjetivo, participa da construção dos significados em jogo na ação criativa cotidiana de bombeiros militares em contexto de emergência e risco, propomos algumas reflexões sobre as contribuições deste estudo para o estudo da criatividade cotidiana em contextos laborais de emergência e risco, suas limitações e possibilidades de ampliação.

Sobre as limitações deste estudo, apontamos primeiramente que os participantes desta pesquisa são bombeiros militares de um grupamento bombeiro de atendimento pré-hospitalar, não é possível estender os achados obtidos a todas as atividades laborais cotidianas de bombeiros militares em geral, isto porque as atividades se diferenciam em aspectos técnicos como combate a incêndio, salvamento aquático, salvamento em altura e outros.

Sobre os instrumentos metodológicos, verificamos que a produção dos diários de registros autobiográficos via aplicativo de mensagens instantâneas se revela como promissora para fins de estímulo os processos de significação sobre as experiências na atuação bombeiro militar, rotinas e impressões subjetivas, porém um dos participantes do estudo revelou certo grau de constrangimento em relatar o que ele definiu como “trivial” alegando que não costumava compartilhar suas rotinas de bombeiro militar com ninguém porque achava isso “infantil”.

As reconstruções do vivido parecem remeter este participante à expressão mais autêntica do que se sente: o infantil. A cultura do ser homem ou ser militar geralmente não favorecem o contato com a afetividade. Isto aponta para uma importante reflexão sobre o campo de ação desses profissionais, sobre o entrar em contato com a afetividade, com esse espaço intersubjetivo entre o eu-bombeiro em ação e o eu pessoa.

Ocorre que no campo prático, esses profissionais lidam o tempo todo com signos do risco de morte de da possibilidade de vida, num processo constante de negociações para dar conta daquilo que lhes é demandado como bombeiros e como pessoas. O contato com a dimensão afetiva por parte desses profissionais não pode acontecer de forma que venha a fragilizá-los incapacitando-os de agir nos socorros,

mas também não pode ser ignorado a ponto de gerar uma objetificação das pessoas atendidas e do próprio profissional.

Coutinho (2015) introduz o conceito da justa distância onde “A justa distância é onde as pessoas se matam ou se amam e falam. A vida se passa assim, essa é a verdade do diálogo, é por ser assim que pode criar vida” (EDUARDO COUTINHO, 2015). Também nessa justa distância se socorre pessoas, se salvam vidas.

Desenvolvemos aqui a ideia da “distância ótima” que descreve um movimento sensível nessa dobra onde o bombeiro não subjetiva a ponto de ficar tão próximo a ponto de ser destituído do seu saber e capacidade de atuar, nem a objetifica tanto a ponto de se tornar uma peça de uma engrenagem num socorro mecanizado.

Estas reflexões remetem às possíveis ligações entre vulnerabilidade e criatividade, entre a aproximação com os sentimentos e o ato criativo em contextos de emergência e risco, constituindo questões emergentes para estudos posteriores.

Os três participantes do sexo masculino fizeram uma quantidade significativamente mais baixa de registros autobiográficos quando comparados à participante do sexo feminino, indicando possível variável em relação ao gênero dos participantes como questão a ser verificada em outros estudos.

Outra possível variável em relação à produção dos diários autobiográficos diz respeito à cultura militar em contextos bastante técnicos onde não há uma propensão ou incentivo a verbalização na forma de reconstrução de experiências vividas, visto que os participantes relatam ineditismo da experiência de falar de si, do que fazem e do que pensam e sentem sobre o que fazem.

Considerando que a criatividade não existe fora de um contexto de hábitos e de maneiras já conhecidas e atuantes de estar no mundo, assim como que os processos criativos existem de forma importante e até indispensável nas atividades laborais em contextos de emergência e risco, sem ameaçar o cumprimento de regras, manuais e protocolos, se fazem necessários outros estudos para ampliar este campo conceitual e a compreensão da criatividade cotidiana em diversos outros contextos.

REFERÊNCIAS

AYUSO, A.R., TREJO, F.B. **Una revisión histórica de la obra de E. E. Boesch y de su recepción em el marco de la psicologia cultural contemporânea**. Revista de História de la Psicología. Vol 33, n. 1, p. 79 – 96. 2012.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

____. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas** / Mikhail Bakhtin; organização, tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. – São Paulo: Editora 34, 1a Edição. 2017.

____. **Os Gêneros do Discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra; 1ª. Edição – 2016 (1ª. Reimpressão 2017). São Paulo: Martins Fontes, 2017.

BOESCH E. E. **The development of affective schemata**. Hum Dev. 27(3-4):173-83. 1984.

____. **Symbolic action theory and cultural psychology**. Berlin: Springer-Verlag. 1991.

____. **The sound of the violin**. Revue Suisse de Psychologie, 52(2), 70–81.1993.

BRANCO, A.; VALSINER, J. **Cultural psychology of human values**. IAP Information Age Publishing. 2012.

BUBLITZ, 2020. **Pessoas por traz da lama: a história de seis bombeiros de Brumadinho**. GZH Geral. 22 de fev de 2019. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2019/02/pessoas-por-tras-da-lama-a-historia-de-seis-bombeiros-de-brumadinho-cjsez69n0001i01p8x01d962g.html. Acesso em: 15 de jun, 2021.

FRANÇA, V. S. S. **A pilotagem policial de helicópteros e os processos criativos: desafios e vicissitudes sobre a emergência do novo** / Vanessa da Silva Santos França. 2019. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva-UFPE.

FREIRE, S. F. C. D.; BRANCO, A. **A Teoria do Self Dialógico em Perspectiva. Psicologia: Teoria e Pesquisa**. 32. 25-33. 2016.

FREITAS, M. T. A. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 116, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s010015742002000200002&script=sci_arttext>. Acesso em: 04 jul. 2021.

____. **Creative as a sociocultural act**. The Journal for the Theory of Social Behavior, v. 49, n. 3, pp. 165-180. 2015.

____. **Habitual creativity: revising habit, reconceptualizing creativity**. Review of general psychology, 16 (1). pp. 78-92, 2012.

GLĂVEANU, V.; BRANCO, A.; NEVES-PEREIRA, M. **Creativity and Prosocial Values: Nurturing Cooperation within the Classroom**. In R. Beghetto & J. Kaufman (Eds.), Nurturing Creativity in the Classroom (Current Perspectives in Social and Behavioral Sciences, pp. 287-307). Cambridge: Cambridge University Press. 2016.

HERMANS, H. J. M. **The Dialogical Self: Toward a Theory of Personal and Cultural Positioning**. Culture & Psychology, 7(3), 243–281.2001.

MELO, S. L. **Cognição e criatividade: um estudo sobre o processo criativo em uma instituição de inovação** / Soraya Liberalquino Melo. – 2018.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

OLIVEIRA, M. C. L. de; GUIMARÃES, D. S. [Apresentação] **Dossiê: Psicologia dialógica**. Psicologia USP, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 165-167, 2016. DODANIEL: 10.1590/0103-6564D20162702. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/119759. Acesso em: 5 mai. 2021.

PINHEIRO, M. **Diários de confinamento: a emergência do novo na intimidade da relação eu-outro-mundo**. Dossiê Psicologia Social, n 32. 2020.

PINHEIRO, M.; SIMÃO, L. **Creativity and Fiction: Interpretative Horizons on the Emergence of the New in the Relationship Between Individual and Culture**. Integrative Psychological and Behavioral Science. 2021.

____. **Fiction**. 10.1007/978-3-319-98390-5_95-1. 2020.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 25. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SIMÃO, L. **Ação, Interação, Objeto e Cultura: a contribuição de Ernst Boesch**. 1999.

____. **Ensaios Dialógicos: Compartilhamento e Diferença nas relações eu outro**. São Paulo: HUCITEC. 2010.

____. **Semiose e diálogo: para onde aponta o construtivismo semiótico cultural**. In, M. T. C. C. Souza (Org.), Os sentidos de construção: o si mesmo e o mundo (pp13-24). São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004.

SIMÃO, L. M.; GUIMARÃES, D. S.; FREITAS, D. F.; BASTOS, S.; SANCHÉZ, H. **Researcher-participant relationships in different settings: Theoretical and methodological issues within the framework of semiotic-cultural constructivism**. In M. Watzlawik, A. Kriebel & J. Valsiner (Orgs.), Particulars and universals in clinical

and developmental psychology: Critical reflections, a book honoring Roger Bibace (pp. 247-269). 2015.

VALSINER, J. **Fundamentos de uma psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida**. Tradução e revisão técnica: Ana Cecília de Sousa Bastos. – Porto Alegre: Artmed, 2012.

____. **The guided mind: A sociogenetic approach to personality**. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A imaginação e a arte na infância**. Tradução (a partir do castelhano): Miguel Serras Pereira; Revisão de texto: Célia Louro. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2009.

XAVIER, L. L. **Corpo – Corporeidade Merleau-Ponty**. Universidade Federal de Goiás. Anais – Congresso de Fenomenologia da Região Centro-Oeste. 2013

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTUTADA SOBRE O TORNAR-SE BOMBEIRO MILITAR (ENTREVISTA 1)

1) Como você veio a se tornar um bombeiro militar e há quanto tempo você exerce esta profissão?

2) Para você, o que é mais importante numa operação (busca, salvamento, incêndio, sinistros e outros)?

3) Em sua opinião, qual foi o momento mais desafiador da sua vida profissional como bombeiro militar? Por quê?

4) Em sua opinião qual foi o momento mais prazeroso ou gratificante como bombeiro até hoje? Por quê?

5) Em algum momento, ocorrência, você sentiu medo? De quê? O que você pensa sobre isto?

6) Quais aspectos você mais considera enquanto está em uma ocorrência?

7) Você sente em algum momento que a doutrina e os valores bombeiro militar as suas decisões técnicas? Se sim, em que momentos? Quais são os pensamentos mais comuns nestes momentos?

8) Você já perdeu colegas em serviço?

9) Você já se sentiu influenciado nas ocorrências pelas decisões gerenciais (de comando) tomadas no âmbito da sua unidade? O que você pensa sobre isso?

10) Qual foi a sua ocorrência mais difícil? Por quê?

11) Que emoções/sentimentos você mais costuma experimentar durante as ocorrências?

12) O que é ser um bombeiro militar?

13) O que esta imagem traz à sua mente? Quais pensamentos e sentimentos ela suscita?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTUTADA SOBRE PRODUÇÕES DOS DIÁRIOS AUTOBIOGRÁFICOS (ENTREVISTA 2)

1) Como você se sentiu fazendo os registros do diário autobiográfico? Conte como foi esta experiência.
2) Como você escolheu o que registrar?
3) Você ouvia ou via seus registros antes de enviá-los?

Observação: Este roteiro só contou com apenas 3 perguntas básicas sobre como os participantes se sentiram fazendo os registros e em que circunstâncias optaram por fazê-los. As demais perguntas foram elaboradas de forma individual conforme os conteúdos dos registros.

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTUTADA COM O GRUPO DE PARTICIPANTES (ENTREVISTA COLETIVA)

1) Há quanto tempo vocês trabalham juntos como equipe?
2) Já fizeram juntos alguma outra ocorrência importante ou que mereça ser destacada? Como foi?
3) Como começa o dia de serviço de vocês?
4) Como acontece a comunicação entre vocês durante o serviço?
5) Qual foi o momento mais desafiador em ocorrência para cada um de vocês? Por quê?
6) Quais são os momentos gratificante ou de prazer durante o serviço bombeiro militar?
7) Vocês têm entre si algum tipo de divisão de tarefas? Se sim, em que se baseia essa divisão? Como é feita?
8) Como vocês compreendem o lema “Vidas alheias, riquezas, salvar!!”?
9) Para vocês o que é mais importante numa ocorrência bombeiro militar?
10) Vocês sentem medo? Se sim, de quê?
11) Que emoções/sentimentos vocês costumam experimentar durante as ocorrências? Vocês conseguem identificar em que momentos experimentaram tais sentimentos/emoções?
12) Para vocês, o que é um bombeiro militar?
13) E o que não é um bombeiro militar?